ESTUDO EXPLORATÓRIO DOS FATORES QUE AFETAM A DISTRIBUIÇÃO DA RENDA NAS MICRORREGIÕES HOMOGÊNEAS DO BRASIL

RILDO MOREIRA E MOREIRA

Engenheiro Agrônomo

Orientador: Prof Dr. RODOLFO HOFFMANN

Dissertação apresentada à Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz", da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Agronomia, Área de Concentração: Economia Agrária.

PIRACICABA

Estado de São Paulo - Brasil

Janeiro - 1992

Ficha catalográfica preparada pela Seção de Livros da
Divisão de Biblioteca e Documentação - PCLQ/USP

Moreira, Rildo Moreira e
M838e Estudo exploratório dos fatores que afetam a distribuição da renda nas microrregiões homogêneas do Brasil Piracicaba, 1992.
150p. ilus.

Diss.(Mestre) - ESALQ
Bibliografia.

1. Desenvolvimento econômico - Brasil 2. Economia agrícola - Brasil 3. Renda - Distribuição - Brasil I. Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, Piracicaba

CDD 338.13

Aos meus pais e
meus filhos

Ofereço

A minha esposa

Dedico, agradecido

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. RODOLFO HOFFMANN, pela orientação e profunda compreensão dispensadas.

À Escola Superior de Agricultura "Luiz de Querioz" e ao Departamento de Economia e Sociologia Rural, pela oportunidade.

Ao CNPq, pela bolsa de estudos concedida.

Aos professores Toshio Nojimoto, Carlos José Caetano Bacha e Paulo Fernando Cidade Araújo pelas sugestões apresentadas.

SUMARIO

Página

LISTA DE FIGURAS v

LISTA DE TABELAS vi

RESUMO viii

SUMMARY x

1. INTRODUÇAO 1

2. REVISAO DA LITERATURA 8

3. INDICADORES DE DESENVOLVIMENTO, ESCOLARIDADE E DISTRIBUIÇAO DA RENDA 19

3.1. Indicadores Derivados da Distribuição da Renda ... 23

3.2. Indicadores da Escolaridade 27

3.3. Outros Indicadores 30

4. RESULTADOS E DISCUSSAO 36

4.1.Análise das Variáveis 37

4.1.1.Indicadores do Nível e da Desigualdade da Renda 38

4.1.2.Indicadores da Pobreza 46

4.1.3.Indicadores da Escolaridade 49

4.1.4.Outros Indicadores 58

4.2. Fatores que afetam a Desigualdade da Renda 63

4.3. Fatores que afetam a Pobreza Absoluta 76

5. CONCLUSOES 82

6. REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS 87

ANEXO I 92

ANEXO II 133

ANEXO III 144

LISTA DE FIGURAS

Página

Figura 2.1.	Indices de Gini da distribuição da renda, para 56 países, divididos em sete grupos de renda, antes de considerar os impostos.	12
Figura 4.1.	Histograma relativo à distribuição da renda familiar do Estado do Ceará,em 1980.	44
Figura 4.2.	Histograma relativo à distribuição da renda familiar do Estado de São Paulo, em 1980.	44
Figura 4.3.	Histograma relativo à distribuição da renda familiar do Estado de Santa Catarina, em 1980.	45
Figura 4.4.	Histograma relativo à distribuição da renda familiar do Brasil, em 1980.	45
Figura 4.5.	Histograma relativo à distribuição da escolaridade no Estado de Santa Catarina, em 1980.	55
Figura 4.6.	Histograma relativo à distribuição da escolaridade no Estado de Alagoas, em 1980	55
Figura 4.7.	Histograma relativo à distribuição da escolaridade no Brasil, em 1980.	56

LISTA DE TABELAS

Página

Tabela 2.1. Indices de Gini da distribuição da renda para 56 países, divididos em sete grupos de renda, antes de considerar os impostos. 11

Tabela 3.1. Simbologia e definição das variáveis utilizadas. 22

Tabela 3.2. Valores médios, mínimos, máximos e desvio padrão dos indicadores do rendimento familiar em 332 Microrregiões. Brasil, 1980. 27

Tabela 3.3. Valores médios, mínimos, máximos e desvio padrão dos indicadores da escolaridade em 332 Microrregiões. Brasil,1980. 30

Tabela 3.4. Valores médios, mínimos, máximos e desvio padrão das características da distribuição da posse da terra em 332 Microrregiões. Brasil, 1980. 32

Tabela 3.5. Valores médios, mínimos, máximos e desvio padrão dos indicadores de mão-de-obra em 332 Microrregiões. Brasil, 1980. 34

Tabela 3.6. Valores médios, mínimos, máximos e desvio padrão dos fatores de ponderação e da densidade demográfica em 332 Microrregiões Brasil,1980. 35

Tabela 4.1 Características da distribuição do rendimento familiar, por Unidade da Federação. Brasil, 1980. 39

Tabela 4.2. Valores absolutos e porcentagem de famílias pobres nos estados e regiões do Brasil, 1980. 48

Tabela 4.3. Características da distribuição da escolaridade entre pessoas com 5 anos ou mais, por Unidade da Federação. Brasil, 1980. 50

Tabela 4.4. Valor absoluto e porcentagem de pessoas com 5 anos ou mais, com menos de 1 ano completo de escolaridade nos estados e regiões do Brasil, 1980. 54

Tabela 4.5. Distribuição do número de Microrregiões, por estado, para diferentes intervalos do índice de Gini da distribuição da posse da terra. Brasil, 1980. 59

Tabela 4.6. Distribuição do número de Microrregiões por estado, para diferentes intervalos da densidade demográfica. Brasil, 1980. 62

Tabela 4.7. Resultados do modelo de regressão, aplicado às regiões definidas tendo como variável dependente REGINI. 69

Tabela 4.8. Resultados do modelo de regressão, aplicado às regiões definidas tendo como variável dependente RESEN. 78

ESTUDO EXPLORATORIO DOS FATORES QUE AFETAM A DISTRIBUIÇÃO DE RENDA NAS MICRORREGIOES HOMOGENEAS DO BRASIL

Autor: Rildo Moreira e Moreira

Orientador: Prof. Dr. Rodolfo Hoffmann

RESUMO

O objetivo deste trabalho foi determinar os fatores que afetam a desigualdade da distribuição da renda e a pobreza absoluta. Para tanto foram ajustados diversos modelos de regressão a partir dos dados de 332 Microrregiões Homogêneas do Brasil, relativos a 1980.

As variáveis usadas neste trabalho podem ser agrupadas de acordo com suas características: (a) indicadores da distribuição da renda familiar; (b) indicadores da distribuição da escolaridade; (c) outros indicadores (distribuição da posse da terra, porcentagem da PEA alocada segundo setor de atividade e sexo e urbanização). Reconhecendo a influência das variações regionais sobre a desigualdade da renda, as 332 MRH foram agrupadas em seis regiões: Nordeste exclusive Bahia, Bahia, Sudeste exclusive São Paulo, São Paulo, Sul e Centro Oeste. O modelo de regressão foi ajustado separadamente para cada uma das seis regiões. Para captar as diferenças regionais em uma regressão com as 332 MRH, foram introduzidas no modelo 5 variáveis binárias.

Para a determinação dos fatores que afetam a renda e a pobreza utilizou-se a análise de regressão linear múltipla e a correlação simples das variáveis.

Os resultados mostraram que a renda e a escolaridade nas 332 MRH possuem muitas características em comum. De forma geral, as medidas de tendência central para as duas distribuições são baixas para o Nordeste e relativamente altas para as regiões Sul e Sudeste. As medidas de pobreza e de desigualdade são altas para o Nordeste e relativamente baixas para o Sul e Sudeste do país. A região Centro-Oeste apresenta valores intermediários para as variáveis de renda e escolaridade. As duas distribuições apresentam clara assimetria à direita.

A distribuição da posse da terra mostrou valores sempre elevados para as medidas de desigualdade, além de uma fortíssima assimetria à direita.

Pelas regressões ajustadas pode-se afirmar que a renda média, o quadrado da renda média, índice de Gini da escolaridade, densidade demográfica e a porcentagem da PEA que trabalha na prestação de serviços, além das variáveis binárias são aquelas com maior poder de explicação sobre a desigualdade de renda. Para a pobreza absoluta, as variáveis explanatórias mais relevantes são renda média, quadrado da renda média e índice de Gini da renda.

Os resultados dão suporte à hipótese de Kuznets. Entretanto, apenas o ramo ascendente da parábola formada pelas variáveis renda média e quadrado da renda média nas regressões de desigualdade da renda é evidenciado.

EXPLORATORY ANALYSIS OF FACTORS AFFECTING INCOME DISTRIBUTION IN BRAZILIAN MICROREGIONS

Author: Rildo Moreira e Moreira

Adviser: Prof. Dr. Rodolfo Hoffmann

SUMMARY

To determine the factors related to income inequality and absolute poverty, regression models were fitted to 332 Homogeneous Microregions of Brazil, using 1980 data.

The variables used in this study may be grouped in those related to: characteristics of family income distribution, characteristics of the distribution of education levels, characteristics of land tenure, labor force allocated in different sectors and urbanization. Due to the influence of regional variation on income inequality, the 332 microregions were grouped in six regions: the Northeast region exclusive the state of Bahia, the state of Bahia, the Southeast region exclusive the state of São Paulo, the state of São Paulo, the South region and the Midwest region. A regression model was fitted for each one of these six regions. For the model including all the 332 microregions, five dummy variables were used to catch regional disparities.

The results showed that income and education in 332 microregions have many common characteristics. In general, central tendency measures for both distributions are low for the Northeast region and relatively high for the South and Southeast regions. The poverty and income inequality measures are greater for the Northeast and relatively reduced for the South and Southeast regions. The Midwest region presents intermediate values for income and education variables. Both distributions show positive skewness.

The land tenure distribution showed large inequality and a very strong positive skewness for all regions.

The fitted regressions show that mean family income, mean family income squared, Gini ratio for school years completed, Gini ratio for land tenure and the proportion of labor force in the service sector are the variables which have more explanation power over income inequality. For absolute poverty, the relevant explanatory variables are mean family income, mean family income squared and Gini ratio for income.

The parabola relating mean family income and inequality gives support to the Kuznets' hypothesis despite the fact that the greater number of points are located to the left of its maximum point.

1. INTRODUÇÃO

O Brasil é um país que se caracteriza pela presença de desigualdades. Desde o Brasil-Colônia, na época das capitanias hereditárias, passando pela monarquia e atualmente como república, o Brasil sempre apresentou elevados níveis de desigualdade que se manifestam na distribuição dos fatores de produção, como a posse da terra e do capital, e na distribuição da renda.

Pode-se admitir que ao longo dos anos algumas dessas desigualdades foram atenuadas. Entretanto, analisando-se as últimas décadas, verifica-se que isto não ocorreu no caso da distribuição da renda. O Brasil, nas décadas de 60 e 70, apresentou resultados satisfatórios referentes à expansão do produto, mas estes resultados não se estenderam às questões de eqüidade econômica e social. Apesar de estar entre as dez maiores economias do mundo, o Brasil apresenta um nível de desigualdade na distribuição da renda bastante elevado, até quando comparado com países de pouca expressão econômica. Uma evidência empírica desta afirmação pode ser verificada pela análise do índice de Gini da distribuição da renda. Enquanto este índice, em 1970, é

em média de 0,388 para os países desenvolvidos, e 0,457 para os países subdesenvolvidos (QUAN, 1989), para o Brasil este valor é 0,575 quando se refere aos dados da renda familiar . Os 10% mais ricos da população brasileira detinham, em 1970, mais de 45% da renda total, enquanto os 50% mais pobres detinham apenas 13,6% (LLUCH, 1981).

Tal situação sugere que políticas governamentais deveriam ter sido adotadas no sentido de amenizar esta alta concentração da renda. Entretanto, durante o governo do regime militar das décadas de 60 e 70, pouco ou nada se fez neste sentido, tendo em vista a argumentação vigente de que era necessário primeiro elevar a renda nacional para depois redistribuí-la. LANGONI (1972), trabalhando com dados de 1960 e 1970, buscou provar que o aumento da concentração da renda verificada neste período nada tem a ver com as políticas adotadas pelos governos. O autor afirma que o crescimento acelerado causou um desequilíbrio na economia, que juntamente com os diferentes níveis de escolaridade e instrução dos trabalhadores, proporcionou condições para que ocorresse o aumento da concentração da renda, o que é considerado comum nos estágios iniciais de desenvolvimento. O autor defende que com o desenrolar do processo de desenvolvimento econômico, determinadas forças naturais passariam a atuar no sentido de diminuir a concentração da renda.

Na época em que foi escrito, o trabalho de Langoni podia ser visto como representante de uma corrente de pensamento

apoiada por diversos economistas, segundo a qual o aumento da desigualdade da distribuição da renda, no início do desenvolvimento, não passava de um fenômeno econômico que se corrigiria naturalmente com o tempo. Entretanto, é questionável a maneira como estes argumentos foram usados por determinados governos do Brasil para justificar os altos níveis de desigualdade da renda.

Outro grupo de economistas defende uma hipótese diferente para este aumento da desigualdade da distribuição da renda. Seus trabalhos mostram evidências empíricas de que crescimento econômico e igualdade social, a princípio, não são objetivos conflitantes. Resultados alcançados por países como Costa Rica, Colômbia e Taiwan mostram que é possível conciliar tais objetivos (Ahluwalia[1], citado por CLINE, 1975).

Além da experiência de outros países, a própria experiência brasileira não confirmou as expectativas de que menores níveis de desigualdade seriam observados nos estágios mais adiantados de crescimento econômico, como supunham governantes do regime militar. HOFFMANN & KAGEYAMA (1986) constataram que na década de 70 os problemas relacionados com a distribuição da renda não foram tão graves como os ocorridos na década de 60. Entretanto, como os próprios autores concluem, "... a modesta melhoria nos índices de desigualdade da renda entre famílias na década de 70 também não alterou o fato de ser o Brasil um dos países de renda mais concentrada no mundo."

1.AHLUWALIA, M. Dimension of the problems, in: H. Chenery, 1973.

Trabalho recente de REIS & BARROS (1990) mostra que mesmo na década de 80, houve crescimento da desigualdade entre salários recebidos em nove regiões metropolitanas do Brasil. Os autores concluem que "... esta evidência levanta sérias dúvidas sobre a hipótese de desequilíbrio originalmente proposta por Langoni".

Tais resultados sugerem que as pesquisas realizadas sobre o tema não são suficientes para definir com clareza a relação entre desigualdade da distribuição de renda e desenvolvimento econômico.

No Brasil, existem vários trabalhos que relacionam a distribuição da renda com o desenvolvimento no setor rural. Um apanhado geral destes trabalhos pode ser encontrado em TRONCOSO LEONE (1988), além de uma análise dos efeitos da modernização da agricultura na distribuição da renda do setor rural para a Bahia.

A modernização da agricultura provocou alterações nas condições e nas relações de trabalho no meio rural. O êxodo rural intenso e não planejado aumentou sobremaneira a população na periferia das cidades. Os centros urbanos não estavam dotados de infraestrutura básica suficiente para receber um excedente populacional tão elevado, o que aumentou o número de favelas, cortiços e outras condições subumanas de moradia.

As evidências empíricas mostram que as mudanças nas relações de trabalho na agricultura provocaram grande aumento na utilização de mão-de-obra temporária, que normalmente habita

na periferia das cidades e na maioria das vezes trabalha um determinado período no campo e outro na cidade, o que dificulta classificá-la como rural ou urbana (GRAZIANO DA SILVA, 1988).

Com os dados disponíveis é impossível identificar uma distribuição da renda que se relacione apenas com a agricultura. No Censo Demográfico as pessoas são classificadas de acordo com a atividade principal, mas é comum as pessoas auferirem renda de outros setores da economia.

Além da dificuldade de se identificar a renda da mão-de-obra do setor rural, existe a dificuldade de delimitar o próprio setor. Antes este setor restringia-se às atividades na fazenda, onde a agricultura produzia seus próprios insumos e poucos produtos eram processados antes de serem comercializados. Hoje a quase totalidade dos insumos utilizados na agricultura vêm da indústria (fertilizantes, herbicidas e máquinas), e a maioria dos produtos agrícolas só chega ao consumidor final depois de sofrer algum tipo de processamento industrial. É o caso da cana-de-açúcar e da soja, cuja produção é quase que totalmente industrializada, ou do tomate e da laranja, que tem parte da produção consumida "in natura" e outra industrializada. Como bem colocado por MÜLLER (1986), a agricultura transitou do predomínio do modo tradicional para o modo moderno, que combina insumos e serviços industriais com terra e trabalho. Desse modo a delimitação das fronteiras do setor agrícola se torna bastante arbitrária.

Por esta razão optou-se por um estudo que avalie as relações entre desenvolvimento econômico e renda considerando a economia global, sem separar os setores.

Dessa forma, visando contribuir para a compreensão dos condicionantes do elevado grau de desigualdade da distribuição da renda no Brasil em 1980, o presente trabalho analisa as relações existentes entre o desenvolvimento econômico, a desigualdade da distribuição da renda e a pobreza da população, o nível e a distribuição da escolaridade, utilizando dados de 332 microrregiões homogêneas (MRH) do País.

Os objetivos deste trabalho, portanto, podem ser assim definidos:

- Descrever e analisar as variáveis indicadoras de desenvolvimento econômico, renda, pobreza, posse da terra, escolaridade e PEA de acordo com as 332 MRHs;

- Testar a hipótese de que não existe a relação de "U" invertido entre o grau de desenvolvimento econômico e o nível de desigualdade da distribuição da renda;

- Analisar os efeitos do desenvolvimento econômico sobre a pobreza absoluta da população.

Para isto foi ajustado um conjunto de regressões múltiplas, onde os indicadores de pobreza absoluta e de desigualdade da distribuição da renda foram tomados como variáveis dependentes. Dado o caráter exploratório da pesquisa, diversas variáveis explanatórias foram experimentadas. Dessa

forma procurou-se determinar as variáveis explicativas das variações interregionais do grau da desigualdade da distribuição da renda e da pobreza no Brasil.

Preliminarmente foram calculados os valores da maioria das variáveis utilizadas na regressão; apenas em poucos casos esses valores estavam disponíveis na literatura.

O próximo capítulo faz um breve apanhado de parte dos trabalhos desenvolvidos sobre o assunto. O terceiro capítulo apresenta as variáveis utilizadas assim como as dificuldades encontradas por se trabalhar em nível de microrregiões homogêneas (MRH). No quarto capítulo são analisadas e discutidas as variáveis utilizadas, bem como os resultados das regressões estimadas. Segue o capítulo de conclusões, onde são destacados os principais resultados obtidos.

2. REVISÃO DA LITERATURA

E grande o número de trabalhos que estuda a relação entre desenvolvimento econômico e distribuição da renda. Trata-se de um assunto polêmico que possibilita a existência de diversas linhas de pensamento, as quais podem ser agrupadas em duas correntes principais.

Uma delas defende que a evolução das diferentes etapas do desenvolvimento econômico está associada à evolução de um perfil determinado de distribuição da renda. Tal corrente, cujo expoente é Simon Kuznets, admite que nos estágios iniciais de desenvolvimento deve ocorrer um aumento da desigualdade da distribuição da renda, resultado normal decorrente dos desequilíbrios de uma economia em crescimento. Com o desenvolvimento concretizado e a economia estabilizada, determinadas forças econômicas atuam no sentido de reduzir a desigualdade via mudanças demográficas, importância da renda dos serviços, e sindicalização de trabalhadores. Tal hipótese é conhecida como hipótese do "U" invertido ou simplesmente hipótese de Kuznets.

A segunda, conhecida como hipótese institucionalista, defende que as políticas governamentais e as estruturas institucionais são os principais determinantes do grau de desigualdade da renda do país. Assim, as características do país, como o nível educacional ou forças de ordem política e institucional, são fatores muito mais explicativos do nível de desigualdade da distribuição da renda que o estágio de desenvolvimento econômico em que o país se encontra.

Atualmente, autores de ambas as correntes admitem explicações mais conciliadoras para as forças que afetam a distribuição da renda.

Para testar a consistência de qualquer uma destas correntes, duas análises podem ser feitas. A primeira busca avaliar se existe, no longo prazo, associação entre os sucessivos estágios de desenvolvimento econômico e a desigualdade da distribuição da renda, utilizando séries de dados temporais. Nestes trabalhos pode-se avaliar a causalidade entre as variáveis. O segundo tipo de análise avalia se existe relação entre desenvolvimento econômico e desigualdade da renda com base em dados "cross-section".

A relação a longo prazo foi analisada por KUZNETS (1955) no trabalho "Economic Growth and Income Inequality", que destaca uma relação entre o desenvolvimento econômico e os níveis de desigualdade da renda gerados por mudanças na estrutura econômica. Seu trabalho baseou-se na tendência, observada neste século, de redução da desigualdade da

distribuição da renda de alguns países, hoje desenvolvidos, que Kuznets confrontou com o provável aumento da desigualdade nos estágios iniciais de industrialização destes países. Apesar do caráter especulativo, reconhecido pelo próprio autor, este trabalho obteve grande repercussão e o número significativo de seguidores fez com que se tornasse conhecida a hipótese de Kuznets ou a hipótese do "U" invertido. Os trabalhos que se seguiram ao de Kuznets procuraram mostrar evidências empíricas desta hipótese.

PAUKERT (1973) trabalhou com dados "cross-section", tendo em vista a baixa confiabilidade dos dados das séries temporais. Trabalhando com uma amostra de 56 países, o autor buscou confirmar a hipótese de Kuznets, extrapolando seus resultados para uma análise de longo prazo. Este procedimento pode levar à conclusões falsas, pois, segundo WRIGHT (1978) só é possível extrapolar tais resultados se for admitido que os países não desenvolvidos possuem as mesmas características dos países desenvolvidos quando estavam nos estágios iniciais de desenvolvimento.

Além das dificuldades de extrapolar dados "cross-section" para uma análise de longo prazo em problemas deste tipo, surge outra questão na apreciação dos resultados obtidos por Paukert. Em seu trabalho, o autor classificou a amostra de 56 países em sete grupos de acordo com a renda média. Para cada um destes grupos determinou o respectivo índice de desigualdade da renda (Gini). Estes valores podem ser encontrados na Tabela 2.1.

Tabela 2.1. Indices de Gini da distribuição da renda para 56 países, divididos em sete grupos de renda, antes de considerar os impostos.

País e Grupo	Gini	País e Grupo	Gini
GRUPO 1: ABAIXO DE $100		GRUPO 4: $301 - 500	
1.TANZANIA	0.54	29.COSTA RICA	0.50
2.BIRMANIA	0.35	30.GABÃO	0.64
3.CHADE	0.35	31.BARBADOS	0.45
4.DAOME	0.42	32.SURINAME	0.30
5.NIGERIA	0.51	33.LIBANO	0.55
6.NIGER	0.34	34.MEXICO	0.53
7.MADAGASCAR	0.53	35.JAMAICA	0.56
8.INDIA	0.33	36.CHILE	0.44
9.SUDÃO	0.40	37.PANAMA	0.48
MEDIA DO GRUPO 1:	0.42	MEDIA DO GRUPO 4:	0.49
GRUPO 2: $101 - 200		GRUPO 5: $501 - 1000	
10.PAQUISTÃO	0.37	38.AFRICA DO SUL	0.58
11.COREA DO SUL	0.26	39.GRECIA	0.38
12.BOLIVIA	0.53	40.TRINIDAD-TOBAGO	0.44
13.CEILÃO	0.44	41.ARGENTINA	0.42
14.SERRA LEOA	0.56	42.JAPÃO	0.39
15.MARROCOS	0.50	43.VENEZUELA	0.42
16.TUNISIA	0.53		
17.SENEGAL	0.56	MEDIA DO GRUPO 5:	0.44
MEDIA DO GRUPO 2:	0.47	GRUPO 6: $1001 - 2000	
		44.ITALIA	0.40
GRUPO 3: $201 - 300		45.PORTO RICO	0.44
18.EQUADOR	0.38	46.ISRAEL	0.30
19.BRASIL	0.54	47.HOLANDA	0.42
20.ZAMBIA	0.48	48.FINLANDIA	0.46
21.COSTA DO MARFIM	0.43	49.REINO UNIDO	0.38
22.PERU	0.61	50.ALEMANHA OCIDENTAL	0.45
23.FILIPINAS	0.48	51.NORUEGA	0.35
24.EL SALVADOR	0.53	52.FRANCA	0.50
25.COLOMBIA	0.62	53.AUSTRALIA	0.30
26.MALASIA	0.36		
27.IRAQUE	0.60	MEDIA DO GRUPO 6:	0.40
28.ILHAS FIJI	0.46		
		GRUPO 7: ACIMA DE $2001	
MEDIA DO GRUPO 3:	0.50	54.DINAMARCA	0.37
		55.SUECIA	0.39
		56.ESTADOS UNIDOS	0.34
		MEDIA DO GRUPO 7:	0.37

Fonte: PAUKERT(1973)

Baseado nestes valores, traçou a curva de associação entre desigualdade da distribuição da renda e desenvolvimento econômico, este representado pela renda média. Apesar da grande amplitude de variação dos índices de desigualdade, como pode ser verificado na Figura 2.1., o autor não apresenta justificativa para desprezá-la.

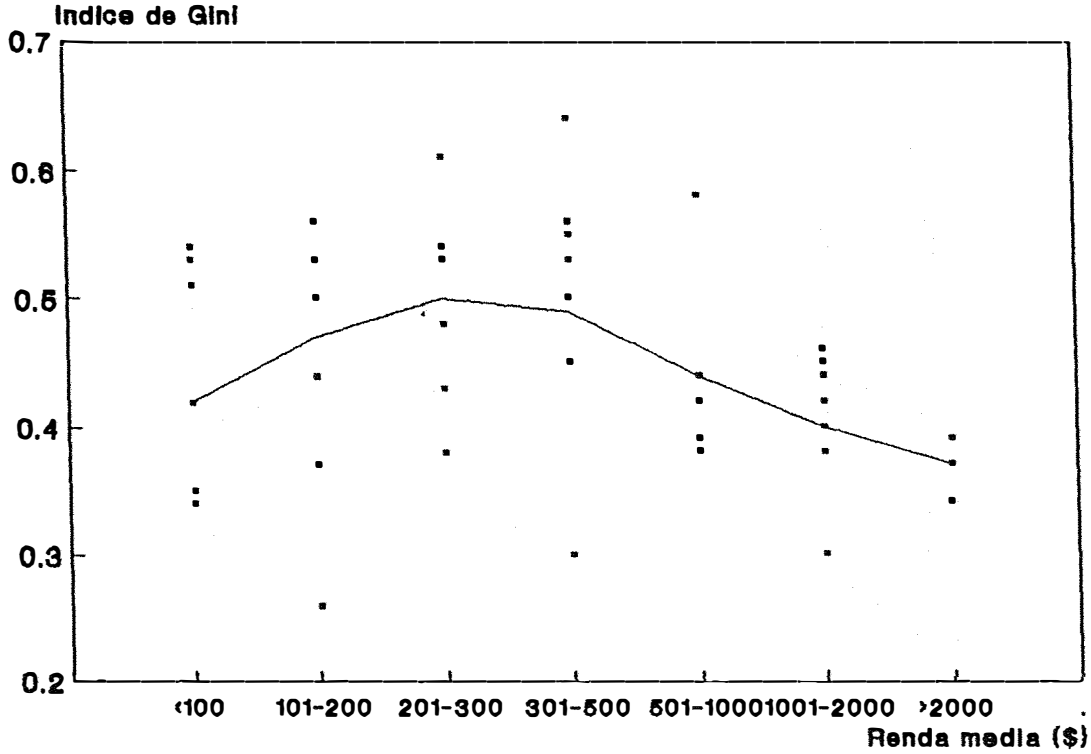

Figura 2.1. Indices de Gini da distribuição da renda para 56 países, divididos em sete grupos de renda, antes de considerar os impostos.

Trabalhando com a mesma base empírica, AHLUWALIA (1976) também buscou confirmar a hipótese de Kuznets através da análise de regressão. Seus resultados dão algum suporte à hipótese, mas o autor ressalta a existência de forças de curto prazo que influenciam o nível de desigualdade da renda,

independentemente das tendências de longo prazo.

Dentre os resultados referentes ao Brasil, LANGONI (1972), utilizando dados censitários de 1960 e 1970, confirma o aumento da desigualdade da distribuição da renda no Brasil para este período. O autor admite que "... este aumento da concentração é consequência das profundas mudanças qualitativas que acompanham o processo de desenvolvimento econômico brasileiro entre 1960 e 1970." Além disso o autor admite que o aumento da desigualdade observado seria automaticamente corrigido a longo prazo, na medida em que o nível da renda "per capita" começasse a elevar-se e a taxa de crescimento assumisse um valor mais estável.

Outros trabalhos, apesar de confirmarem o aumento da concentração da renda verificado por LANGONI (1972), não admitem ser a hipótese de Kuznets uma condição inevitável para o Brasil. Admitem que a experiência brasileira foi fruto da política econômica adotada a partir de 1964, que priorizou o crescimento econômico em detrimento das condições sociais da população.

Diante da discordância por parte de vários autores com relação a seu trabalho, LANGONI (1973) reafirma seus resultados e enfatiza que numa ecomonia desequilibrada por um acelerado crescimento econômico deve-se esperar o crescimento da desigualdade da distribuição da renda. O autor acredita ser o acelerado crescimento econômico o mais poderoso instrumento redistributivo da renda, pois através dele, é possível passar

mais rapidamente para o ramo descendente da curva proposta por Kuznets.

Na época em que este trabalho foi apresentado, e nos anos subsequentes, só era possível discutí-lo em termos de previsões. Entretanto, passados mais de 15 anos pode-se simplesmente verificar a ocorrência (ou não) das mesmas. Os resultados previstos referentes à pobreza e à renda média da população foram parcialmente atingidos. Já a desigualdade da distribuição da renda continuou crescente, não confirmando as previsões, o que permite questionar as afirmações de Langoni. Ou ainda, tais resultados deixam claro que não se sabe quando se inicia o ramo descendente da curva de Kuznets e até que ponto este mecanismo se inicia "naturalmente".

Paralelamente a estes trabalhos citados, também foram desenvolvidos estudos que se mostraram contrários à hipótese de Kuznets. Alguns, baseados apenas em evidências empíricas de alguns países, questionam a validade de tal hipótese. Para WRIGHT (1979), a história econômica dos Estados Unidos e outros países desenvolvidos foi marcada por depressões e fases de aceleração e desaceleração do crescimento. Este ciclo de desenvolvimento não sugere um movimento contínuo e homogêneo do nível de desigualdade da distribuição da renda, como admite a hipótese de Kuznets. Tais evidências sugerem constantes variações no nível desta desigualdade e estas não são conflitantes com a influência das estruturas institucionais e políticas econômicas intervencionistas adotadas pelo governo.

Entretanto, o autor observa que pesquisas para analisar o efeito da causalidade das políticas sobre os níveis da renda deveriam ser feitas com séries de dados temporais e estes são escassos. Dada esta limitação, Wright trabalhou com dados "cross-section" extraídos do "1974 Statistical Yearbook". Seus resultados não encontraram evidência empírica que suportem a hipótese de Kuznets ou a hipótese institucionalista.

BRAUN (1988) questiona a validade das evidências empíricas que confirmam a hipótese de Kuznets abordando, por exemplo, o indicador de desigualdade da distribuição da renda. O índice de Gini, que foi usado em praticamente todos os trabalhos anteriores, apresenta problemas quando utilizado em estudo que pretende decompor a desigualdade total em grupos de população, além de ser mais sensível à variações na desigualdade quando estas ocorrem próximas à moda ou à mediana. Tais problemas não desqualificam o índice de Gini como indicador de desigualdade, mas evidenciam a necessidade de utilização de outros indicadores. Em seu trabalho, Braun adotou este procedimento e constatou algumas alterações significativas na hierarquização das observações dos níveis de desigualdade da distribuição da renda.

Para testar a hipótese de Kuznets, o autor utilizou dados de 50 Estados e um Distrito Norte Americanos. Com diferentes indicadores da distribuição da renda e do desenvolvimento, analisou a correlação entre as variáveis. Também ajustou regressões lineares múltiplas utilizando os indicadores da distribuição da renda como variáveis dependentes. Os

resultados confirmaram que a consistência das evidências empíricas em favor da hipótese de Kuznets pode estar condicionada ao indicador de desigualdade usado.

A análise feita no presente estudo é semelhante àquela feita por Braun. Entretanto, a unidade de observação utilizada foi a Microrregião Homogênea (MRH) e não os estados e por esta razão algumas variáveis tiveram de ser adaptadas à disponibilidade de dados. Além disso, este trabalho inclui na análise o nível de pobreza absoluta e a desigualdade da distribuição da posse da terra.

Embora seja pacífico que deve haver correlação entre desigualdade da renda e posse da terra, a análise se torna difícil quando se considera a questão da causalidade entre as duas. QUAN & KOO (1985) mostram que as concentrações da posse da terra e da renda estão positivamente correlacionadas. Entretanto nas suas conclusões os autores são curiosamente contraditórios. Por um lado afirmam que as medidas de reforma agrária tem pouca ou nenhuma influência sobre os índices de desigualdade de distribuição da posse da terra e da renda. Apesar disso, recomendam que ao estabelecer políticas para melhorar a distribuição da renda, também se atue sobre a posse da terra, por constatarem que existe uma causalidade mais forte da distribuição da terra sobre a distribuição da renda.

WIGNARAJA (1988) questiona os resultados obtidos por QUAN & KOO (1985) argumentando que os dados sobre os índices de concentração da terra utilizados basearam-se nos valores de

uso da terra e não nos de propriedade. Tal procedimento pode ter subestimado os índices de concentração da propriedade da terra. Outra questão é a utilização de uma variável "dummy" para representar a reforma agrária. Tal procedimento implica admitir que a reforma agrária é um processo homogêneo, quaisquer que sejam o local e as condições onde é implementada, o que é pouco provável. Wignaraja defende que a reforma agrária é um fenômeno complexo e típicamente individualizado, de modo que seu estudo deve-se limitar a países ou regiões específicas, mas nunca a dados agregados. Além disso, o estudo da relação causal seria melhor conduzido através de dados históricos, que não foram usados.

QUAN (1989) analisa novamente a questão da causalidade entre a concentração da posse da terra e da renda. Verifica-se que a alteração do modelo utilizado trouxe resultados diferentes. Ao contrário dos resultados obtidos em seu trabalho anterior, todas as amostras usadas (países desenvolvidos, países subdesenvolvidos e total) mostram que é a má distribuição da renda que induz à má distribuição da terra. Neste trabalho, suas conclusões baseiam-se no uso de dois modelos, sendo que no primeiro admite ser a desigualdade da posse da terra que causa a desigualdade da distribuição da renda, e, no segundo, admite o contrário, ou seja, a desigualdade da posse da terra passa a ser a variável dependente. Baseado na constatação de que o segundo modelo tem maior poder de explicação que o primeiro adotou-se o segundo. Além do autor ter desconsiderado o primeiro modelo

simplesmente por apresentar resultados piores que o segundo, suas conclusões podem ser também questionadas por ter o trabalho utilizado dados "cross-section", que não são adequados a este tipo de análise.

ROMEIRO (1990) analisa a influência da distribuição da posse da terra sobre a distribuição da renda, comparando o processo de desenvolvimento de países distintos como EUA, Japão e Indonésia. Países com amplo e fácil acesso à posse da terra por trabalhadores rurais tiveram um êxodo rural gradativo, compatível com o aumento das oportunidades de emprego no setor urbano-industrial. Ao contrário, nos países onde o poder político das oligarquias rurais tradicionais foi predominante e o acesso à terra restrito, o êxodo rural foi intenso. No Brasil, o desemprego decorrente do processo de mecanização da agricultura, provocou intenso êxodo rural. Este êxodo rural, que provocou níveis de desemprego estrutural elevados em alguns períodos do desenvolvimento econômico brasileiro foi um dos fatores da deteriorização do padrão de vida de parte da população brasileira.

3. INDICADORES DE DESENVOLVIMENTO, ESCOLARIDADE E DISTRIBUIÇÃO DA RENDA

E objetivo deste capítulo definir as variáveis que serão utilizadas para estudar as relações existentes entre a desigualdade da distribuição da renda, pobreza absoluta, nível de desenvolvimento econômico e seus principais fatores determinantes.

A escolha e definição das variáveis, além do embasamento teórico, estão condicionadas à unidade de observação utilizada (estado ou microrregião) e à consequente disponibilidade de dados.

Com base em trabalhos anteriores, buscou-se definir as variáveis mais apropriadas ao estudo destas relações. No tocante à disponibilidade de dados, os trabalhos que buscam estabelecer a causalidade do nível de desenvolvimento econômico sobre a desigualdade de distribuição da renda devem ser feitos com dados de séries temporais. Todavia, a série de dados disponíveis para o Brasil não é suficientemente longa.

Por isso, recorreu-se à alternativa bastante comum

de se trabalhar com dados "cross-section". Neste caso é necessário cuidar para que as inferências do estudo não sejam indevidamente extrapoladas para estabelecer relações no tempo.

Uma dificuldade adicional que surge com relação aos dados esta vinculada a unidade de observaçao utilizada. Em boa parte, os trabalhos que estudam esta relação o fazem usando como unidade de observação os países (para comparações internacionais) ou os estados de um país. Neste trabalho, os dados utilizados referem-se às microrregiões homogêneas (MRH) do Brasil. A vantagem de se utilizar dados de MRH é o grande número de observações com que se pode trabalhar. Por outro lado, a este nível de detalhamento das unidades de observação torna-se mais difícil a obtenção das variáveis indicadoras de desenvolvimento normalmente usadas, como produção industrial ou taxa de mortalidade infantil. Estas variáveis estão mais facilmente disponíveis à nível de estado ou país, motivo pelo qual foram selecionadas outras variáveis indicadoras dos níveis de desenvolvimento disponíveis a nível de MRH.

Para determinadas variáveis, como as relativas à distribuição da posse da terra e à escolaridade, os dados necessários estavam disponíveis também à nível de MRH.

Como medida do grau de modernização da agropecuária em cada MRH foram utilizadas duas variáveis extraídas do trabalho coordenado por HOFFMANN (1990a). Estas variáveis são o resultado de uma análise fatorial pelo método dos componentes principais, aplicada a um conjunto de 31 indicadores

de modernização e produtividade da atividade agropecuária nas MRH. A vantagem de se utilizar estas variáveis é a possibilidade de identificar o nível de associação entre a distribuição da renda e a pobreza da população com o grau de modernização no setor primário, sem a inclusão de um número muito grande de variáveis. Este grande número de variáveis relacionadas com a agricultura poderia causar problemas de multicolinearidade.

Como resultado da análise fatorial, foram obtidos dois fatores principais que juntos explicaram 61,5% da variância total da variáveis iniciais. De acordo com os autores, o FATOR 1 reflete a intensidade da exploração da terra, pois possue uma forte e positiva correlação com a porcentagem de área ocupada com lavouras, além da correlação com indicadores de uso de diversas fontes de força mecânica ou energia por unidade de área explorada. O FATOR 2 se mostra associado com a tratorização e com o valor dos bens, dos financiamentos, da produção e das despesas por equivalente homem, além de estar associado à maior participação dos assalariados na força de trabalho ocupada no setor. Como proposto pelos autores, o FATOR 2 pode ser chamado de "relação capital/trabalho".

Estas duas variáveis foram determinadas apenas para as regiões Nordeste, Sudeste, Sul e Centro-Oeste, de modo que o presente estudo não considerou a região Norte, baseando-se em apenas 332 MRH. A MRH de Fernando de Noronha também não foi considerada.

Nas seções seguintes deste capítulo serão

descritas as demais variáveis incluídas no modelo de regressão, justificando a sua escolha.

A tabela a seguir apresenta a definição das variáveis utilizadas neste trabalho e para a qual as tabelas a seguir devem ser remetidas para melhor compreensão dos resultados obtidos.

Tabela 3.1.Simbologia e definição das variáveis utilizadas.

Características da distribuição do rendimento familiar
Indice de Gini - REGINI
Indice de Theil - RETHEIL
Porcentagem da renda total detida pelos 50% mais pobres - RE50-
Porcentagem da renda total detida pelos 10% mais ricos - RE10+
Porcentagem da renda total detida pelos 5% mais ricos - RE5+
Renda média - REMEDIA
Renda Mediana - REMDNA
Porcentagem de pobres - REH
Indice de pobreza de SEN - RESEN

Características da distribuição de pessoas com 5 anos ou mais segundo anos completos de escolaridade
Indice de Gini - ESGINI
Indice de Theil - ESTHEIL
Escolaridade Média - ESMEDIA
Escolaridade Mediana - ESMDNA
Porcentagem da população com menos de 1 ano de escolaridade - ESH

Características da distribuição da posse da terra
Indice de Gini - TEGINI
Indice de Theil - TETHEIL
Proporção da área total dos 5% maiores estabelecimentos - TE5+
Área média dos estabelecimentos agropecuários - TEMEDIA
Área mediana dos estabelecimentos agropecuários - TEMDNA

PEA alocada segundo ramo de atividade e sexo
Porcentagem de trabalhadores na agricultura - MOAGRI
Porcentagem de trabalhadores no comércio - MOCOM
Porcentagem de trabalhadores na prestação de serviços - MOSERV
Porcentagem de mulheres na PEA - MOMUL

Outras variáveis
Número de famílias residentes na microrregião - FAMNU
Densidade demográfica(em número de famílias) - FAMDD
Indicador de intensidade de exploração da terra - FATOR 1
Indicador da relação capital/trabalho no campo - FATOR 2

Para o cálculo de várias medidas de tendência central, desigualdade e pobreza das distribuições analisadas nas MRH, utilizou-se o programa DESPOB, desenvolvido pelo Prof. Rodolfo Hoffmann (Departamento de Economia e Sociologia Rural/ESALQ-USP). Este programa possibilitou a transformação dos dados básicos dos Censos nas variáveis desejáveis para este trabalho. Para a determinação da correlação simples entre as variáveis e para o ajustamento das regressões foi usado o SAS (Statistical Analysis System).

3.1 INDICADORES DERIVADOS DA DISTRIBUIÇÃO DA RENDA

Utilizando os dados do Censo Demográfico de 1980 referentes à distribuição de freqüência das famílias em oito estratos de rendimento familiar, foram calculados alguns indicadores, que podem ser divididos em:

-Medidas de tendência central

-Medidas de desigualdade

-Medidas de pobreza

Como medidas de tendência central foram utilizadas a renda mediana (REMDNA) e a renda média (REMEDIA).

No início dos estudos de desenvolvimento econômico o enfoque restringia-se quase que exclusivamente à produção. Dessa forma, PIB per capita ou renda média eram considerados indicadores adequados para sinalizar o nível de desenvolvimento.

Com o aprimoramento dos conceitos, desenvolvimento econômico passou a diferenciar-se de crescimento

econômico: a ocorrência do primeiro implica não apenas em aumento da produção, mas também em mudanças nos aspectos sociais tais como diminuição do desemprego, melhoria nas condições de saúde, educação e moradia.

Mesmo tendo em vista o conceito mais amplo, as medidas de tendência central da distribuição da renda são indicadores básicos do nível de desenvolvimento econômico regional.

O segundo grupo de medidas é o que caracteriza a desigualdade da distribuição da renda. Diferentes indicadores de desigualdade possuem sensibilidade diferenciada para cada ponto da distribuição. O indicador de desigualdade utilizado com maior freqüência em trabalhos anteriores é o Indice de Gini, que será denominado REGINI neste trabalho. Este índice, por ser relativamente mais sensível às oscilações da renda nos estratos com alta densidade de freqüência, capta com menor eficiência as variações da renda nos extremos da distribuição (estratos que concentram uma menor porcentagem da população). Por isso o Indice de Theil (RETHEIL) também foi usado neste trabalho. Cabe lembrar que o Indice de Theil é relativamente mais sensível às modificações no extremo superior da distribuição.

Os decis da renda foram usados para completar as informações a respeito da desigualdade da distribuição da renda. Apesar de se referirem apenas à uma parte da Curva de Lorenz, as porcentagens da renda total apropriada pelos 50% da população mais pobre (RE50-), pelos 10% da população mais rica (RE10+) e

pelos 5% da população mais rica (RE5+) mostram os contrastes da distribuição da renda.

No cálculo das medidas de desigualdade citadas foram incluídas estimativas da desigualdade dentro dos estratos. Essas estimativas e a interpolação dos percentis foram feitas pressupondo que a distribuição dentro de cada estrato com limites finitos tem função de densidade linear e para o estrato superior, aberto à direita, a distribuição é a de Pareto com dois parâmetros (HOFFMANN, 1979).

Visto que os dados publicados não fornecem os valores dos rendimentos médios nos estratos, estes valores foram fixados em 0,165, 0,40, 0,77, 1,50, 3,38, 7,10, 14 e 40 salários mínimos, conforme sugerido por HOFFMANN & KAGEYAMA (1986).

Um dos objetivos deste trabalho é analisar a relação entre o desenvolvimento e a pobreza absoluta da população. Para tanto foram utilizadas como medidas de pobreza absoluta a porcentagem de pobres (REH) e o Indice de Pobreza de Sen (RESEN). Uma descrição pormenorizada destas medidas pode ser encontrada em HOFFMANN (1990b).

O cálculo dos indicadores de pobreza está condicionado à definição de uma linha de pobreza. A definição desta linha exige certo grau de arbitrariedade, sendo estabelecido um limite da renda abaixo do qual as famílias são consideradas pobres. O valor adotado neste trabalho é o salário mínimo no mês de referência do Censo Demográfico de 1980, ou seja, agosto daquele ano.

Uma limitação da análise está em admitir que um

salário mínimo recebido por uma família que mora na periferia de uma grande cidade tem o mesmo poder de compra que o recebido por uma família que mora no agreste pernambucano. A não inclusão dos rendimentos indiretos, como vale transporte, vale refeição e outros benefícios não monetários, no cálculo da renda média, é outra limitação desta análise.

Apesar disso, os indicadores de pobreza são capazes de identificar os bolsões de miséria.

E importante ressaltar que melhoras nos níveis de indicadores de pobreza não significam necessariamente que as camadas mais pobres da população são as que mais se beneficiam do desenvolvimento. Para que isto ocorresse, o aumento observado na renda dos estratos inferiores da distribuição da renda deveria ser maior que o aumento da renda média observado na população. Porém, os dados para o Brasil mostram que em períodos de altas taxas de crescimento econômico, apesar de o país ter experimentado melhoras nos níveis de pobreza, houve aumento da desigualdade da distribuição da renda, comprovando que os pobres se beneficiaram apenas parcialmente das melhorias advindas do desenvolvimento.

A média e o desvio padrão de cada um desses indicadores da renda, assim como os valores máximo e mínimo, são apresentados na Tabela 3.2. Os valores dessas variáveis para cada uma das MRH consideradas neste trabalho encontram-se na Tabela 1.I. do Anexo I.

Uma vez que as unidades de análise são as MRH e

tendo em vista as diferenças entre elas no que se refere a sua importância relativa na população do país, toda a análise estatística foi feita ponderando cada observação pelo número de famílias residentes na MRH (FAMNU).

Tabela 3.2. Valores médios, mínimos, máximos e desvios padrões dos indicadores do rendimento familiar em 332 Microrregiões. Brasil, 1980.

Indicadores (*)	Média	Mínimo	Máximo	Desvio Padrão
REGINI	0,549	0,418	0,677	0,033
RETHEIL	0,479	0,275	0,637	0,045
RE50-	15,29	7,60	22,50	1,828
RE10+	43,37	32,80	53,00	3,088
RE5+	30,98	20,50	39,70	2,684
REMEDIA	4,88	1,02	8,85	2,343
REMDNA	2,76	0,46	4,95	1,373
REH	0,219	0,039	0,753	0,181
RESEN	0,127	0,035	0,627	0,110

(*) A definição dos indicadores é mostrada na tabela 3.1.
Fonte: Dados Básicos do Censo Demográfico do Brasil de 1980.

3.2. INDICADORES DA ESCOLARIDADE

Os países hoje desenvolvidos tiveram ao longo do processo de desenvolvimento econômico uma participação crescente do fator trabalho na renda da economia. Esta maior participação, antes de uma consequência imediata do desenvolvimento, é fruto de um processo democrático que permite aos trabalhadores a sua sindicalização. Com isto, o aumento da renda na economia,

resultante de uma economia em crescimento, passa a ser melhor dividida entre o capital e o trabalho. Concomitantemente à evolução dessas forças ocorreu, nestes países, um crescente investimento em treinamento e educação da mão-de-obra.

Além disso, independentemente de representar um maior treinamento da mão-de-obra, a educação passa a ser encarada não só como uma necessidade, mas como um direito fundamental para a população destes países.

As evidências empíricas sugerem que a escolaridade da população está associada às características da distribuição da renda. Dessa forma, a média dos anos completos da escolaridade (ESMEDIA), assim como sua mediana (ESMDNA), foram usadas neste trabalho. A comparação entre estas duas variáveis permite avaliar a assimetria da distribuição da escolaridade.

Além disso, os índices de Gini (ESGINI) e de Theil (ESTHEIL) dos anos completos da escolaridade foram usados como indicadores da desigualdade desta distribuição. De acordo com DENSLOW & TYLER (1983), " ... a teoria do capital humano também prevê o crescimento da desigualdade (da renda) com a maior desigualdade da aprendizagem".

Completando os indicadores da escolaridade foi usada a porcentagem da população abaixo de um nível mínimo de escolaridade (ESH). O cálculo deste indicador está condicionado à definição de qual é este nível mínimo de escolaridade. Adotou-se como critério 1 (um) ano completo da escolaridade. Como no caso da linha de pobreza, a definição da escolaridade mínima possue um certo grau de arbitrariedade, além de não captar as diferenças

qualitativas das diversas regiões e escolas. Mesmo assim acredita-se que este indicador sinaliza as diferenças da escolaridade entre as MRH.

Para a obtenção dos indicadores da escolaridade foi adotada, para o estrato com escolaridade menor que 1 ano, a escolaridade média de 0,4 anos. Para os estratos intermediários, de 1 ano a 16 anos completos, admitiu-se que a média do estrato é igual ao número de anos completos, não havendo dispersão dentro do estrato. Para o estrato superior, de 17 anos ou mais, adotou-se 19 anos como escolaridade média.

Os dados do Censo Demográfico de 1980 utilizados para o cálculo destes indicadores foram o número de pessoas com cinco anos ou mais, classificadas de acordo com o número de anos completos da escolaridade.

A média e o desvio padrão de cada um desses indicadores da escolaridade, assim como os valores máximo e minimo são apresentados na Tabela 3.3. A Tabela 2.I. do Anexo I apresenta os valores das variáveis para cada uma das MRH.

Tabela 3.3. Valores médios, mínimos, máximos e desvios padrões dos indicadores da escolaridade em 332 Microrregiões. Brasil, 1980.

Indicadores (*)	Média	Mínimo	Máximo	Desvio Padrão
ESGINI	0,507	0,359	0,656	0,073
ESTHEIL	0,364	0,214	0,558	0,088
ESMEDIA	3,51	0,93	5,80	1,285
ESMDNA	1,94	0,45	4,00	1,290
ESH	0,336	0,132	0,828	0,179

(*) A definição dos indicadores é mostrada na tabela 3.1.
Fonte: Dados Básicos do Censo Demográfico do Brasil de 1980.

3.3.OUTROS INDICADORES

Neste ítem agrupam-se as demais variáveis incluídas nos modelos de regressão e que serão usadas para sinalizar os níveis de desenvolvimento econômico e os diferentes fatores que influenciam a desigualdade da renda.

Dois tipos de variáveis já foram apresentadas anteriormente mas se enquadram entre os indicadores de desenvolvimento:

-Renda Mediana e Renda Média (REMDNA e REMEDIA);

-Escores fatoriais obtidos através da análise fatorial de 31 indicadores de modernização da agropecuária (FATOR 1 e FATOR 2). Apesar de reconhecer a importância dos indicadores de modernização dos demais setores da economia, não é possível utilizá-los, pois estes dados encontram-se disponíveis apenas para o setor agropecuário.

Os demais indicadores usados podem ser agrupados

em:

- Indicadores da posse da terra
- Indicadores da mão-de-obra.
- Indicadores da urbanização

Procurou-se verificar a relação existente entre concentração da posse da terra e desigualdade da distribuição da renda com dados referentes à população total e não apenas à população do setor agropecuário. Trabalhos anteriores evidenciam forte e positiva relação entre desigualdade da posse da terra e da renda quando se trabalha exclusivamente com o setor agropecuário.

Os dados utilizados consistem da distribuição dos estabelecimentos agropecuários por estrato de área total, publicados no Censo Agropecuário de 1980.

A desigualdade da distribuição da posse da terra foi determinada pelo Indice de Gini (TEGINI) e o Indice de Theil (TETHEIL). Também foi calculada a área média dos estabelecimentos agropecuários (TEMEDIA) e a área mediana (TEMDNA). Tais indicadores, assim como a proporção da área total correspondente aos 5% maiores estabelecimentos (TE5+), foram usados como fatores determinantes dos diferentes níveis de desigualdade da renda.

A Tabela 3.4. mostra o valor médio e o desvio padrão das variáveis referentes à posse da terra, assim como seus valores máximo e mínimo. A Tabela 3.I. do Anexo I mostra os valores das variáveis para cada MRH.

Tabela 3.4. Valores médios, mínimos, máximos e desvios padrões das características da distribuição da posse da terra em 332 Microrregiões. Brasil, 1980.

Indicadores (*)	Média	Mínimo	Máximo	Desvio Padrão
TEGINI	0,765	0,431	0,939	0,088
TETHEIL	0,778	0,283	0,990	0,120
TE5+	56,16	18,50	92,20	13,380
dTEMEDIA	70,58	5,75	2111,15	136,982
TEMDNA	17,09	0,87	240,89	26,492

(*) A definição dos indicadores é mostrada na tabela 3.1.
Fonte: Dados Básicos do Censo Agropecuáriodo Brasil de 1980.

O outro grupo de variáveis refere-se aos indicadores de mão-de-obra. Segundo Clark[1], citado por MILONE (1988), o desenvolvimento é um processo de predomínio sucessivo do setor de produção primário ,"agricultura", seguido do setor de produção secundário, "manufatura", e, por fim, do setor de produção terciário, "comércio e serviços". De acordo com esta idéia, a porcentagem de trabalhadores na agricultura e no comércio deve variar em função do estágio de desenvolvimento. Para captar estas alterações foram definidas as seguintes variáveis:

-porcentagem de trabalhadores na agricultura (MOAGRI)

-porcentagem de trabalhadores no comércio (MOCOM)

A porcentagem de trabalhadores na prestação de serviços (MOSERV) e a porcentagem de mulheres (MOMUL) no conjunto total de trabalhadores completam as variáveis indicadoras da

1.CLARK,C. The condition of economic progress. London, MacMillan, 1940

composição da mão-de-obra.

A utilização de MOSERV refere-se à tendência do desenvolvimento em reduzir a porcentagem de trabalhadores em determinadas atividades rurais para aumentar em outras, como prestação de serviços.

No tocante à porcentagem de mulheres, trata-se de uma evidência empírica que mostra o aumento da proporção de mulheres na composição da PEA. Esta constatação confirma a tendência verificada em outros países, onde os estágios mais avançados do desenvolvimento apresentam maior proporção de mulheres na força de trabalho.

A utilização destas variáveis está condicionada à disponibilidade de dados fornecidos pelo Censo Demográfico de 1980. Foi usado o número de pessoas economicamente ativas (PEA) com dez anos ou mais, classificado de acordo com o setor em que exercem a sua atividade principal. Os indicadores utilizados são os quocientes entre o número de trabalhadores no respectivo setor e o número total de trabalhadores na economia.

A Tabela 3.5. apresenta os valores máximos, médios e mínimos dos indicadores de mão-de-obra, assim como os respectivos desvios padrões. A Tabela 4.I. do Anexo I mostra os valores das variáveis para cada MRH.

Tabela 3.5.Valores médios, mínimos, máximos e desvios padrões dos indicadores de mão-de-obra em 332 Microrregiões. Brasil, 1980.

Indicadores (*)	Média	Mínimo	Máximo	Desvio Padrão
MOCOM	9,56	1,61	15,73	3,265
MOAGRI	29,48	0,44	87,10	27,057
MOSERV	16,04	2,46	30,32	7,186
MOMUL	27,38	8,55	37,38	6,331

(*) A definição dos indicadores é mostrada na tabela 3.1.
Fonte: Dados Básicos do Censo Demográfico do Brasil de 1980.

Também foi utilizado o grau de urbanização como variável explanatória dos níveis de desigualdade da renda. Como não existe disponibilidade de dados para determinação do grau de urbanização a nível de MRH para o Brasil (população urbana dividida pela população total), utilizou-se a densidade demográfica como uma proxy desta variável. Para a obtenção desta variável foi determinado o quociente entre o número de famílias e a área total de cada MRH (FAMDD). O número total de famílias por MRH foi obtido do Censo Demográfico, enquanto a área total de cada MRH foi obtida de relatório do INCRA. E razoável admitir que esta variável tende a crescer nas regiões mais urbanizadas. Os valores da densidade demográfica para cada MRH estão na Tabela 5.I. do Anexo I, juntamente com os fatores de ponderação.

A Tabela 3.6. apresenta os valores médios, máximos, mínimos e os desvios padrões dos fatores de ponderação e da densidade demográfica.

Tabela 3.6. Valores médios, mínimos, máximos e desvios padrões dos fatores de ponderação e da densidade demográfica em 332 Microrregiões. Brasil, 1980.

Indicadores (*)	Média	Mínimo	Máximo	Desvio Padrão
FAMDD	143,68	0,09	1181,63	281,047
FAMNU.	604032	5576	3120670	1000638

(*) A definição dos indicadores é mostrada na tabela 3.1.
Fonte: Dados básicos do Censo Demográfico do Brasil de 1980.

Através do conjunto dessas variáveis, procurou-se obter os principais fatores que afetam a desigualdade da distribuição da renda e a pobreza absoluta nas MRH do País.

Para se estabelecer as relações, foram ajustadas regressões lineares múltiplas, onde cada observação também foi ponderada pelo número de famílias residentes na MRH (FAMNU). Os indicadores da desigualdade da distribuição da renda e da pobreza absoluta foram usados como variáveis dependentes e as demais variáveis como variáveis explanatórias.

No caso da regressão com o Indice de Gini da distribuição do rendimento familiar como variável dependente, o modelo básico foi:

$$REGINI = a_o + a_1 REMEDIA + a_2 (REMEDIA)^2 + a_3 ESGINI + a_4 ESH + a_5 ESMEDIA + a_6 TEGINI + a_7 TEMEDIA + a_8 MOMUL + a_9 MOAGRI + a_{10} MOCOM + a_{11} MOSERV + a_{12} FAMDD + a_{13} FATOR1 + a_{14} FATOR2$$

O quadrado da renda média $(REMEDIA)^2$ é uma variável incluída no modelo de regressão para que a hipótese de Kuznets possa ser testada.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A utilização de um número grande de observações e variáveis trouxe alguns problemas de ordem operacional.

Além destes, outros problemas, como a subdeclaração da renda e a unidade de observação, devem ser destacados. A subdeclaração da renda é um problema enfrentado em todos os trabalhos que utilizam os dados sobre rendimento do Censo Demográfico, pois se trata de uma limitação da própria coleta de dados (HOFFMANN & KAGEYAMA, 1986 e MAHLER, 1989). Uma vez que a subdeclaração tende a ser proporcionalmente maior para as rendas mais elevadas, esta faz com que os dados mostrem um grau de desigualdade menor que o real.

No que diz respeito à unidade de observação utilizada, as variáveis que poderiam ser usadas em trabalhos deste tipo, como a produção industrial e a mortalidade infantil, estão disponíveis apenas a nível de estado ou país. Como se considera as MRH como unidades de observação, algumas variáveis não foram usadas ou foram substituídas por outras que estivessem disponíveis. E o caso do grau de urbanização, que foi substituído

pela densidade demográfica, por ser considerada sinalizadora da urbanização. A variável MOSERV (porcentagem da mão-de-obra alocada na prestação de serviços) também pode ser usada como proxy da urbanização, se for admitido que este tipo de mão-de-obra e mais frequente nas cidades. Todavia, a variavel FAMDD (densidade demográfica de famílias) pode ser uma indicadora mais adequada da urbanização na medida em que é menos influenciada por outros fatores do desenvolvimento que MOSERV.

A análise dos resultados deste capítulo foi dividida em duas partes. Inicialmente foi feita a análise das variáveis individualmente, sem a preocupação de verificar as relações existentes entre elas. Na segunda parte são consideradas as regressões múltiplas estimadas e a análise de correlação simples. Dado o grande número de resultados, as correlações simples foram usadas apenas para complementar outros resultados e somente os valores mais relevantes serão citados.

4.1 ANALISE DAS VARIAVEIS

O grande número de observações dificulta a análise a nível de microrregião, mas esta se mostrou interessante de ser realizada pela detecção de dados que explicam as regressões ajustadas em seguida.

Para viabilizar esta análise, assim como para facilitar a detecção das características de cada variável, foram determinados os valores mínimos e máximos para cada estado

brasileiro. Estes valores e a porcentagem de variação entre eles são apresentados nas Tabelas do Anexo II.

4.1.1.INDICADORES DO NIVEL E DA DESIGUALDADE DA RENDA

Pela análise dos valores do índice de Gini em nível de MRH, pode-se verificar a elevada dispersão de valores dos indicadores de desigualdade da distribuição da renda entre famílias, - o Indice de Gini mais elevado é 0,677 (MRH 49 - Valença do Piauí) e o menor valor é 0,418 (MRH 57 - Baixo Médio Acaraú no Ceará). Por outro lado, considerando os valores dos estados, observa-se uma dispersão bem menor para esta variável. Para que possa ser feita esta comparação, foram calculados os valores de algumas características da distribuição da renda para cada estado brasileiro, que estão apresentadas na Tabela 4.1.

O maior valor estadual de REGINI é 0,625, para o Estado do Ceará, e o menor é 0,531, para Santa Catarina. Dos estados analisados neste trabalho, quinze deles possuem o Indice de Gini entre 0,560 e 0,620. Dois estados nordestinos, o Piauí, com índice igual a 0,623, e o Ceará, já citado, superam esta faixa. Além disso, dos estados nordestinos apenas o Maranhão possue REGINI menor que 0,589. Por outro lado, os estados com valores abaixo de 0,560 são Santa Catarina e São Paulo com 0,531 e 0,536, respectivamente.

Tabela 4.1. Características da distribuição do rendimento familiar, por Unidade da Federação. Brasil, 1980.

U.F	REGINI	RETHEIL	REMEDIA	REH	RESEN	MRH por U.F.	Redundância(%) Entre	Redundância(%) Dentro
MA	0,565	0,512	1,87	0,502	0,308	16	11,6	88,4
PI	0,623	0,592	1,76	0,590	0,401	11	9,2	90,8
CE	0,625	0,592	2,49	0,478	0,289	23	16,6	83,4
RN	0,608	0,562	2,54	0,445	0,265	10	11,3	88,6
PB	0,618	0,584	2,13	0,527	0,327	12	10,8	89,2
PE	0,615	0,575	3,00	0,391	0,223	12	13,5	86,5
AL	0,589	0,549	2,30	0,463	0,259	9	12,0	88,0
SE	0,599	0,554	2,78	0,401	0,216	8	12,3	87,7
BA	0,608	0,567	3,11	0,364	0,202	26	14,6	85,4
MG	0,593	0,534	4,38	0,229	0,126	46	8,6	91,3
ES	0,578	0,516	4,21	0,215	0,119	8	5,5	94,5
RJ	0,568	0,503	6,64	0,092	0,055	14	7,9	92,1
SP	0,536	0,450	7,10	0,065	0,039	43	3,9	96,1
PR	0,569	0,507	4,35	0,186	0,101	24	5,5	94,5
SC	0,531	0,455	4,61	0,137	0,077	16	3,4	96,6
RS	0,560	0,491	5,17	0,150	0,086	24	4,8	95,2
MT	0,579	0,525	3,94	0,216	0,129	6	3,0	96,9
MS	0,580	0,526	4,50	0,178	0,097	7	3,1	96,9
GO	0,586	0,531	3,87	0,251	0,142	16	4,4	95,6
DF	0,596	0,531	8,54	0,066	0,042	1	-	-
BR (1)	0,597	0,536	4,83	0,219	0,128	332	15,6	84,4

(1) Resultados referentes às 332 MRH analisadas.
Fonte: Dados básicos do Censo Demográfico do Brasil de 1980.

A reduzida oscilação das medidas de desigualdade da distribuição da renda nos estados confirma a hipótese de que o problema das desigualdades no Brasil dentro das regiões é mais grave que o problema da desigualdade entre as regiões. O valor do índice de Gini da renda entre estados variou apenas 16,3% (entre os estados de SC e CE) e o índice de Theil 27,3%[1] (entre os estados de SP e CE).

---

(1)Para o cálculo da variação entre os valores máximo e mínimo foi usada a expressão VAR = (2x(Máx - Mín)/(Máx+Mín))x100

A decomposição da redundância também confirma este fato. A análise da Redundância permite verificar a porcentagem de desigualdade entre e dentro das MRH. Os valores da decomposição da redundância na Tabela 4.1. mostram a maior importância da desigualdade entre as MRH para os estados do Nordeste, destacando-se Ceará e Bahia, que têm os maiores valores (e também maior número de MRH por estado). Os valores mostram que 84,4% da desigualdade existente ocorre dentro das microrregiões e apenas 15,6% é devido à desigualdade entre as 332 MRH.

Ainda com relação à desigualdade da distribuição da renda, apesar da proximidade dos valores estaduais dos indicadores, os estados do Nordeste apresentam uma variação maior quando comparados com outros estados brasileiros. A maior oscilação no Nordeste pode ser verificada tanto à nível de estado como à nível de MRH, o que reflete a grande heterogeneidade da região. De fato, comparando o Estado do Maranhão com o Rio de Janeiro, nota-se que apesar de terem os indicadores estaduais da desigualdade da renda muito próximos, o Estado do Maranhão apresenta uma oscilação de REGINI entre os valores das MRH superior a 32% enquanto que para o Estado do Rio de Janeiro, este valor é igual a 16%.

Esta oscilação de valores entre MRH é também elevada para o Estado de Minas Gerais e bastante reduzida para os Estados de Mato Grosso do Sul e Espírito Santo.

O valor relativamente elevado dos indicadores da desigualdade entre MRH de cada estado é um dos fatores que

explica por que a desigualdade da renda nos estados do Nordeste é normalmente mais elevada, comparada a outros estados brasileiros.

Embora a variação do número de MRH em cada Unidade da Federação dificulte a comparação entre elas, é evidente que a redundância entre MRH tem maior importância relativa nos estados do Nordeste do que nos demais estados analisados. Note-se o caso do Estado de São Paulo, onde a desigualdade entre as 43 microrregiões corresponde a apenas 3,9% da redundância total.

Ainda com relação aos valores à nível de MRH, o índice de Gini oscila 47,3% dentro do Nordeste (MRH-049 - Valença do Piauí, com REGINI de 0,677 e MRH-057 - Baixo Médio Acaraú no Ceará, com REGINI de 0,418), que é também a oscilação para o Brasil, visto que no Nordeste estão o maior e o menor valores de REGINI. Para a região Sudeste, esta oscilação é igual a 27,2% (MRH-192 com REGINI de 0,627 e MRH-163 com REGINI de 0,477) e para a região Sul é 24,5% (MRH-330 com REGINI de 0,609 e MRH-277 com REGINI de 0,476).

A análise do índice de Theil reitera os resultados obtidos pelo índice de Gini. A maior oscilação de valores é novamente para o Nordeste com 79,4%. As regiões Sudeste e Sul apresentam 53,4% e 33,9% respectivamente, de variação entre os valores extremos de RETHEIL nas MRH (Os valores extremos de REGINI e RETHEIL coincidem em cinco das seis MRHs utilizadas para determinação da oscilação. Apenas a MRH 277- Alto Ivaí é substituída pela MRH-292 - Colonial de Joinville).

Assim como as medidas de desigualdade, observa-se

que a renda média varia muito nas MRH. Como no caso das medidas de desigualdade, também foi determinado o valor da renda média à nível de estado e observa-se que a oscilação dos valores desta variável é significativamente alta também entre eles.

O valor da renda média para os estados do Nordeste é sempre inferior ao restante do país. Sete dos nove estados nordestinos possuem renda média familiar inferior a 3 salários mínimos, ao passo que Pernambuco e Bahia possuem renda média de 3,00 e 3,11 salários mínimos, respectivamente.

Analisando os valores das MRH, excluído o Estado da Bahia, apenas 3 MRH do Nordeste (38, 97 e 103), juntamente com as MRH das capitais, possuem renda média familiar superior a 2,4 salários mínimos (Tabela 1.I. do Anexo I).

Estes valores representam uma renda baixa quando se compara com o restante do país. O valor de 2,4 salários mínimos só não é superado por 8 MRH mineiras, 1 MRH capixaba, 3 MRH paranaenses e 3 MRH goianas. Além disso, essas quinze MRH possuem quase sempre os valores da renda média próximos ou superiores a 2 salários mínimos.

Dentro de cada estado, as MRH das capitais são as que apresentam os maiores valores da renda média, com o detalhe que a diferença entre as capitais e as demais MRH é grande para o Nordeste, enquanto que para as outras regiões esta diferença não é tão evidente.

Os valores estaduais da renda média giram em torno de 4,0 salários mínimos para Minas Gerais, Espírito Santo,

Paraná, Mato Grosso e Goiás. Para os demais estados, fora do Nordeste, a renda média é superior a 4,5 salários mínimos. Em termos de microrregião, os destaques são para as MRH do Rio de Janeiro (8,85), Distrito Federal (8,54) e Grande São Paulo (8,36). Além destas, algumas MRH do interior paulista também podem ser destacadas, pois seus valores se aproximam e até ultrapassam os valores de capitais como Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre.

Comparando os valores da renda mediana com os valores da renda média a nível de MRH, verifica-se que para um grande número de MRH, o valor da primeira é próximo à metade do valor da segunda, o que evidencia uma assimetria à direita da distribuição relativamente acentuada. Esta assimetria, ao contrário do que ocorre com a distribuição da escolaridade, se mantém relativamente constante para todas as regiões brasileiras.

Para visualizar esta assimetria, que também é verificada a nível de estado, apresenta-se a seguir a Figura 4.1., que mostra o histograma da distribuição de famílias de acordo com o rendimento familiar no Estado do Ceará, que é o estado que apresenta o maior valor do REGINI e RETHEIL. São apresentados também os histogramas de São Paulo (Fig. 4.2.) e Santa Catarina (Fig.4.3.), que apresentam os menores valores de RETHEIL e REGINI, respectivamente. A Figura 4.4. mostra o histograma do Brasil, para auxiliar a análise.

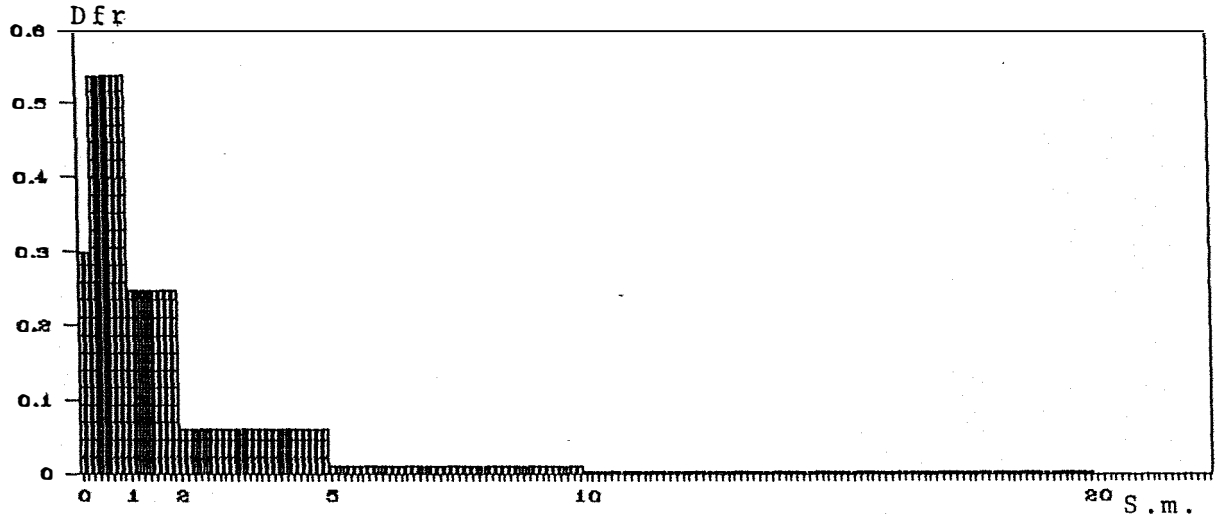

Figura 4.1. Histograma relativo à distribuição de renda familiar no estado do Ceará em 1980.

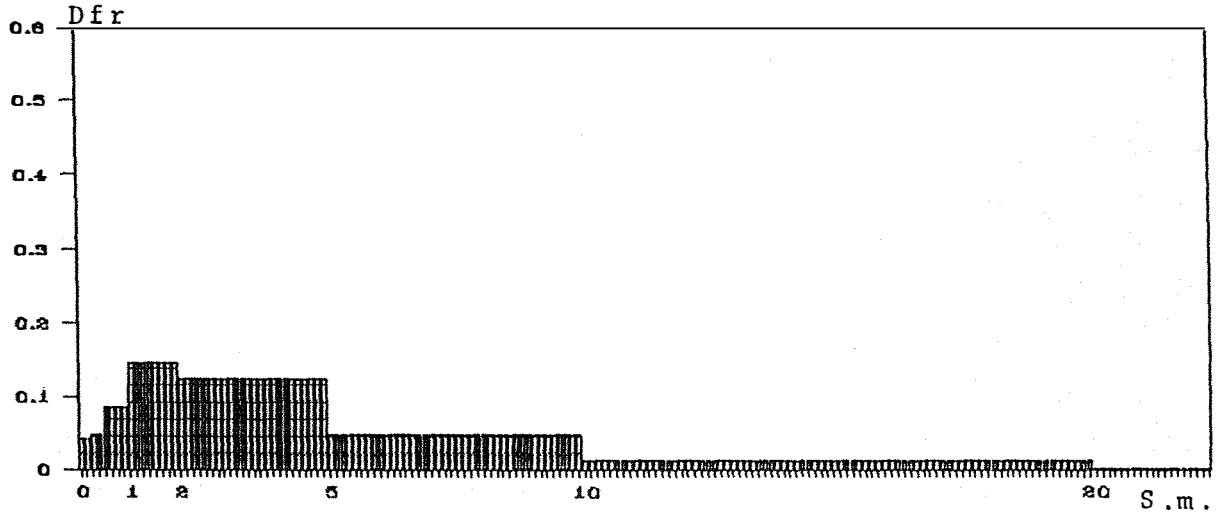

Figura 4.2. Histograma relativo à distribuição de renda familiar no estado de São Paulo, em 1980.

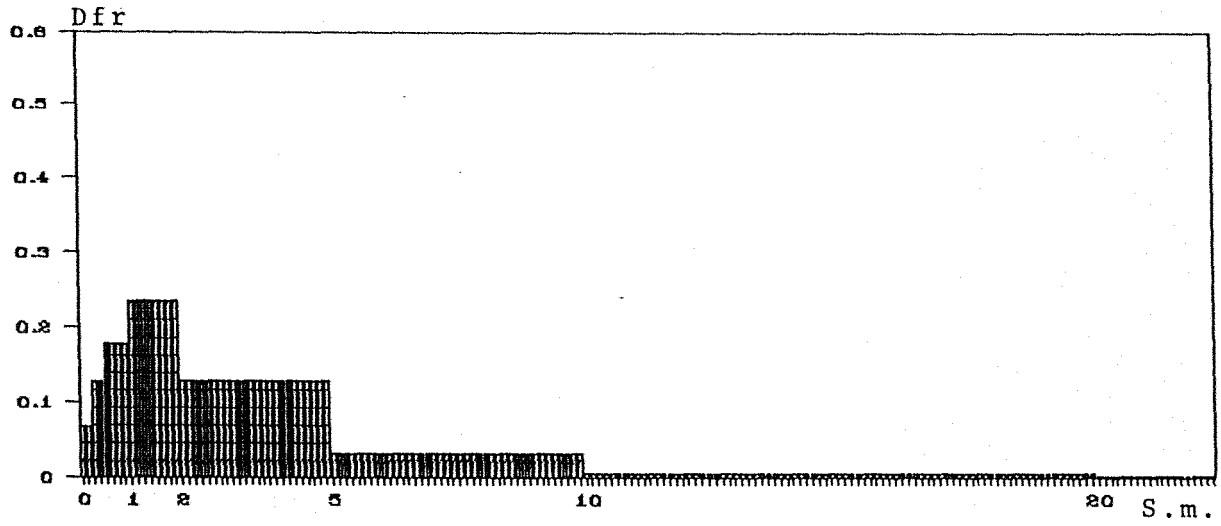

Figura 4.3. Histograma relativo à distribuição de renda familiar no estado de Santa Catarina, em 1980.

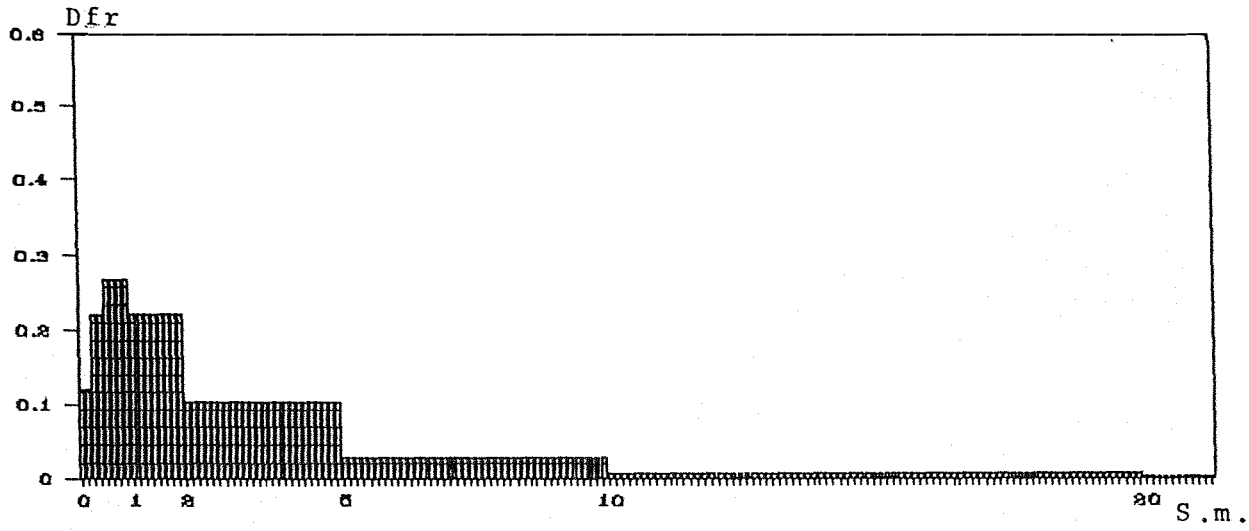

Figura 4.4. Histograma relativo à distribuição de renda familiar no Brasil em 1980.

4.1.2.INDICADORES DA POBREZA

Os indicadores da pobreza mostram, novamente, que o Nordeste apresenta os piores resultados. De acordo com a Tabela 4.1, a porcentagem de pobres (REH) para os estados nordestinos está acima de 36%, sendo que para o Estado do Piauí este valor é de 59%. A nível de MRH o valor extremo é para Valença do Piauí (049), com REH igual a 75,3% (ver Tabela 1.I, no Anexo I). Além disso, em 29% das MRH nordestinas mais de 60% das famílias recebe menos de 1 salário mínimo.

Para as demais regiões do País os resultados são melhores, com destaque para o Estado de São Paulo, que tem o menor valor estadual de REH - 6,5% de pobres - e apresenta a MRH com a menor porcentagem de pobres - MRH 262 (Grande São Paulo), com apenas 3,9% da população abaixo da linha de pobreza. Este nível de pobreza juntamente com a renda média de 8,36 salários mínimos desta MRH evidenciam a relação entre renda média elevada e baixa porcentagem de pobres (Tabela 1.I, Anexo I). E oportuno assinalar que não se consideraram as diferenças de custo de vida entre microrregiões. Na medida em que o custo de vida na grande São Paulo deve ser maior que em outras regiões, o grau de pobreza é subestimado e a renda média real dessa microrregião é superestimada.

A associação entre a renda média e a pobreza absoluta pode ser verificada considerando os estados do Nordeste. Apesar de o Maranhão apresentar a menor desigualdade da distribuição da renda, a proporção de pobres neste estado é

superada apenas pelos valores do Piauí e da Paraíba. Estes três estados apresentam, juntamente com os elevados níveis de pobreza, os menores valores de REMEDIA para o Nordeste. Confirmando a tendência de relação inversa entre renda média e pobreza absoluta, a Bahia apresenta os menores valores para as medidas de pobreza e a maior REMEDIA. Os demais estados brasileiros também confirmam esta associação. O melhor exemplo é o Estado de São Paulo, que possui o maior valor de REMEDIA e o menor valor de REH (respectivamente 7,1 salários mínimos e 6,5%).

Os estados sulinos (principalmente Rio Grande do Sul e Santa Catarina) e o Rio de Janeiro também possuem valores relativamente melhores das medidas de pobreza, quando comparados com os estados nordestinos. Os Estados de Minas Gerais e Espírito Santo, e toda a região Centro-Oeste, apresentam valores intermediários para estas medidas.

A tendência mostrada pela porcentagem de pobres (REH), também é confirmada pela medida de pobreza de SEN.

Assim como no caso da desigualdade da renda, para os valores da renda média e medidas de pobreza, o país também pode ser dividido em três grupos específicos: o Nordeste, excluído o Estado da Bahia, que apresenta os piores valores a nível dos estados analisados; o Sul e o Sudeste que, com exceção do Estado de Minas Gerais, em algumas variáveis, sempre possuem os valores mais favoráveis a nível nacional, e o Centro-Oeste, sem incluir o Distrito Federal, que apresenta os valores intermediários.

Os estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul merecem destaque por apresentarem desigualdade da distribuição da renda relativamente pequena, um baixo nível de pobreza e renda média elevada.

Embora os indicadores de pobreza mostrem uma alta proporção de pobres (REH) na região Nordeste, é importante destacar que em valores absolutos o número de pobres é também elevado nas regiões Sudeste e Sul conforme a Tabela 4.2.

Tabela 4.2. Valores absolutos e porcentagem de famílias pobres nos estados e Regiões do Brasil, 1980.

Região e Estado	Total de Famílias		Famílias Pobres	
	Número	Porcentagem	Número	Porcentagem
NORDESTE	7116518	28.28	3124499	56.19
Maranhão	812566	3.23	408016	7.34
Piauí	408936	1.62	241441	4.34
Ceará	1051627	4.18	502581	9.04
R.G. do Norte	393672	1.56	175336	3.15
Paraíba	567752	2.26	299209	5.38
Pernambuco	1309988	5.20	511626	9.20
Alagoas	410576	1.63	190026	3.42
Sergipe	241821	0.96	96935	1.74
Bahia	1919580	7.63	699329	12.58
SUDESTE	12290068	48.83	1415193	25.45
Minas Gerais	2883896	11.46	660087	11.87
Espírito Santo	438110	1.74	94220	1.69
Rio de Janeiro	2871236	11.41	264174	4.75
São Paulo	6096826	24.22	396712	7.13
SUL	4399955	17.48	708695	12.75
Paraná	1672651	6.65	310618	5.59
Santa Catarina	797881	3.17	109505	1.97
Rio Grande do Sul	1929423	7.67	288572	5.19
CENTRO-OESTE	1361384	5.41	311855	5.61
Mato Grosso	234897	0.93	50823	0.91
Mato. G.do Sul	301659	1.20	53617	0.96
Goiás	824828	3.28	207415	3.73
BRASIL (1)	25167925	100.00	5560242	100.00

(1) Estes dados referem-se às 332 MRH analisadas
Fonte: Dados básicos do Censo Demográfico do Brasil de 1980.

Pode-se verificar que mais de dois milhões de famílias pobres estão nestas regiões, apesar de a proporção de pobres (REH) dos respectivos estados ser sempre inferior a 23% (Tabela 4.1).

Os resultados da Tabela 4.2. confirmam que o número de pobres da região Sudeste, em valores absolutos, é elevado, mas 56,19% das famílias pobres das regiões analisadas estão no Nordeste.

4.1.3. INDICADORES DA ESCOLARIDADE

Assim como no caso dos indicadores da renda, foram calculados os valores estaduais de algumas variáveis de escolaridade (Tabela 4.3.).

Os valores das variáveis ESGINI e ESTHEIL evidenciam as diferenças regionais. Para nenhum estado nordestino o índice de Gini é menor que 0,606, enquanto no restante do país este valor é sempre inferior a 0,561. A desigualdade da escolaridade é especialmente elevada no Nordeste, mas também é elevada nos estados do Centro-Oeste, com valores superiores a 0,536. Os Estados de Minas Gerais, Espírito Santo e Paraná possuem ESGINI entre 0,500 e 0,520. Dentre os estados com desigualdade da escolaridade baixa, destaca-se Santa Catarina, com ESGINI igual a 0,428 e ESTHEIL igual a 0,278. O índice de Gini, neste caso, oscila 41,9%, enquanto o índice de Theil varia 64,6% entre o maior e o menor valor estadual, de Alagoas e Santa Catarina, respectivamente. Neste ponto já é possível verificar que a desigualdade da escolaridade oscila mais que a desigualdade

da renda.

A exemplo da distribuição da renda, os valores da redundância entre as MRH dos estados do Nordeste são substancialmente maiores do que nos demais estados brasileiros, o que pode ser notado pelos valores da decomposição da redundância apresentados na Tabela 4.3. Os Estados do Piauí, Rio Grande do

Tabela 4.3. Características da distribuição da escolaridade entre pessoas com 5 anos ou mais, por Unidade da Federação. Brasil, 1980.

U.F	ESGINI	ESTHEIL	ESMEDIA	ESH	MRH por U.F.	Redundância(%) Entre	Redundância(%) Dentro
MA	0,635	0,516	1,86	0,602	16	15,9	84,1
PI	0,642	0,525	1,89	0,607	11	8,7	91,3
CE	0,632	0,509	2,17	0,558	23	17,8	82,2
RN	0,606	0,475	2,44	0,505	10	9,1	90,9
PB	0,638	0,517	2,18	0,569	12	8,1	91,9
PE	0,613	0,482	2,64	0,495	12	15,2	84,8
AL	0,655	0,543	1,95	0,625	9	15,3	84,7
SE	0,630	0,506	2,21	0,554	8	14,4	85,6
BA	0,638	0,517	2,14	0,573	26	16,7	83,3
MG	0,515	0,368	3,31	0,321	46	9,0	91,0
ES	0,516	0,367	3,50	0,316	8	7,1	92,9
RJ	0,460	0,304	4,76	0,203	14	6,2	93,8
SP	0,469	0,315	4,31	0,221	43	1,8	98,2
PR	0,508	0,360	3,32	0,302	24	6,2	93,8
SC	0,428	0,278	3,88	0,203	16	3,3	96,7
RS	0,434	0,283	4,21	0,196	24	3,7	96,3
MT	0,561	0,420	2,71	0,414	6	4,6	95,4
MS	0,537	0,391	3,04	0,356	7	4,2	95,8
GO	0,558	0,416	2,89	0,396	16	7,9	92,1
DF	0,462	0,305	5,21	0,194	1	-	-
BR (1)	0,537	0,391	3,43	0,347	332	15,4	84,6

(1) Estes dados referem-se às 332 MRH analisadas.
Fonte: Dados básicos do Censo Demográfico de 1980

do Norte e Paraíba apresentam valores próximos aos de Minas Gerais e Goiás. Entretanto, para a região Nordeste, a desigualdade da escolaridade entre as MRH é relativamente mais importante, pois a quantidade de MRH é significativamente menor

nos estados do Nordeste. No outro extremo destaca-se São Paulo onde, apesar do elevado número de microrregiões, o componente da redundância referente à desigualdade entre MRH corresponde a apenas 1,8% do total.

Outra evidência das diferenças regionais no grau de desigualdade da escolaridade e o fato de os estados do Nordeste, assim como os estados da região Centro-Oeste, possuírem valores de ESGINI e ESTHEIL acima da desigualdade escolar verificada para o país como um todo, enquanto que para os demais estados estes valores são inferiores.

Na análise das MRH, as constatações são as mesmas. A desigualdade da distribuição da escolaridade no Nordeste é elevada a ponto da variável ESGINI para todas as MRH ser superior a 0,500. Mais de 60% das MRH do restante do país possue ESGINI abaixo deste valor, sendo que para as MRH dos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul estes valores são sempre inferiores a 0,500.

O valor mais elevado destes dois estados é para a MRH de Alto Camaquã (320) cujo ESGINI é igual a 0,492. Além das microrregiões do Nordeste e Centro-Oeste, as MRH do Espírito Santo, com exceção da capital, também apresentam ESGINI superior a 0,492.

A condição da desigualdade da escolaridade para as MRH do Centro-Oeste se assemelha àquela das MRH do Nordeste. Entretanto, o valor extremo do ESGINI da região, 0,610 para a MRH Vão do Paraná (352), é sensivelmente menor que os valores mais

altos do Nordeste.

A desigualdade da escolaridade assinalada pelo Indice de Theil (ESTHEIL) também mostra a situação precária da distribuição da escolaridade no Nordeste, mesmo comparada com regiões longe de possuírem distribuições de escolaridade satisfatórias, como é o caso de alguns estados do País.

A escolaridade média confirma a heterogeneidade do nível de escolaridade no Nordeste. Para as MRH das capitais nordestinas a escolaridade média é sempre superior a três anos. Além delas somente 8 MRH, de um total de 118, possuem mais de dois anos de escolaridade média. Assim mesmo, dessas oito MRH, apenas duas possuem mais de 2,4 anos de escolaridade média. As MRH onde se localizam a capital maranhense e a capital baiana apresentam os melhores resultados quanto à escolaridade média. Por outro lado, a MRH baiana de Sertão de Canudos (141) apresenta escolaridade média menor que 1 ano e 82,8% da população com mais de 5 anos possue menos de 1 ano de escolaridade (ESH).

Os Estados de São Paulo e Rio de Janeiro apresentam valores de escolaridade média para suas MRH sempre acima de 2,3 anos, ao passo que as MRH de Santa Catarina e Rio Grande do Sul não apresentam valores menores que 3 anos. Além disso, nestes 4 estados o valor de ESH nas respectivas MRH é sempre inferior a 43,4%.

O melhor índice de escolaridade média fica para as MRH do Rio de Janeiro, com o valor de 5,8 anos, e do Distrito Federal, com 5,2 anos, bem como as MRH de Florianópolis e Porto Alegre, com 5,1 anos.

Para a região Centro-Oeste, os valores da ESMEDIA e ESH são melhores quando comparados com o Nordeste. O valor mínimo da escolaridade média é 1,47 ano (para a MRH 347, Tocantina de Paulo Afonso), sendo que mais de 75% das MRH desta região possuem o valor desta variável acima de 2 anos. A MRH que possue pior valor para a variável ESH é Vão do Paraná (352), com 62,2% da população com menos de 1 ano de escolaridade, mas apenas 8 MRH da região possuem ESH acima de 50%.

As evidências se confirmam quando a análise se refere aos valores estaduais. De acordo com a Tabela 4.3., todos os estados nordestinos possuem escolaridade média inferior a 2,7 anos. Para os outros estados, o valor da ESMEDIA é sempre superior a 2,7 anos, sendo menor que 3,3 anos apenas para os estados do Centro-Oeste.

Os valores de ESH também mostram a precariedade da escolaridade no Nordeste. O valor de cada estado é sempre superior a 49%, além de cada estado possuir pelo menos uma microrregião com proporção de pessoas com menos de 1 ano de escolaridade superior a 70%.

Apesar de o Nordeste apresentar sempre os piores resultados em termos de escolaridade, em valores absolutos os resultados são muito ruins também no restante do país. Os valores da Tabela 4.4 mostram que mais de 15 milhões de pessoas com mais de 5 anos de idade possuem menos de 1 ano de escolaridade nas regiões Sul e Sudeste.

Tabela 4.4. Valores absolutos e porcentagem de pessoas com 5 anos ou mais com menos de um ano completo de escolaridade, nos estados e Regiões do Brasil, 1980.

Região e Estado	Total de Pessoas		Pessoas com escol.< 1 ano	
	Número	Porcentagem	Número	Porcentagem
NORDESTE	29267685	30.27	16406830	48.70
Maranhão	3291011	3.40	1982526	5.88
Piauí	1780962	1.84	1081889	3.21
Ceará	4487074	4.64	2503663	7.43
R.G. do Norte	1620384	1.68	818932	2.43
Paraíba	2348374	2.43	1337095	3.97
Pernambuco	5227065	5.41	2588173	7.68
Alagoas	1654410	1.71	1034455	3.07
Sergipe	956307	0.99	530287	1.57
Bahia	7902098	8.17	4529810	13.45
SUDESTE	45333290	46.89	11175988	33.17
Minas Gerais	11585362	11.98	3723065	11.05
Espírito Santo	1738247	1.80	549719	1.63
Rio de Janeiro	10027357	10.37	2040138	6.06
São Paulo	21982324	22.74	4863066	14.43
SUL	16658918	17.23	3990655	11.85
Paraná	6601270	6.83	1996971	5.93
Sta Catarina	3158224	3.27	641307	1.90
Rio G. do Sul	6899424	7.14	1352377	4.01
CENTRO-OESTE	5415806	5.60	2116129	6.28
Mato Grosso	956565	0.99	396399	1.18
Mato. G.do Sul	1171492	1.21	417480	1.24
Goiás	3287749	3.40	1302250	3.87
BRASIL (1)	96675699	100.00	33689602	100.00

(1) Refere-se às 332 MRH analisadas exclusive D.F.
Fonte:Dados básicos do Censo Demográfico do Brasil de 1980.

A assimetria à direita da distribuição da escolaridade pode ser observada nos histogramas de Santa Catarina, com a menor desigualdade, e Alagoas, com o maior nível de desigualdade da escolaridade apresentada (Figuras 4.5 e 4.6,

respectivamente). O histograma relativo ao Brasil é mostrado na Figura 4.7.

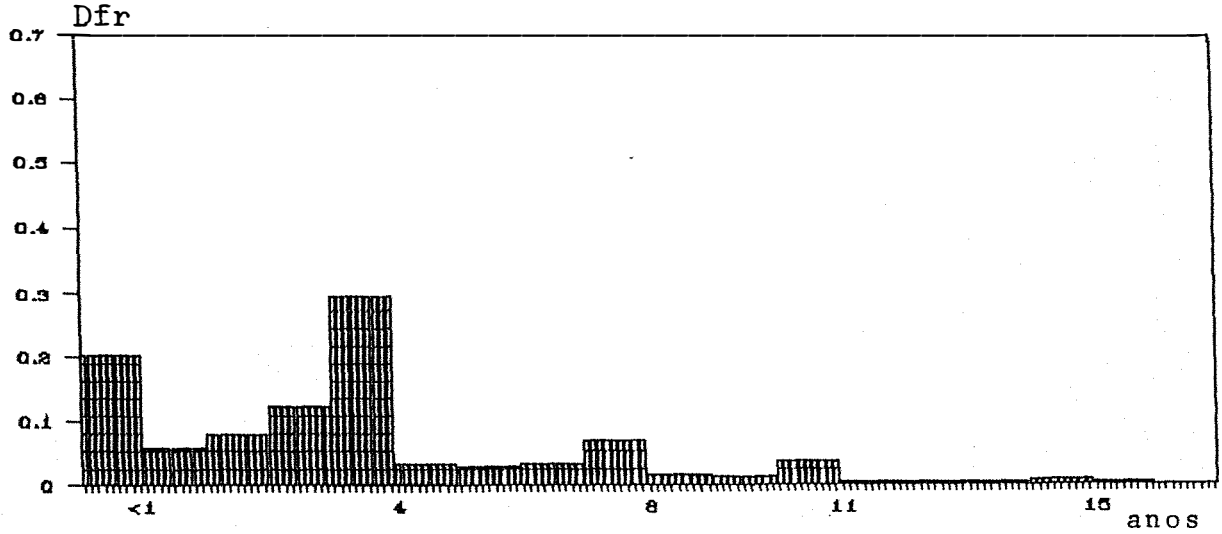

Figura 4.5. Histograma relativo à distribuição da escolaridade do Estado de Santa Catarina, em 1980.

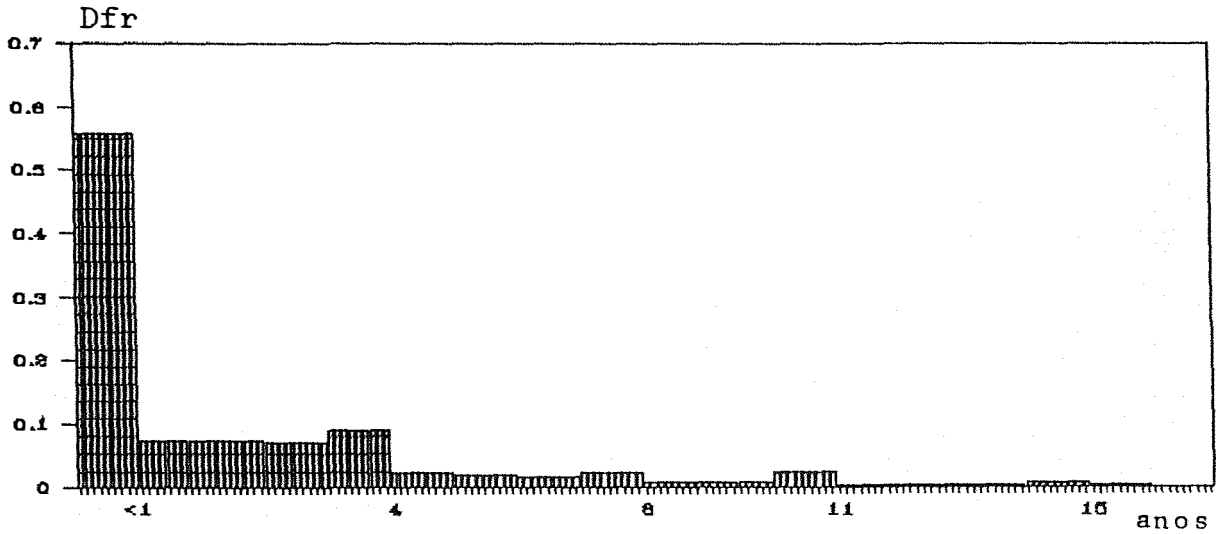

Figura 4.6. Histograma relativo à distribuição da escolaridade do Estado do Alagoas, em 1980.

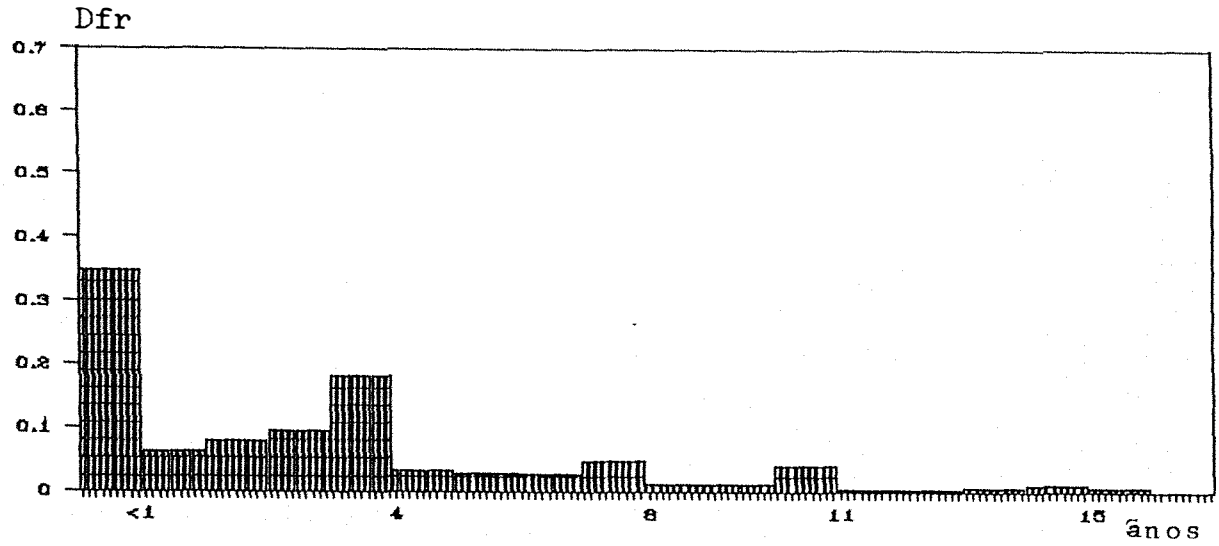

Figura 4.7. Histograma relativo à distribuição da escolaridade no Brasil, em 1980.

Para os estados nordestinos, a assimetria à direita é mais acentuada quando comparada ao Brasil, com valores da densidade de frequência relativa mais altos no primeiro estrato, enquanto que para Santa Catarina o histograma mostra uma assimetria mais branda, com pico de freqüência mais elevado para 4 anos completos de escolaridade (final do antigo primário).

Pela análise dos valores da média e da mediana dos anos de escolaridade das MRH da região Nordeste nota-se uma acentuada assimetria à direita da distribuição da escolaridade da população, pois em quase todas o valor da mediana é menor que a metade da média. As exceções ficam por conta das MRH onde se encontram as capitais. Entretanto, neste caso a tendência de assimetria da distribuição é tão evidente que mesmo em duas das capitais nordestinas o valor da mediana é menor que a metade da média: Teresina com média de anos de escolaridade igual a 3 anos e mediana igual a 1 ano e o Litoral Paraibano (onde se localiza

João Pessoa), com média de 3,3 anos de escolaridade e mediana também igual a 1 ano de escolaridade.

Esta tendência muda quando analisamos outras regiões brasileiras. A assimetria à direita da distribuição da escolaridade da população continua mas com uma intensidade substancialmente menor. Casos em que a média dos anos de escolaridade é mais de duas vezes maior que a mediana também ocorrem, mas com pouca freqüência. Os dados mostram que para os estados da região Sul e Sudeste, exceto o Estado de Minas Gerais, a grande maioria das MRH possue o valor da mediana maior ou igual a 70% do valor da média de anos de escolaridade. Além disso, para 15 MRH destes estados o valor da mediana supera o valor da média (MRH de Três Marias, Divinópolis, Serrana Fluminense, Jundiaí, Sudoeste Paranaense, Colonial do Rio do Peixe, Colonial do Oeste Paranaense, Colonial das Missões, Litoral Oriental de Lagoa dos Patos, Planalto de Canoinhas, Colonial do Alto Taquari, Fumicultora de Santa Cruz do Sul, Colonial de Santa Rosa, Colonial de Erechin e Campos de Vacaria).

Para as MRH da região Centro-Oeste a assimetria à direita da escolaridade também é elevada. Porém, como mostrado anteriormente, a gravidade do problema na região Centro-Oeste é menor que no Nordeste.

4.1.4. OUTROS INDICADORES

Com relação aos dados referentes à posse da terra, o menor valor do TEGINI para o Nordeste é de 0,626 na MRH 72 de Sertão de Inhamuns. Além disso, apenas 10% das microrregiões nordestinas possuem valores de TEGINI abaixo de 0,700. O Ceará, onde se localiza a MRH 72, é o que apresenta uma condição melhor, apesar de 22% de suas microrregiões possuírem valores de TEGINI acima de 0,800.

Apesar da pequena melhora que se nota no restante do País, o nível da desigualdade da posse da terra é quase sempre alto. Para auxiliar a análise foi elaborada a Tabela 4.5., que apresenta, para cada estado brasileiro, as suas MRH classificadas de acordo com o índice de Gini da posse da terra.

Além de realçar a maior desigualdade existente no Nordeste, a tabela mostra a diferença existente entre as regiões Sul e Sudeste em relação ao restante do país. Nestas regiões o número de microrregiões com índices superiores a 0,800 é relativamente pequeno e os Estados do Espírito Santo, Minas Gerais, Santa Catarina e Rio Grande do Sul merecem destaque pela proporção de MRH com índices inferiores à 0,700.

A região Centro-Oeste, e em especial o Estado do Mato Grosso, apresenta níveis de concentração da posse da terra elevados. Esta região difere das demais por apresentar área média dos estabelecimentos também elevada. Das 29 MRH do Centro-Oeste apenas duas possuem área média dos estabelecimentos inferior a 200 ha. Além disso, para 10 delas a área média é superior a

500ha.

Tabela 4.5. Distribuição do número de microrregiões por Estado em diferentes intervalos de índice de Gini da distribuição da posse da terra. Brasil, 1980.

U.F.	Intervalos de Indice Gini para posse da terra						Total
	G>0,9	0,9>G>0,8	0,8>G>0,7	0,7>G>0,6	0,6>G>0,5	G<0,5	
MA	8	8	-	-	-	-	16
PI	6	3	2	-	-	-	11
CE	-	6	12	5	-	-	23
RN	2	7	1	-	-	-	10
PB	1	6	3	2	-	-	12
PE	-	6	6	-	-	-	12
AL	-	7	2	-	-	-	09
SE	-	5	2	1	-	-	08
BA	1	11	12	2	-	-	26
MG	-	6	14	26	-	-	46
ES	-	-	3	3	2	-	08
RJ	-	5	7	2	-	-	14
SP	1	5	25	12	-	-	43
PR	1	3	12	7	1	-	24
SC	-	-	5	5	5	1	16
RS	-	1	11	3	4	5	24
MT	4	1	1	-	-	-	06
MS	-	3	4	-	-	-	07
GO	-	2	9	5	-	-	16
DF	-	-	1	-	-	-	01

Fonte: Dados básicos do Censo Agropecuário do Brasil de 1980.

Com relação à área média dos estabelecimentos, destaca-se outro ponto. Apesar do alto grau da desigualdade da posse da terra do Nordeste, apenas 31% das microrregiões possuem área média dos estabelecimentos maior do que 50 ha, ao passo que para o restante do País este valor praticamente dobra (59%).

A análise da área média juntamente com a área mediana dos estabelecimentos permitiu atestar a fortíssima

assimetria à direita da distribuição da posse da terra.

Dentre os indicadores de mão-de-obra, a porcentagem de trabalhadores na agricultura apresenta maior variação de valores _ 87,1% para a MRH maranhense de Alto Itapecuru (041) e 0,44% para a capital carioca.

A maioria dos valores elevados de MOAGRI está na região Nordeste, apesar de que em oito MRH das capitais nordestinas o valor desta variável é inferior a 20%.

Para as demais variáveis, as oscilações são relativamente pequenas. O comportamento da variável porcentagem de mulheres na composição da PEA (MOMUL) é relativamente constante. Com exceção da região Centro-Oeste e de uma MRH cearense (MRH 72 - Sertão de Inhamuns), onde esta porcentagem é baixa, o valor da variável é sempre superior a 11,93%, e em 90% das MRH brasileiras o valor é superior a 15%. Entretanto esta porcentagem nunca ultrapassa 38%.

Para as variáveis MOCOM (porcentagem de trabalhadores no comércio) e MOSERV (porcentagem de trabalhadores na prestação de serviços) os valores são relativamente baixos, mas os valores de MOSERV oscilam mais que os valores de MOCOM. Além disso, para as MRH com maiores níveis de desenvolvimento, como as MRH das capitais estaduais, a porcentagem de mão-de-obra na prestação de serviços é sempre superior à porcentagem de mão-de-obra no comércio. Considerando as regiões brasileiras, as variáveis MOMUL, MOCOM e MOSERV possuem valores menores para o Nordeste e Centro-Oeste, valores intermediários para a Bahia e Minas Gerais e valores relativamente elevados para os demais

estados do Sul e Sudeste. (Tabela 4.I do Anexo I)

A variável densidade demográfica, com o intuito de sinalizar o grau de urbanização, foi também utilizada para explicar a desigualdade da distribuição da renda.

Pela análise dos valores da Tabela 4.6.,que mostra o número de MRH em cada estado de acordo com o número de famílias por km^2, verifica-se que cinco estados apresentam claramente características de baixa densidade demográfica: Maranhão, Piauí, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás. Além desses, os Estados do Ceará, Rio Grande do Norte e Espírito Santo também caracterizam-se por baixos valores de densidade demográfica para a maioria de suas MRH. Para os demais estados pelo menos 3 MRH apresentam densidade demográfica superior a 10 famílias/km^2. Dentre os estados nordestinos, apenas Pernambuco e Paraíba possuem mais de uma MRH com mais de 20 famílias por km^2.

Seguindo a expectativa de que maiores valores para esta variável surgiriam nas MRH com maior grau de urbanização, os estados de São Paulo e Rio de Janeiro são os que apresentam maior proporção de MRH com elevada densidade demográfica. Os estados sulinos também correspondem à expectativa de maiores graus de urbanização representados pela variável densidade demográfica.

Tabela 4.6. Distribuição do número de Microrregiões, por estado para diferentes intervalos da densidade demográfica. Brasil, 1980.

U.F.	Intervalos de Densidade Demográfica*					
	<5	5 a 10	10 a 20	20 a 50	>50	Total
MA	14	1	-	-	1	16
PI	9	2	-	-	-	11
CE	12	9	-	1	1	23
RN	5	4	-	1	-	10
PB	2	5	1	4	-	12
PE	4	2	2	3	1	12
AL	-	3	5	-	1	09
SE	1	3	3	1	-	08
BA	18	5	2	-	1	26
MG	23	16	6	-	1	46
ES	3	3	1	-	1	08
RJ	-	4	5	3	2	14
SP	5	17	12	5	4	43
PR	10	10	3	1	-	24
SC	4	5	4	3	-	16
RS	7	12	4	-	1	24
MT	6	-	-	-	-	06
MS	7	-	-	-	-	07
GO	15	1	-	-	-	16
DF				1		01

* Número famílias por km^2

Fonte: Dados básicos do Censo Demográfico do Brasil de 1980.

4.2. FATORES QUE AFETAM A DESIGUALDADE DA RENDA

Através da análise de regressão e da correlação simples buscou-se determinar os fatores que afetam a desigualdade de distribuição da renda. Os valores das correlações simples entre as variáveis para as 332 MRH estão na Tabela 1.III do Anexo III. Utilizou-se inicialmente o modelo matemático básico definido no capítulo 3 e REGINI como variável dependente.

Pelo ajustamento do modelo, o resultado obtido foi o seguinte:

$$\text{REGINI} = 13{,}32 - 1{,}03\ \text{REMEDIA} - 0{,}0430\ (\text{REMEDIA})^2 + 67{,}93\ \text{ESGINI}$$
$$- 19{,}37\ \text{ESH} + 3{,}95\ \text{ESMEDIA} - 4{,}06\ \text{TEGINI} + 0{,}000575\ \text{TEMEDIA}$$
$$- 0{,}0740\ \text{MOMUL} + 0{,}117\ \text{MOAGRI} + 0{,}187\ \text{MOCOM} + 0{,}324\ \text{MOSERV}$$
$$+ 0{,}0037\ \text{FAMDD} - 0{,}543\ \text{FATOR1} - 0{,}180\ \text{FATOR2}$$

com coeficiente de determinação (R^2) igual a 0,61 e os coeficientes da regressão multiplicados por 10^2. Apesar da regressão apresentar R^2 relativamente alto, o elevado valor da correlação entre determinadas variáveis sugeriu a eliminação de 4 variáveis independentes, reduzindo o modelo a 10 variáveis explanatórias. O ajustamento do novo modelo apresentou o seguinte resultado:

$$\text{REGINI} = \underset{(14{,}05)}{44{,}53} + \underset{(1{,}48)}{0{,}811}\ \text{REMEDIA} - \underset{(-4{,}09)}{0{,}184}\ (\text{REMEDIA})^2 + \underset{(3{,}35)}{16{,}09}\ \text{ESGINI}$$

$$- \underset{(-2{,}58)}{5{,}21}\ \text{TEGINI} + \underset{(0{,}58)}{0{,}000646}\ \text{TEMEDIA} + \underset{(0{,}002)}{0{,}0000873}\ \text{MOMUL} + \underset{(12{,}96)}{0{,}421}\ \text{MOSERV}$$

$$+ \underset{(4{,}37)}{0{,}00516}\ \text{FAMDD} - \underset{(-1{,}14)}{0{,}192}\ \text{FATOR1} - \underset{(-0{,}06)}{0{,}0143}\ \text{FATOR2}$$

com o coeficiente de determinação igual a 0,49 e os valores do teste t entre parênteses, e novamente, os coeficientes da regressão multiplicados por 10^2.

Verifica-se que apesar da queda do valor do coeficiente de determinação, as variáveis REMEDIA e $(REMEDIA)^2$ passam a apresentar o sinal de seus coeficientes de acordo com a hipótese de Kuznets.

Ajustou-se um novo modelo excluindo as variáveis TEMEDIA, MOMUL, FATOR1 e FATOR2, cujos coeficientes não se mostraram estatisticamente diferentes de zero. Também foi excluída a variável TEGINI, cujo coeficiente apresenta sinal oposto ao esperado. O sinal negativo para o coeficiente de TEGINI e o nível de significância do respectivo teste t mostram uma relação negativa entre desigualdade de rendimento familiar e desigualdade da posse da terra, que prevaleceu em quase todas as regressões ajustadas. A desigualdade da posse da terra estar negativamente relacionada com a desigualdade da distribuição da renda foi um resultado não esperado. Existe uma controvérsia a respeito da causalidade entre estas duas variáveis, mas, espera-se uma relação positiva entre elas.

Uma possível explicação para o fato é que a desigualdade de distribuição da renda é composta pela desigualdade da renda da população rural, pela desigualdade da renda da população urbana e pela desigualdade entre ambas. O fato de agregar estes três tipos de desigualdades, pode ter distorcido a

relação positiva, verificada em HOFFMANN (1987), da desigualdade da posse da terra com a desigualdade da distribuição da renda para a população rural.

Excluídas as 5 variáveis, obteve-se o seguinte modelo:

$$\underset{}{\text{REGINI}} = \underset{(14,63)}{44,39} + \underset{(0,95)}{0,482}\ \text{REMEDIA} - \underset{(-3,75)}{0,159}\ (\text{REMEDIA})^2 + \underset{(2,70)}{10,76}\ \text{ESGINI}$$

$$+ \underset{(13,52)}{0,419}\ \text{MOSERV} + \underset{(5,00)}{0,00402}\ \text{FAMDD}$$

com $R^2 = 0,48$, coeficientes de regressão multiplicados por 10^2 e teste F = 60,63

Apesar do elevado número de observações, os resultados obtidos pela análise de regressão, usando apenas as variáveis definidas no capítulo 3, não foram totalmente satisfatórios. Para os modelos de regressão ajustados, o valor do coeficiente de determinação (R^2) foi relativamente baixo, apesar de o teste F mostrar-se significativo.

Visando melhorar a capacidade do modelo de regressão explicar a desigualdade da distribuição da renda (variável dependente), foram incluídas variáveis binárias na análise para distinguir grandes regiões do Brasil. Dessa maneira, foi possível medir a influência das diferenças regionais sobre a variável dependente analisada.

A existência desta influência foi mencionada em diversos trabalhos que alertam para a forte desigualdade entre as

regiões brasileiras. A análise realizada no item 4.1 deste estudo também apontava para a necessidade de inclusão destas variáveis.

Para medir a diferença entre regiões é necessário primeiro delimitá-las. Para isto, optou-se por agrupar as vinte Unidades da Federação analisadas em 6 partes ou regiões. O Nordeste foi dividido em 2 partes: uma delas agrupou 8 estados nordestinos, excluindo apenas a Bahia, e totalizou assim 101 MRH; a outra considerou apenas o Estado da Bahia e totalizou 26 microrregiões. A separação do Estado da Bahia do Nordeste, baseou-se no fato de a Bahia apresentar nível de renda média mais elevado, e menores problemas de pobreza absoluta, quando comparada com os demais estados nordestinos. Além disso, este estado possue um número de MRH que permite individualizar sua análise.

O Sudeste foi dividido em duas partes. Uma delas restringiu-se ao Estado de São Paulo e a outra aos Estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo e Minas Gerais. A separação de São Paulo se justifica por ser o estado mais desenvolvido do País.

As regiões Sul e Centro-Oeste não foram subdivididas. Assim sendo, definiram-se as variáveis binárias da seguinte forma:

Z1=1 para as MRH do Nordeste, exceto Bahia, e Z1=0 para as demais MRH;

Z2=1 para as MRH do Estado da Bahia e Z2=0 para as demais MRH;

Z3=1 para as MRH do Sudeste, exceto São Paulo, e Z3=0 para as

demais MRH;

Z4=1 para as MRH da região Sul e Z4=0 para as demais MRH;

Z5=1 para as MRH do Centro-Oeste e Z5=0 para as demais MRH.

Nota-se que as MRH do Estado de São Paulo ficam caracterizadas pelo fato de terem as cinco variáveis binárias iguais a zero.

Além de captar quanto cada região definida é diferente de São Paulo, as variáveis binárias podem medir o quanto esta regionalização explica o nível de desigualdade de distribuição da renda existente no País.

O resultado obtido com a inclusão da variáveis binárias no modelo de regressão anteriormente ajustado é :

$$\begin{aligned} REGINI = {} & \underset{(9,78)}{38,31} + \underset{(1,96)}{1,05}\ REMEDIA - \underset{(-3,60)}{0,155}\ (REMEDIA)^2 + \underset{(2,93)}{16,33}\ ESGINI \\ & + \underset{(10,56)}{0,353}\ MOSERV + \underset{(2,86)}{0,00268}\ FAMDD + \underset{(3,27)}{2,21}\ Z1 + \underset{(2,46)}{1,81}\ Z2 + \underset{(3,87)}{1,94}\ Z3 \\ & + \underset{(4,01)}{2,20}\ Z4 + \underset{(4,37)}{2,82}\ Z5 \end{aligned}$$

com R^2 = 0,52 e teste F igual a 35,24 e os coeficientes de regressão multiplicados por 10^2.

Verifica-se que o coeficiente de determinação continua relativamente baixo, apesar da inclusão no modelo das variáveis binárias. Entretanto, nesta regressão, com exceção da variável REMEDIA, os coeficientes das demais variáveis são estatisticamente diferentes de zero ao nível de 1% de significância, enquanto o coeficiente de REMEDIA também é

diferente de zero a 5% de significância.

Observa-se que os coeficientes das variáveis binárias são todos positivos, indicando que a desigualdade tende a ser maior fora do Estado de São Paulo. Além disso, os valores dos coeficientes mostram que as regiões Nordeste e Centro-Oeste são as de maior nível de desigualdade da renda. Apesar da região Sul apresentar pontos com nível de desigualdade menor que São Paulo, o sinal positivo para a variável binária Z4 se explica pelo fato de esta estar agregando todas as 64 MRH sulinas, inclusive aquelas com elevado nível de desigualdade da renda.

Em seguida, o modelo de regressão, sem as variáveis binárias, também foi ajustado, separadamente para as MRH das 6 regiões pré definidas. Os resultados podem ser encontrados na Tabela 4.7.

Tabela 4.7. Resultados do modelo de regressão[1] aplicado às regiões definidas, tendo como variável dependente REGINI.

	INTERC.	REMEDIA	$REMEDIA^2$	ESGINI	MOSERV	FAMDD	R^2
BR[2]	44,39	0,48	-0,16	10,76	0,42	0,0040	0,48
	(14,63)*	(0,95)	(-3,75)*	(2,70)*	(13,52)*	(5,00)*	
NE	29,77	-3,53	0,52	37,45	0,75	-0,01	0,54
	(2,50)*	(-1,38)	(1,15)	(1,96)@	(5,07)*	(-1,26)	
NE[3]	31,74	-24,64	5,99	63,99	0,92	-0,10	0,43
	(2,26)*	(-4,04)*	(3,81)*	(2,95)*	(6,46)*	(-1,90)@	
BA	24,53	2,79	-0,21	32,49	0,50	-0,02	0,89
	(1,31)	(1,06)	(-0,48)	(1,07)	(2,97)*	(-0,26)	
SE	56,47	-3,76	0,33	9,25	0,26	0,0027	0,67
	(6,17)*	(-2,67)*	(2,48)*	(0,78)	(5,99)*	(-1,41)	
SP	0,72	1,51	-0,14	95,41	0,12	0,01	0,63
	(0,04)	(0,53)	(-0,57)	(3,86)*	(2,20)*	(1,44)	
SU	45,12	0,65	-0,14	15,22	0,19	0,0004	0,23
	(4,68)*	(0,20)	(-0,41)	(1,71)@	(1,65)	(0,01)	
CO	33,13	4,08	-0,33	22,64	0,04	0,09	0,71
	(3,11)*	(2,70)*	(-2,25)*	(1,44)	(0,39)	(1,44)	
CO[4]	34,53	3,63	-0,26	22,21	-0,001	0,15	0,61
	(3,15)*	(2,18)*	(-1,46)	(1,39)	(-0,01)	(1,40)	

* Significativo a 5%
@ Significativo a 10%

(1). Valores dos coeficientes da regressão multiplicados por 10^2
(2). 332 MRH, exclusive a Região Norte, sem incluir as variáveis binárias
(3). Sem incluir as MRH das capitais
(4). Sem incluir a MRH do Distrito Federal
Fonte: Dados básicos dos Censos Agropecuário e Demográfico do Brasil para 1980

A primeira coluna da Tabela 4.7. especifica a que dados o modelo de regressão está sendo aplicado. A primeira linha mostra novamente o resultado para o Brasil, com as 332 MRH, para facilitar a comparação. Para o Nordeste, sem o Estado da Bahia,

foram feitas duas análises. A primeira considera todas as MRH (n=101), enquanto a segunda exclue as 8 MRH que englobam as capitais nordestinas. Para a região Centro-Oeste também se fez duas análises, sendo que a segunda exclue o Distrito Federal.

Os coeficientes da regressão na Tabela 4.7, quando analisados conjuntamente mostram um resultado aquém do esperado para o modelo final ajustado. Das oito regressões apresentadas (exclusive BR) apenas a região Centro Oeste possue os coeficientes das variáveis REGINI e $REGINI^2$ com sinal em concordância com a hipótese de KUZNETS e estatisticamente diferente de zero ao nível de significância de 5%. Os coeficientes das variáveis ESGINI e MOSERV tiveram sempre o sinal esperado, mas seus valores foram estatisticamente diferentes de zero apenas em quatro e cinco regressões (a 10% de significância) respectivamente. Para a variável FAMDD o coeficiente é significativamente diferente de zero em apenas uma regressão, com sinal contrário ao esperado. Portanto, o ajustamento não é satisfatório quando são utilizados dados por região.

Os valores dos coeficientes das variáveis REMEDIA e $(REMEDIA)^2$ apresentadas por cada uma das regressões da Tabela 4.7 permite analisar a validade da hipótese de Kuznets para os dados por região. Apesar dos valores dos coeficientes destas variáveis apresentarem o sinal esperado para cinco das oito novas regressões ajustadas, apenas a região Centro Oeste se molda à hipótese de Kuznets.

Entretanto, a parábola que mostra como REGINI

varia em função de REMEDIA apresenta o ponto de máximo a um nível da renda média de 6,18 salários mínimos.

Para os coeficientes da regressão apresentada na p.67, o ponto de máximo ocorre para uma renda média igual a 3,39 salários mínimos por família. A maior concentração dos dados no ramo ascendente da curva de Kuznets, verificada nas regressões ajustadas neste trabalho, confirma o aumento da desigualdade no início do processo de desenvolvimento. Porém, os resultados não se mostram tão claros quando se referem à redução da desigualdade nos estágios seguintes do desenvolvimento.

Para a variável ESGINI, o sinal do coeficiente foi sempre positivo, o que mostra a desigualdade da escolaridade estar diretamente relacionada com a desigualdade da renda, de acordo com a tendência esperada. Esta variável, além de ter coeficiente altamente significativo na regressão para as 332 MRH, se mostrou especialmente significativa para os dados referentes a São Paulo, o que, até certo ponto, evidencia a importância da escolaridade nas regiões mais desenvolvidas.

A variável MOSERV também está positivamente relacionada à desigualdade da renda. Trata-se de uma categoria de trabalhadores que surgiu no desenrolar dos sucessivos estágios de desenvolvimento, que provocou demanda crescente por mão-de-obra especializada. Após o período de predominância da relação empregado/empregador típica do capitalismo, profissionais qualificados passam a trabalhar como prestadores de serviços. Entretanto, pode-se esperar uma maior desigualdade de renda nesta

categoria, dada a própria heterogeneidade da classe.

Utilizando-se apenas da PEA na agropecuária, HOFFMAN (1991) verificou que durante o processo de modernização da agricultura entre os anos 70 e 80, houve aumento da desigualdade da distribuição da renda, explicado em grande parte pelo aumento da desigualdade entre os autônomos do setor rural. Com o crescimento da porcentagem de um tipo de mão-de-obra que tende a ter um nível mais elevado de desigualdade, é esperado que a desigualdade da distribuição da renda também cresça. Além disso, como mencionado anteriormente, esta variável é também uma "proxy" da urbanização e seu sinal positivo pode estar confirmando a tendência de um maior nível de desigualdade verificado nos centros urbanos. Em todo o País, os valores das variáveis REGINI e RETHEIL são sempre maiores nas MRH das grandes cidades.

Confirmando este comportamento, a variável FAMDD também apresenta coeficiente com sinal positivo na regressão ajustada para as 332 MRH.

A regressão para o Nordeste que exclue as MRH com as capitais, apesar de apresentar um coeficiente de determinação menor, apresenta todos os coeficientes das variáveis significativamente diferentes de zero a 10% de significância. Entretanto, esta região não apresenta os sinais esperados para as variáveis REMEDIA e $(REMEDIA)^2$. Os resultados, neste caso, estão em desacordo com a hipótese de Kuznets. Cabe assinalar que cerca de 75% dos dados estão à esquerda do ponto de mínimo da parábola,

ou seja, no ramo descendente da curva. Além disso o coeficiente de FAMDD, apesar de estatisticamente diferente de zero a 10% de significância, apresenta sinal oposto ao esperado. Isto sugere que para a Região Nordeste, excluindo o Estado da Bahia e as MRH onde se localizam as capitais, o nível de desigualdade da distribuição de renda é decrescente nos estágios iniciais de desenvolvimento, de acordo com REGINI e FAMDD. Apesar do baixo coeficiente de determinação (R^2 =0,43), esta regressão não se ajusta à hipótese de Kuznets, pondo em dúvida a afirmação de LANGONI (1973) e o discurso do governo brasileiro nos anos 60 e 70.

A regressão referente ao estado da Bahia, apesar de apresentar maior valor de R^2, apresenta apenas um coeficiente de regressão significativamente diferente de zero. Possivelmente isto seja explicado pelo valor de 96,9 da correlação simples entre as variáveis MOSERV e REMEDIA.

Para as 26 MRH do estado da Bahia, quando se exclue a variável MOSERV, o novo modelo ajustado apresenta o seguinte resultado:

$$\underset{}{\text{REGINI}} = \underset{(0,051)}{1,01} + \underset{(3,233)}{7,69}\ \text{REMEDIA} - \underset{(-1,828)}{0,85}\ (\text{REMEDIA})^2 + \underset{(1,1904)}{63,60}\ \text{ESGINI}$$

$$+ \underset{(1,198)}{0,11}\ \text{FAMDD},$$

com o coeficiente de determinação igual a 0,85, os valores dos testes t entre parênteses e os coeficientes da regressão multiplicados por 10^2. Para este modelo as variáveis REMEDIA, $(\text{REMEDIA})^2$ e ESGINI passam a ter coeficientes significativamente

diferentes de zero ao nível de significância de 10%. Cabe lembrar que TRONCOSO LEONE (1988) mostrou que níveis mais elevados de modernização da agricultura estão relacionados com maiores níveis de desigualdade na distribuição da renda para a PEA rural nas MRH da Bahia. Os resultados apresentados mostram, para as MRH da Bahia, uma associação direta entre desigualdade e nível de renda para a distribuição analisada, de onde pode-se dizer que os dados para as MRHs deste estado dão suporte à hipótese de Kuznets.

A análise detalhada de duas das regressões apresentadas na Tabela 4.7. pode ser uma evidência de porque atualmente os autores das duas correntes de pensamento admitem opiniões mais conciliatórias para explicar a relação entre desigualdade de distibuição de renda e desenvolvimento econômico.

A utilização de outros indicadores como variável dependente, em lugar de REGINI, para completar a análise dos fatores que influenciam a desigualdade da renda leva a resultados similares quanto ao coeficiente de determinação e os coeficientes das variáveis. O modelo de regressão ajustado com a variável RETHEIL apresenta o seguinte resultado:

$$\underset{}{\text{RETHEIL}} = \underset{(3,58)}{19,23} + \underset{(2,95)}{2,17}\ \text{REMEDIA} - \underset{(-4,55)}{0,268}\ (\text{REMEDIA})^2 + \underset{(4,23)}{32,28}\ \text{ESGINI}$$

$$+ \underset{(9,61)}{0,440}\ \text{MOSERV} + \underset{(3,13)}{0,00401}\ \text{FAMDD} + \underset{(2,44)}{2,27}\ Z1 + \underset{(1,51)}{1,52}\ Z2 + \underset{(3,50)}{2,39}\ Z3$$

$$\underset{(4,26)}{3,20}\ Z4 + \underset{(3,90)}{3,45}\ Z5$$

com R^2 igual a 0,51, o valor do teste t entre parênteses e os coeficientes da regressão multiplicados por 10^2 e teste F =

32,88. Com excessão da variável binária Z2, todos os testes t são estatisticamente diferentes de zero, a 1% de significância.

Com a variável RE10+, o resultado obtido foi:

$$RE10+ = \underset{(6,22)}{22,54} + \underset{(3,51)}{1,74}\ REMEDIA - \underset{(-5,24)}{0,208}\ (REMEDIA)^2 + \underset{(4,53)}{23,31}\ ESGINI$$

$$+ \underset{(9,97)}{0,308}\ MOSERV + \underset{(3,16)}{0,00273}\ FAMDD + \underset{(2,69)}{1,69}\ Z1 + \underset{(1,06)}{0,722}\ Z2 + \underset{(3,31)}{1,53}\ Z3$$

$$\underset{(4,24)}{2,15}\ Z4 + \underset{(3,74)}{2,23}\ Z5$$

com R^2 igual a 0,53, os valores dos testes t entre parênteses e F= 36,09. Novamente apenas o coeficiente da variável Z2 não apresenta o teste t diferente de zero a 1% de significância.

Apesar de RETHEIL e RE10+ serem indicadores mais sensíveis ao extremo superior da distribuição, os resultados apresentados no ítem 4.1.1. mostraram a mesma tendência entre eles. De acordo com estes resultados, neste trabalho poderia ser dispensado o ajustamento de regressões para os diferentes indicadores de desigualdade da renda, contrariamente ao trabalho de BRAUN (1988). Todavia estes dois modelos foram ajustados para complementar e auxiliar a análise.

Nestes modelos os coeficientes das variáveis binárias são todos positivos e novamente as regiões Nordeste e Centro-Oeste apresentam o nível de desigualdade da renda mais elevado.

Para todos os coeficientes das demais variáveis do modelo os resultados são semelhantes. Deve-se observar o ponto de máximo da parábola formada por REMEDIA e $REMEDIA^2$ nos dois

modelos. Tendo-se RETHEIL como variável dependente este ponto foi igual a 4,04 salários mínimos, enquanto este valor é igual a 4,17 salários mínimos quando RE10+ é a variável dependente. Estes valores são ainda maiores que os resultados obtidos tendo REGINI como variável dependente, o que confirma o comportamento da parábola de Kuznets em seu ramo ascendente.

Além disso, os valores dos coeficientes de determinação das regressões ajustadas são muito semelhantes ao obtido no modelo com a variável REGINI.

Esta semelhança de resultados , quando se utiliza um dos tres indicadores de desigualdade da distribuição da renda (REGINI, RETHEIL, e RE10+) se verifica tanto a nível das MRHs do Brasil, como dos estados e regiões.

4.3. FATORES QUE AFETAM A POBREZA ABSOLUTA

Na análise dos fatores que influenciam o nível de pobreza absoluta, a obtenção de um modelo de regressão com resultado satisfatório foi relativamente fácil pela quantidade de variáveis que se apresentaram fortemente correlacionadas com as medidas de pobreza (RESEN e REH).

Apesar do maior número de variáveis que poderia ser usado, ajustou-se um modelo com apenas 3 variáveis independentes, REMEDIA, $(REMEDIA)^2$ e REGINI, além das binárias.

Este modelo aplicado à variável RESEN, com as 332

MRH, apresentou o seguinte resultado:

$$RESEN = \underset{(8,55)}{20,03} - \underset{(-38,04)}{13,42}\ REMEDIA + \underset{(30,37)}{0,940}\ (REMEDIA)^2 + \underset{(11,90)}{56,44}\ REGINI$$

$$+ \underset{(2,73)}{1,77}\ Z1 - \underset{(-1,90)}{0,31}\ Z2 - \underset{(-3,38)}{1,47}\ Z3 - \underset{(-1,58)}{0,749}\ Z4 - \underset{(-2,62)}{1,75}\ Z5$$

com os valores dos coeficientes das variáveis multiplicados por 10^2, os valores do teste t entre parênteses e o coeficiente de determinação igual a 0,95 e teste F = 838,58.

A variável binária Z2 tem coeficiente estatisticamente diferente de zero a 10% de significância, enquanto a variável Z4 mostrou-se não significativa. Todas as demais variáveis possuem coeficiente estatiticamente diferente de zero a 1% de significância.

Os resultados satisfatórios obtidos com este modelo torna dispensável ajustar modelos com número maior de variáveis.

O modelo de regressão foi ajustado para as 332 MRH e para as 6 regiões definidas na seção anterior.

Pela Tabela 4.8. verifica-se que para a maioria das regiões o coeficiente de determinação está acima de 0,95 e que os coeficientes das variáveis são sempre significativamente diferentes de zero a 5% de significância.

Tabela 4.8. Resultados do modelo de regressão[1] aplicado às regiões definidas, tendo como variável dependente RESEN.

	INTERC.	REMEDIA	$(REMEDIA)^2$	REGINI	R2
BR[2]	22,38	-14,40	1,02	56,00	0,94
	(9,15)*	(-48,31)*	(35,91)*	(12,79)*	
NE	9,51	-30,89	3,39	121,24	0,99
	(4,76)*	(-39,67)*	(26,65)*	(33,13)*	
NE[3]	34,98	-50,71	8,55	106,86	0,99
	(22,34)*	(-44,10)*	(27,83)*	(61,41)*	
BA	10,37	-24,40	2,30	102,40	0,99
	(2,64)*	(-21,27)*	(18,52)*	(10,61)*	
SE	10,59	-10,16	0,66	56,42	0,96
	(2,67)*	(-21,02)*	(16,11)*	(9,42)*	
SP	5,52	-5,22	0,31	36,24	0,97
	(1,39)	(-9,31)*	(7,43)*	(7,25)*	
SU	6,15	-8,81	0,61	54,82	0,93
	(1,71)	(-9,61)*	(6,80)*	(10,21)*	
CO	-21,43	-12,90	0,84	125,44	0,91
	(-1,41)	(-9,97)*	(8,21)*	(4,17)*	
CO[4]	-13,26	-21,02	1,88	137,65	0,95
	(-1,36)	(-15,59)*	(10,47)*	(7,12)*	

*. Significativo a 5%

(1). Valores dos coeficientes da regressão multiplicados por 10^2
(2). 332 MRH, exclusive a região Norte, sem incluir as variáveis binárias
(3). Sem incluir as MRH das capitais
(4). Sem incluir a MRH do Distrito Federal

Fonte: Dados básicos dos Censos Agrocuário e Demográfico do Brasil para 1980

Em função do modelo de regressão ajustado, é necessário chamar a atenção para as relações matemático-estatísticas existentes entre as variáveis incluídas no modelo.

Para que fique clara a natureza das relações

matemático-estatísticas entre os índices de pobreza de SEN, índice de Gini e renda média, admite-se que a distribuição da renda seja de determinado tipo, por exemplo, log-normal. Neste caso, se for fixada uma linha de pobreza e a dispersão da distribuição, é óbvio que o grau de pobreza varia inversamente com a renda media.

Da mesma forma, para uma determinada linha de pobreza e renda média, uma variação na dispersão da distribuição faz com que o grau de pobreza varie no mesmo sentido.

Para o exemplo citado, está-se admitindo um tipo de distribuição fixo e, neste caso, o coeficiente de determinação de uma regressão de RESEN contra REMEDIA e REGINI tenderia a 1.

E evidente, entretanto, que para o caso de dados empíricos o valor de R^2 não é explicado somente pelas relações matemático estatísticas existentes entre as variáveis, pois não há razões para acreditar que as distribuições empíricas obedeçam a determinada fórmula (como a log-normal).

E possível, neste caso, que a desigualdade cresça sem afetar o nível de pobreza, desde que ocorra uma transferência regressiva da renda entre pessoas que estão acima da linha de pobreza.

Alterações na renda apenas para as pessoas situadas acima da linha de pobreza afetam o rendimento médio, mas não afetam a proporção de pobres ou o índice de pobreza de SEN.

Dessa maneira, tratando-se de dados empíricos, nada garante que uma regressão de RESEN contra REMEDIA, $(REMEDIA)^2$ e REGINI daria coeficiente de determinação próximo de 1.

Os resultados apresentados na Tabela 4.8 tem, portanto, um significado importante, indicando que há certa uniformidade no tipo de distribuição da renda nas 332 MRH analisadas, fazendo com que alterações na desigualdade e na tendência central da distribuição tenham relação bastante estreita com modificações no grau de pobreza absoluta.

Trabalhos anteriores mostraram que no Brasil, de 1960 a 1980, ocorreu uma elevação do nível de desigualdade da renda junto com uma redução do nível de pobreza. Isto só foi possível porque o efeito da elevação da renda média reduzindo a pobreza prevaleceu sobre o efeito da elevação da desigualdade aumentando a pobreza.

Cabe lembrar que as medidas de pobreza utilizadas estão baseadas na renda monetária, não levando em consideração variações regionais no custo de vida. Sabe-se que pessoas que habitam grandes centros urbanos podem receber uma renda monetariamente maior, sem que isto corresponda necessariamente a um padrão de vida melhor.

Por fim, tem-se a análise dos fatores que determinam o nível de pobreza absoluta, quando se considera a proporção de pobres (REH) como variável dependente. Os resultados obtidos foram:

$$
\begin{array}{lllllll}
REH = & 43{,}15 & - 20{,}76\ REMEDIA & + 1{,}39\ REMEDIA^2 & + 71{,}13\ REGINI & & \\
 & (18{,}02)* & (-57{,}56)* & (44{,}09)* & (14{,}66)* & & \\
+ 3{,}54\ Z1 & + 0{,}882\ Z2 & - 1{,}31\ Z3 & - 0{,}909\ Z4 & - 1{,}59\ Z5 & & \\
(5{,}35)* & (1{,}25) & (-2{,}94)* & (-1{,}87)@ & (-2{,}32)@ & &
\end{array}
$$

com $R^2 = 0,98$, F= 2240,64, valores dos coeficientes das variáveis multiplicados por 10^2 e o valor dos testes t entre parênteses. O sinal de asterisco (*) indica valores significativos a 1% e o sinal "@" indica significância ao nível de 10%.

Os valores dos coeficientes das variáveis assim como o coeficiente de determinação são semelhantes aos resultados obtidos com RESEN. Contudo, o coeficiente da binária Z2 difere, pois tem sinal positivo e não é significativo.

O modelo ajustado com a proporção de família pobres como variável dependente mostra que a extensão da pobreza absoluta nas MRH do País depende, essencialmente, da renda média e da desigualdade na distribuição da renda entre as famílias. Note-se entretanto, que o coeficiente da variável binária Z1 é altamente significativo, indicando que, mesmo depois de fixados os valores de REMEDIA e REGINI, uma MRH do Nordeste (exclusive Bahia) tende a apresentar uma proporção de pobres 3,54 pontos porcentuais maior do que uma MRH de São Paulo.

5. CONCLUSOES

Este trabalho buscou determinar os principais fatores explicativos da desigualdade da distribuição da renda familiar e pobreza absoluta para 332 MRH do Brasil, com base em um conjunto de variáveis previamente escolhidas de acordo com a literatura existente e a disponibilidade de dados.

Os resultados obtidos mostraram que a região Nordeste apresentou baixos níveis da renda média e elevado grau de desigualdade da renda e pobreza. As regiões Sul e Sudeste apresentaram, ao contrário, elevada renda média, e pobreza e desigualdade da renda relativamente baixas. A região Centro-Oeste apresentou valores intermediários.

Resultados semelhantes foram obtidos para as variáveis referentes à escolaridade. As medidas de tendência central são baixas para o Nordeste e relativamente elevadas para as regiões Sul e Sudeste. As medidas de desigualdade da escolaridade são novamente elevadas para a região Nordeste, relativamente baixas para o Sul do País e voltam a crescer para a região Centro-Oeste.

Para a distribuição da posse da terra, os valores

das variáveis se destacam pelo alto valor das medidas de desigualdade para todas as regiões do País. Mesmo assim, os valores destas variáveis para o Nordeste são relativamente elevados. A área média dos estabelecimentos no Nordeste é menor que nas demais regiões do país, sendo especialmente alta para a região Centro-Oeste.

Observa-se que o valor da renda média, assim como os indicadores das desigualdades da distribuição da renda são sempre altos nas microrregiões das capitais, centros urbanos e regiões industrializadas. Isto mostra a relação direta entre estas variáveis. Observou-se também uma relação inversa entre estas variáveis e indicadores de pobreza. Pode-se verificar que estas distribuições apresentam sempre o mesmo padrão em todas as regiões do País.

Uma característica comum entre as variáveis de renda, escolaridade e posse da terra é a forte assimetria à direita da distribuição.

As variáveis referentes à mão de obra e grau de urbanização na maioria dos casos não apresentaram as mesmas diferenças regionais observadas nas outras variáveis. Os valores do grau de urbanização, da porcentagem de trabalhadores no comércio, da porcentagem de trabalhadores na prestação de serviços e da proporção de mulheres na PEA mostraram-se elevados para as MRH dos grandes centros urbanos. A porcentagem de trabalhadores na agricultura varia muito entre as regiões analisadas, mas apresenta valores altos para a maioria das MRH

do Nordeste.

Reconhecendo a influência das variações regionais sobre a desigualdade da renda, as 332 MRH foram agrupadas em seis regiões: Nordeste exclusive Bahia, Bahia, Sudeste exclusive São Paulo, São Paulo, Sul e Centro Oeste. Para captar as diferenças regionais foram introduzidas no modelo 5 variáveis binárias.

Utilizando o estado de São Paulo como base, observa-se que os coeficientes das variáveis binárias foram sempre significativos e positivos, confirmando a diferença entre as regiões. O modelo ajustado mostrou que as regiões Centro-Oeste e Nordeste apresentaram maior desigualdade de distribuição da renda e São Paulo e a região Sul mostraram desigualdade relativamente mais baixa.

Apesar de contestada, a hipótese de Kuznets encontra alguma evidência no modelo ajustado para as 332 MRH do Brasil. As regressões ajustadas que dão suporte à hipótese de Kuznets mostram que a maioria dos pontos está ao redor do ramo ascendente da curva, onde maiores valores da renda média estão associados a maiores níveis de desigualdade de distribuição da renda. E relativamente fraca a evidência de que a partir de certo ponto maiores valores da renda média estão associados a menores níveis de desigualdade. Pode-se concluir pelos modelos ajustados para algumas regiões, assim como pelo ponto de máximo da parábola formada pelas variáveis renda média e quadrado da renda média que a parábola de Kuznets não deve ser usada como um modelo rígido de comportamento destas variáveis.

Além da renda média, a desigualdade da escolaridade, a porcentagem de mão de obra na prestação de serviços e o grau de urbanização são as variáveis que tiveram maior influência sobre a desigualdade de distribuição da renda.

Ao contrário do esperado, a desigualdade de posse da terra se mostrou negativamente relacionada com a desigualdade da renda. Cabe lembrar, entretanto, que trabalhos anteriores que analisaram especificamente a distribuição da renda do setor rural constataram relação direta entre sua desigualdade e a desigualdade da distribuição da posse da terra.

Para as regressões com pobreza absoluta os resultados são satisfatórios. As variáveis renda média e índice de Gini da renda explicam mais de 90% da variação do nível de pobreza.

As variáveis binárias, neste caso, apesar de evidenciarem o maior nível de pobreza na região Nordeste, não apresentaram nível de significância tão alto como para a regressão com a desigualdade.

No estudo dos fatores que afetam a desigualdade da distribuição da renda seria interessante pesquisar outras formas matemáticas para a relação entre renda média e desigualdade, além da parábola. Tendo em vista que as medidas de desigualdade tem um valor máximo possível, seria interessante experimentar funções com uma assíntota horizontal.

Uma outra linha de desenvolvimento desses estudos

seria a construção de um sistema de equações mais complexo, onde os condicionantes da desigualdade da distribuição da renda seriam analisados previamente dentro de cada setor da economia, para posteriormente agregar os resultados em uma equação cuja variável dependente fosse a desigualdade global. Neste modelo mais complexo seria possível avaliar melhor como a distribuição da posse da terra afeta a desigualdade da distribuição da renda global.

De maneira semelhante, para analisar as variações na pobreza absoluta, caberia considerar um sistema de equações mais complexo, onde os condicionantes básicos passariam a ser um conjunto de variáveis que explicasse a renda média e a desigualdade da renda.

Ainda com relação à pobreza absoluta, apesar dos dados mostrarem a alta proporção de pobres no Nordeste, a análise dos valores absolutos mostra o elevado número de famílias pobres nas regiões Sul e Sudeste. Fica claro, pela análise desses valores, que uma política destinada a minorar ou eliminar a pobreza não deve atuar somente no Nordeste.

A mesma questão é mostrada pelo número de pessoas com 5 anos ou mais com escolaridade menor que um ano. Apesar dos altos valores desta variável dentro do Nordeste, em valores absolutos, o número dessas pessoas é também elevado no Sul e Sudeste. Novamente, uma política visando eliminar a ausência de escolaridade básica deve atuar em todas as regiões, sem perder de vista as peculiaridades de cada região.

6.REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

AHLUWALIA, M.S. Income Distribution and Development: Some Stilized Facts. American Economic Review, 66(02):128-135, may. 1976

BRAUN, D. Multiple measurements of U.S. income inequality. The Review of Economics and Statistics. 70(3):398-405, ago. 1988.

CLINE, W.R. Distribution and development: a survey of literature. Journal of Development Economics. 1(4):359-400. 1975.

DENSLOW JR.,D. & TYLER, W,J. Perspectivas sobre pobreza e desigualdade de renda no Brasil. Pesquisa e Planejamento Econômico, Rio de Janeiro, 13(3):863-903, dez. 1983.

GRAZIANO DA SILVA, J. As possibilidades da ciência e da tecnologia na área de ciências agrárias. In: 1º PAINEL SOBRE AVALIAÇÃO E PERSPECTIVAS EM CIENCIA E TECNOLOGIA NO BRASIL NO SECULO XXI, 1., Brasília, 1988. CNPq.

HOFFMANN, R. Estimação da desigualdade dentro de estratos no cálculo do índice de Gini e da Redundância. Pesquisa e Planejamento Econômico, Rio de Janeiro, 9(3):719-738, dez. 1979.

HOFFMANN, R. & KAGEYAMA, A. A. Distribuição de renda no Brasil, entre famílias e entre pessoas, em 1970 e 1980. Estudos Econômicos, São Paulo, 16(1):25-51, jan/abr. 1986.

HOFFMANN, R. Distribuição da posse da terra e da renda no Brasil. In: XV ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA, 15., Salvador, 1987. Anais. Rio de Janeiro, ANPEC, 1987. Vol. II. p.69-86.

HOFFMANN, R. Modernização e produtividade na agropecuária em 332 Microrregiões Homogêneas do Brasil em 1975 e 1980. Relatório de Pesquisa. CODEVASF/FEALQ/ESALQ/USP. fev. 1990a.

HOFFMANN, R. Distribuição da renda e da pobreza na agricultura brasileira. In: DELGADO, G.C., GASQUES, J.G. & VILLA VERDE, C.M. Agricultura e políticas públicas. Brasília, IPEA, 1990b. nº 127.

HOFFMANN, R. Distribuição de renda na agricultura. In: CAMARGO, F.C.Distribuição de renda no Brasil, 1.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1991. p.145-165

KUZNETS, S. Economic growth and income inequality. The American Economic Review, 45(1):1-28, mar. 1955.

LANGONI, C.G. Distribuição de renda e desenvolvimento econômico do Brasil. Estudos Econômicos, São Paulo, 2(5):5-88, out, 1972.

LANGONI, C.G. Redistribuição de renda e desenvolvimento econômico no Brasil: uma reafirmação. Ensaio nº 08 EPGE/IBEFGV, 1973.

LLUCH, C. Pobreza e concentração de renda no Brasil. Pesquisa e Planejamento Econômico Rio de Janeiro, 11(3):757-782, dez. 1981.

MAHLER, V.A. Income distribution within nations: problems of cross-national comparison. Comparative Political Studies. 22 (11):3-32, abr. 1989

MILONE, P.C. Teoria do desenvolvimento econômico e social. In: MONTORO Fº, A.F. et alii. Manual de economia. 1.ed. São Paulo, Saraiva, 1988. cap. 1 (Parte V), p.405-414.

MINISTERIO DA AGRICULTURA E REFORMA AGRARIA/INCRA. Departamento de Cadastro e Tributação. Zoneamento agrário - 1ª Fase. Brasília, 1978. 140p. (Informativo Técnico nº 4).

MULLER, G. A economia política dos complexos agroindustriais. In: In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 24., Lavras, 1986. Anais do XXIV Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural. Brasília, Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural, 1986. p.347-367.

PAUKERT, F. Income distribution at differents levels of development: a survey of evidences. Internacional Labour Review, 108(2 e 3):97-125, 1973

QUAN, N.T. & KOO, A.Y.C. Concentration of land holdings: an empirical exploration on Kuznets´s conjeture. Journal of Development Economic, 18 (1):101-117, mai/jun. 1985

QUAN, N.T. Concentration of income and land holdings: Prediction on latents variables models and partial least square. Journal of Development Economics. 31(1989):55-76.

ROMEIRO, A.R. Agricultura e distribuição de renda: o sentido atual da reforma agrária no Brasil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 28., Florianópolis, 1990. Anais do XXVIII Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural. Brasília, Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural, 1990. p.336-357.

REIS, J.G.A. & BARROS, R.P. Desigualdade Salarial e distribuição de educação: a evolução das diferenças regionais no Brasil. Pesquisa e Planejamento Econômico Rio de Janeiro, 20(3):415-478, dez. 1990.

TRONCOSO LEONE, E. Modernização e distribuição de renda na agricultura no estado da Bahia em 1980. Piracicaba, 1988. ESALQ/USP. (Dissertação de Mestrado).

WIGNARAJA, G. Concentration of land holdings and income: comments on Quan e Koo. Journal of Development Economics. 29(1988):229-232.

WRIGHT, C. Income inequality and economic growth: examining the evidence. The Journal of Development Areas 13(4):49-66, out. 1978.

WRIGHT, C. International comparisons of income level and growth rates. The Journal of Development Studies 15(4):331-341, jul. 1979.

ANEXO I

Tabela 1.I. Características da distribuição do rendimento familiar em 332 Microrregiões Homogêneas. Brasil, 1980.

Nº	MRH	Desigualdade					Renda		Pobreza	
		Gini	Theil	50-	10+	5+	Média	Mediana	H	P
029	GURUPI	0,485	0,377	18,2	35,8	23,5	1,701	1,202	0,428	0,272
030	BAIXADA OC.MA	0,480	0,366	18,8	36,9	24,1	1,300	0,881	0,589	0,353
031	SAO LUIS	0,605	0,553	12,4	48,7	35,5	3,690	1,758	0,292	0,173
032	BAIXADA OR,MA	0,436	0,294	21,3	33,7	21,4	1,273	0,907	0,578	0,316
033	BAIXO PARNAIB	0,508	0,416	17,4	38,8	27,1	1,086	0,748	0,692	0,451
034	PINDARÉ	0,493	0,401	18,2	37,7	25,8	1,808	1,189	0,436	0,245
035	MEARIM	0,531	0,454	16,1	40,6	28,3	1,693	1,022	0,493	0,315
036	ITAPECURU	0,528	0,444	16,3	40,8	27,8	1,389	0,873	0,590	0,379
037	ALTO MONIM	0,449	0,328	20,8	34,6	23,0	1,205	0,866	0,613	0,351
038	IMPERATRIZ	0,581	0,523	13,5	45,6	33,4	2,892	1,574	0,335	0,218
039	ALTO MEARIM E	0,533	0,463	16,1	41,5	29,6	1,828	1,064	0,481	0,282
040	MÉDIO MEARIM	0,523	0,458	17,1	42,0	29,6	1,521	0,913	0,564	0,327
041	ALTO ITAPECUR	0,473	0,360	19,0	35,7	23,4	1,674	1,096	0,469	0,252
042	CHAPADAS DO S	0,583	0,543	13,8	46,8	34,9	1,853	0,948	0,534	0,329
043	BAIXO BALSAS	0,517	0,417	16,3	38,6	26,2	1,125	0,773	0,651	0,447
044	PASTOS BONS	0,528	0,440	16,5	41,9	28,7	1,264	0,788	0,653	0,411
045	BAIXO PARNAIB	0,549	0,495	15,8	44,4	32,2	1,780	0,962	0,530	0,300
046	CAMPO MAIOR	0,572	0,509	13,8	44,5	31,1	1,285	0,772	0,651	0,456
047	TERESINA	0,645	0,612	10,5	53,0	39,7	2,969	1,280	0,430	0,274
048	MÉDIO PARNAIB	0,583	0,511	12,6	44,1	30,6	1,055	0,631	0,715	0,534
049	VALENÇA DO PI	0,677	0,637	7,6	52,9	38,8	1,017	0,461	0,753	0,627
050	FLORIANO	0,601	0,556	12,7	47,8	35,1	1,695	0,875	0,580	0,389
051	BAIXOES AGRIC	0,548	0,474	15,6	43,9	30,7	1,308	0,780	0,655	0,418
052	ALTO PARNAIBA	0,622	0,589	11,3	49,5	36,9	1,132	0,594	0,726	0,544
053	MÉDIO GURGUÉI	0,666	0,634	8,3	52,3	38,9	1,113	0,499	0,724	0,591
054	ALTOS PIAUI E	0,565	0,471	13,7	43,3	29,9	1,072	0,629	0,708	0,509
055	CHAP.DO EX.SU	0,521	0,467	17,6	42,7	30,4	1,419	0,862	0,615	0,352
056	LIT,CAMOCIM E	0,502	0,434	18,6	40,6	28,3	1,471	0,906	0,584	0,319
057	BAIXO MÉDIO A	0,418	0,275	22,5	32,8	20,5	1,534	1,040	0,486	0,218
058	URUBURETAMA	0,505	0,425	18,2	40,4	27,7	1,422	0,886	0,596	0,339
059	FORTALEZA	0,602	0,550	12,4	48,8	35,3	4,535	2,134	0,225	0,121
060	LITORAL DOS P	0,506	0,422	17,8	39,5	27,1	1,624	0,969	0,526	0,294
061	BAIXO JAGUARI	0,539	0,451	15,7	41,3	28,7	1,675	0,967	0,523	0,327
062	IPIAPABA	0,526	0,462	17,1	42,8	30,1	1,336	0,811	0,643	0,381
063	SOBRAL	0,548	0,490	16,0	44,2	31,8	1,728	0,941	0,547	0,310
064	SERTOES DO CA	0,572	0,509	13,7	44,3	31,0	1,137	0,693	0,698	0,498
065	SERRA DE BATU	0,515	0,445	17,7	41,7	29,3	1,483	0,894	0,587	0,329
066	IPIAPABA MERI	0,596	0,522	12,1	45,4	31,1	1,188	0,688	0,688	0,511
067	SERTOES DE CR	0,655	0,605	8,5	50,4	35,9	1,266	0,642	0,680	0,551
068	SERTOES DE QU	0,551	0,505	16,0	45,2	32,7	1,417	0,826	0,637	0,386
069	SERT. DE SEN.	0,544	0,506	16,6	45,1	33,0	1,430	0,839	0,634	0,373

Tabela 1.I. (Cont.)

Nº	MRH	Desigualdade					Renda		Pobreza	
		Gini	Theil	50-	10+	5+	Média	Mediana	H	P
070	MÉDIO JAGUARI	0,566	0,505	14,8	46,0	33,0	1,402	0,792	0,644	0,409
071	SERRA DO PERE	0,576	0,560	14,9	47,9	35,8	1,642	0,858	0,608	0,354
072	SERTÃO DOS IN	0,532	0,457	16,5	42,3	29,0	1,404	0,834	0,630	0,376
073	IGUATU	0,566	0,524	14,9	45,7	34,4	2,044	1,056	0,484	0,270
074	SERTÃO DO SA	0,566	0,512	14,8	45,4	32,5	1,546	0,851	0,608	0,375
075	SERRANA QUIR	0,569	0,509	14,2	45,4	32,7	1,078	0,603	0,737	0,510
076	SERTÃO DO CA	0,552	0,498	15,7	45,0	32,2	1,410	0,808	0,643	0,391
077	CHAPADA DO A	0,558	0,525	15,7	46,8	34,5	1,349	0,760	0,675	0,408
078	CARIRI	0,602	0,562	12,9	48,9	36,6	2,205	1,001	0,500	0,292
079	SALIN.NORTE-.	0,562	0,500	14,6	44,1	32,1	2,391	1,307	0,412	0,231
080	LIT.DE S.BEN	0,468	0,334	19,4	35,4	22,6	1,473	0,962	0,530	0,296
081	AÇU E APODI	0,530	0,465	16,8	42,3	30,0	1,710	0,963	0,530	0,296
082	SERTÃO DE AN	0,542	0,448	15,4	41,5	28,1	1,221	0,793	0,654	0,446
083	SERRA VERDE	0,507	0,408	17,7	39,6	26,8	1,467	0,915	0,566	0,333
084	NATAL	0,607	0,552	12,0	48,7	35,1	3,939	1,821	0,286	0,159
085	SERRANA NORT	0,590	0,534	13,0	46,8	33,2	1,391	0,760	0,645	0,443
086	SERIDO	0,552	0,476	14,9	42,6	30,7	2,080	1,137	0,463	0,265
087	BORBOREMA PO	0,544	0,468	15,5	42,1	28,7	1,322	0,819	0,632	0,417
088	AGRESTE POTI	0,498	0,403	18,3	39,2	26,4	1,454	0,908	0,574	0,323
089	CATOLE DO RO	0,574	0,518	14,4	45,9	32,8	1,582	0,854	0,605	0,378
090	SERIDO PARAI	0,493	0,384	18,0	37,5	24,7	1,521	0,954	0,534	0,309
091	CURIMATAU	0,532	0,464	16,5	42,6	29,9	1,264	0,784	0,662	0,414
092	PIEMONTE DA	0,516	0,444	17,4	41,5	28,8	1,365	0,837	0,623	0,363
093	LITORAL PARA	0,615	0,570	12,1	50,4	37,0	3,625	1,661	0,315	0,172
094	SERTÃO DE CA	0,563	0,506	15,1	46,1	33,1	1,426	0,799	0,645	0,398
095	DEPRES.DO AL	0,592	0,541	13,4	47,7	34,9	1,674	0,856	0,596	0,379
096	CARIRIS VELH	0,587	0,515	12,6	45,1	31,3	1,145	0,673	0,693	0,511
097	AGRESTE DA B	0,621	0,578	11,6	50,2	37,5	2,537	1,165	0,458	0,284
098	BREJO PARAIB	0,542	0,487	16,3	44,5	32,2	1,395	0,818	0,629	0,378
099	AGROPAST.BAI.	0,508	0,435	18,0	41,0	28,5	1,464	0,893	0,585	0,327
100	SERRA DO TEI	0,540	0,460	15,6	42,2	29,6	1,054	0,631	0,725	0,491
101	ARARIPINA	0,526	0,441	16,6	41,5	28,8	1,654	0,950	0,537	0,307
102	SALGUEIRO	0,588	0,535	13,4	46,9	34,2	1,799	0,904	0,564	0,350
103	SERTAO PERN.	0,582	0,524	13,4	46,0	33,7	2,836	1,505	0,362	0,212
104	ALTO PAJEÚ	0,601	0,550	12,6	48,3	34,7	1,397	0,734	0,662	0,454
105	SERTAO DO MO	0,521	0,452	17,2	41,7	29,3	1,620	0,938	0,549	0,304
106	ARCO VERDE	0,565	0,508	14,9	45,7	32,9	1,636	0,878	0,588	0,350
107	AGRESTE SET.	0,523	0,456	17,2	42,1	29,7	1,641	0,941	0,547	0,297
108	VALE DO IPOJ	0,571	0,505	14,2	45,2	32,8	1,998	0,996	0,503	0,293
109	AGRESTE MER.	0,536	0,472	16,5	43,5	30,9	1,613	0,909	0,571	0,320
110	MATA SECA PE	0,510	0,427	17,3	39,4	28,0	2,100	1,281	0,413	0,207
111	RECIFE	0,605	0,553	12,2	49,0	35,5	4,838	2,333	0,205	0,118
112	MATA ÚMIDA P	0,499	0,409	17,9	38,2	26,9	2,047	1,292	0,406	0,207

Tabela 1.I. (Cont.)

No	MRH	Desigualdade					Renda		Pobreza	
		Gini	Theil	50-	10+	5+	Média	Mediana	H	P
113	SERTAM ALAGO	0,509	0,414	17,2	38,9	25,7	1,428	0,872	0,594	0,348
114	BATALHA	0,559	0,504	15,3	46,0	33,0	1,309	0,740	0,679	0,426
115	PALMEIRA DOS	0,555	0,501	15,6	45,2	32,4	1,585	0,866	0,600	0,348
116	MATA ALAGOAN	0,500	0,414	18,1	39,3	27,3	1,764	1,057	0,482	0,250
117	LIT,NORTE AL-	0,474	0,374	19,2	36,2	24,2	1,698	1,093	0,470	0,243
118	ARAPIRACA	0,542	0,488	16,2	43,6	31,4	1,731	0,950	0,539	0,300
119	TABOL.DE SAO	0,496	0,419	18,5	38,9	28,1	2,265	1,434	0,345	0,160
120	MACEIO	0,603	0,554	12,5	49,0	35,8	4,024	1,864	0,258	0,141
121	PENEDO	0,566	0,523	15,1	46,3	33,9	1,664	0,886	0,585	0,341
123	SERTAO SER.S	0,505	0,423	18,3	40,3	27,6	1,467	0,903	0,586	0,328
124	PROPRIA	0,504	0,400	17,5	38,9	26,7	1,819	1,101	0,469	0,248
125	NOSSA SENH.D	0,525	0,455	16,8	41,9	29,7	1,735	0,965	0,527	0,281
126	COTINGUIBA	0,504	0,411	17,5	38,7	26,7	1,840	1,125	0,462	0,247
127	AGRESTE DE I	0,541	0,476	15,9	43,0	31,3	2,008	1,106	0,469	0,248
128	AGRESTE DE L	0,525	0,455	16,8	41,6	29,9	1,917	1,123	0,461	0,246
129	LIT.SUL SERG	0,603	0,545	12,1	48,2	34,6	4,412	2,013	0,244	0,132
130	SERTAO DO RI	0,536	0,484	16,6	43,3	31,3	1,715	0,955	0,534	0,294
131	CHAPAD. RIO	0,535	0,470	16,1	42,1	30,3	1,853	1,074	0,477	0,275
132	CHAPAD.DO RI	0,497	0,400	18,2	38,8	26,3	1,630	0,981	0,515	0,282
133	BAIXO-MEDIO	0,534	0,455	15,9	41,2	28,9	1,742	0,991	0,506	0,302
134	MEDIO SAO FR	0,530	0,449	16,3	41,2	28,9	1,781	1,024	0,493	0,290
135	CHAP.DIAMANT	0,526	0,463	16,8	41,2	30,4	2,653	1,607	0,293	0,163
136	CHAP.DIAMANT	0,518	0,431	16,9	40,5	27,9	1,617	0,955	0,532	0,305
137	SERRA GERAL	0,525	0,451	16,6	41,2	29,3	1,873	1,083	0,475	0,260
138	SENHOR DO BO	0,536	0,464	15,9	41,8	30,1	2,075	1,191	0,444	0,241
139	PIEMONTE DA	0,529	0,462	16,5	41,7	30,1	2,011	1,176	0,446	0,240
140	CORRED.DO SA	0,556	0,485	14,6	42,9	30,8	2,615	1,502	0,351	0,212
141	SERTAO DE CA	0,500	0,408	18,1	39,1	26,5	1,587	0,962	0,530	0,294
142	SERRINHA	0,519	0,446	16,8	39,9	28,7	2,067	1,262	0,418	0,225
143	FEIRA DE SAN	0,568	0,499	14,1	44,8	32,3	2,615	1,401	0,388	0,210
144	JEQUIE	0,550	0,482	15,2	43,1	31,3	2,353	1,310	0,411	0,217
145	PLANALTO DA	0,577	0,535	14,3	47,1	35,5	2,784	1,455	0,363	0,185
146	PASTORIL DE	0,575	0,527	14,3	46,4	34,5	2,327	1,181	0,450	0,243
147	SERTAO DE PA	0,554	0,490	14,8	42,9	31,4	2,328	1,304	0,416	0,232
148	AGRESTE DE A	0,550	0,474	15,2	43,3	31,0	2,129	1,162	0,454	0,245
149	LITORAL NORT	0,550	0,483	15,4	43,4	31,3	1,847	0,982	0,513	0,295
150	SALVADOR	0,601	0,540	12,2	47,4	33,8	6,289	3,181	0,151	0,094
151	RECONCAVO BA	0,550	0,471	14,9	42,3	30,2	2,299	1,304	0,414	0,235
152	TABULEIROS D	0,498	0,412	18,2	38,5	27,4	2,514	1,579	0,298	0,144
153	ENCOSTA DO P	0,526	0,466	16,9	42,0	30,7	2,104	1,190	0,443	0,211
154	CACAUEIRA	0,595	0,557	13,4	49,0	36,8	3,104	1,529	0,346	0,178
155	INTERIORANA	0,546	0,494	15,9	43,6	32,4	2,372	1,353	0,386	0,201
156	LITORANEA DO	0,568	0,525	14,8	45,8	34,3	2,748	1,505	0,334	0,191

Tabela 1.I. (Cont.)

Nº	MRH	Desigualdade					Renda		Pobreza	
		Gini	Theil	50-	10+	5+	Média	Mediana	H	P
157	SANFRANCISCA	0,532	0,455	16,3	41,9	30,0	1,944	1,087	0,475	0,253
158	SERRA GERAL	0,526	0,459	16,8	41,4	30,3	2,246	1,352	0,382	0,197
159	ALTO RIO PAR	0,543	0,475	15,8	43,0	31,0	1,901	1,047	0,486	0,275
160	CHAPADOES DO	0,581	0,535	13,9	47,5	35,2	3,812	1,904	0,221	0,132
161	ALTO MEDIO S	0,537	0,463	15,9	42,6	30,4	3,264	1,839	0,232	0,132
162	MONTES CLARO	0,581	0,532	13,9	47,2	34,9	3,197	1,635	0,305	0,162
163	MINERADORA D	0,477	0,347	18,6	35,0	23,1	1,911	1,323	0,388	0,222
164	PASTORIL DE	0,555	0,497	15,3	44,2	32,2	1,869	0,982	0,513	0,292
165	PASTORIL DE	0,590	0,557	13,7	48,3	36,7	2,231	1,090	0,475	0,268
166	MEDIO RIO DA	0,583	0,530	13,6	47,0	34,6	3,897	1,921	0,237	0,129
167	MINERADORA D	0,570	0,504	14,0	44,6	32,3	2,144	1,114	0,470	0,274
168	TEOFILO OTON	0,614	0,572	12,1	50,1	37,2	2,696	1,248	0,435	0,247
169	PASTORIL DE	0,589	0,544	13,6	47,6	35,4	2,505	1,282	0,417	0,237
170	UBERLANDIA	0,549	0,481	15,3	43,6	31,2	5,057	2,942	0,120	0,070
171	ALTO PARNAIB	0,561	0,502	14,7	44,9	32,9	3,696	1,938	0,220	0,123
172	MATA DA CORD	0,574	0,507	13,8	45,6	32,5	3,720	1,879	0,244	0,136
173	TRES MARIAS	0,563	0,502	14,6	45,1	32,7	3,683	1,921	0,223	0,127
174	BACIA DO SUA	0,576	0,521	14,2	46,4	34,2	2,146	1,102	0,471	0,270
175	GOVERNADOR V	0,595	0,535	12,6	47,1	34,0	3,785	1,816	0,277	0,157
176	MANTENA	0,575	0,537	14,4	46,7	35,2	2,615	1,391	0,378	0,202
177	PONTAL DO TR	0,559	0,501	14,9	45,1	33,0	4,273	2,270	0,153	0,086
178	UBERABA	0,552	0,488	15,2	44,4	31,8	5,093	2,881	0,103	0,060
179	PLANALTO DE	0,569	0,509	14,1	45,7	33,0	4,880	2,657	0,153	0,082
180	ALTO SAO FRA	0,552	0,483	15,0	43,7	31,5	3,514	1,896	0,232	0,127
181	CALCARIOS DE	0,565	0,497	14,1	44,6	31,9	4,138	2,171	0,197	0,113
182	BELO HORIZON	0,571	0,503	14,0	44,9	31,9	7,097	3,798	0,084	0,050
183	SIDERURGICA	0,561	0,482	13,8	42,9	29,9	5,120	2,923	0,167	0,096
184	MATA DE CARA	0,561	0,493	14,6	44,1	31,9	2,510	1,382	0,389	0,214
185	BACIA DO MUN	0,573	0,518	14,3	45,8	33,5	2,479	1,310	0,408	0,223
186	DIVINOPOLIS	0,528	0,450	16,1	41,3	29,3	4,409	2,682	0,138	0,076
187	ESPINHACO ME	0,558	0,486	14,4	43,6	31,0	4,462	2,566	0,190	0,105
188	MATA DE PONT	0,584	0,528	13,5	47,0	34,3	3,080	1,570	0,339	0,180
189	VERTENTE OCI	0,581	0,530	13,8	47,2	34,8	3,211	1,629	0,320	0,158
190	FURNAS	0,564	0,505	14,4	45,3	32,9	4,182	2,215	0,193	0,098
191	FORMIGA	0,572	0,512	14,1	45,8	33,2	3,185	1,661	0,306	0,159
192	MATA DE VICO	0,627	0,600	11,7	52,3	39,7	2,973	1,323	0,414	0,227
193	MATA DO MURI	0,586	0,531	13,5	47,5	34,7	3,281	1,636	0,318	0,159
194	MOGIANA MINE	0,560	0,501	14,7	45,0	32,8	3,905	2,017	0,202	0,106
195	CAMPOS DA MA	0,561	0,492	14,3	44,1	31,7	3,803	1,975	0,230	0,124
196	MATA DE UBA	0,563	0,493	14,3	44,4	31,7	3,143	1,680	0,302	0,162
197	PLANALTO DE	0,543	0,464	15,2	42,1	29,6	4,837	2,880	0,145	0,081
198	PLANALTO MIN	0,558	0,487	14,5	44,0	31,4	4,033	2,148	0,206	0,105
199	ALTO DO RIO	0,595	0,539	12,7	47,7	34,6	4,043	1,913	0,258	0,136
200	JUIZ DE FORA	0,567	0,498	13,9	44,6	31,7	5,052	2,817	0,165	0,087
201	MATA DE CATA	0,564	0,501	14,2	44,8	32,6	3,783	1,968	0,243	0,121
202	ALTA MANTIQU	0,553	0,475	14,6	43,2	30,5	3,654	1,953	0,240	0,125

Tabela 1.I. (Cont.)

Nº	MRH	Desigualdade					Renda		Pobreza	
		Gini	Theil	50-	10+	5+	Média	Mediana	H	P
203	ALTO SAO MAT	0,594	0,555	13,6	49,0	36,8	2,282	1,077	0,479	0,265
204	COLATINA	0,564	0,507	14,6	45,3	33,1	3,316	1,765	0,271	0,146
205	BAIXADA ESPI	0,557	0,496	15,1	44,8	32,6	3,345	1,785	0,245	0,132
206	COLONIAL SERR	0,577	0,515	13,6	45,6	33,1	3,138	1,660	0,316	0,183
207	VITORIA	0,559	0,490	14,6	44,1	31,3	5,771	3,254	0,107	0,065
208	VERTENTE ORIE	0,569	0,510	14,2	45,3	33,0	2,960	1,587	0,332	0,180
209	CACHOEIRA DE	0,566	0,499	14,1	44,9	32,2	3,708	1,903	0,245	0,125
210	LITORAL SUL	0,547	0,473	15,2	43,2	30,8	3,409	1,853	0,242	0,127
211	ITAPERUNA	0,587	0,527	13,2	46,9	33,8	3,455	1,701	0,304	0,159
212	MIRACEMA	0,578	0,514	13,7	46,2	33,2	3,136	1,592	0,334	0,167
213	ACUCAREIRA DE	0,544	0,474	15,5	43,2	31,1	3,749	2,004	0,195	0,102
214	CANTAGALO	0,571	0,506	13,9	45,3	32,6	3,531	1,807	0,275	0,137
215	TRES RIOS	0,523	0,444	16,3	40,8	29,0	4,294	2,635	0,142	0,076
216	CORDEIRO	0,580	0,521	13,6	46,3	33,6	3,242	1,647	0,320	0,165
217	VALE DO PARAI	0,529	0,451	16,3	41,4	29,0	5,763	3,507	0,095	0,052
218	SERRANA FLUMI	0,538	0,468	16,0	42,9	30,5	5,318	3,166	0,101	0,054
219	VASSOURAS E B	0,525	0,442	16,1	40,7	28,8	3,756	2,249	0,189	0,103
220	BACIAS DO SAO	0,552	0,483	15,0	43,6	31,3	3,375	1,825	0,253	0,135
221	FLUMINENSE DO	0,500	0,419	18,0	39,2	27,9	4,615	3,043	0,101	0,061
222	CABO FRIO	0,519	0,438	16,6	40,4	28,7	3,997	2,476	0,155	0,090
223	BAIA DA ILHA	0,548	0,473	15,1	42,8	30,1	5,505	3,256	0,123	0,074
224	RIO DE JANEIR	0,567	0,495	14,0	44,1	31,2	8,850	4,685	0,055	0,037
225	ALTA ARARAQ.	0,542	0,465	15,3	42,5	30,0	4,229	2,426	0,162	0,091
226	ALTO ARARAQUA	0,539	0,465	15,7	42,6	30,3	4,542	2,687	0,138	0,074
227	DIVISOR TURVO	0,560	0,496	14,7	44,9	32,2	4,780	2,666	0,139	0,078
228	BARRETOS	0,555	0,492	15,1	44,6	32,0	5,378	3,068	0,109	0,062
229	ALTO MOGIANA	0,535	0,466	16,1	42,7	30,6	4,802	2,879	0,112	0,065
230	PLANALTO DE F	0,508	0,424	17,4	39,6	27,7	5,569	3,548	0,075	0,044
231	ALTA NOROESTE	0,553	0,485	15,0	44,0	31,2	5,248	3,002	0,115	0,066
232	MEDIO SAO JOS	0,518	0,431	16,5	40,3	28,2	3,744	2,132	0,159	0,086
233	DIVISOR SAO	0,540	0,465	15,5	42,6	30,2	4,194	2,379	0,157	0,082
234	SAO JOSE DO R	0,553	0,484	15,1	43,8	31,2	5,984	3,424	0,096	0,055
235	MEDIA ARARAQU	0,518	0,444	17,1	41,2	29,5	4,578	2,872	0,109	0,062
236	SERRA DE JABO	0,509	0,433	17,7	40,6	28,8	5,067	3,225	0,082	0,048
237	RIBEIRAO PRET	0,520	0,444	17,0	41,1	29,1	6,612	3,990	0,057	0,033
238	SERRA DE BATA	0,538	0,471	16,0	43,1	31,0	4,968	2,943	0,106	0,056
239	NOVA ALTA PAU	0,560	0,495	14,5	44,6	32,1	4,280	2,302	0,177	0,095
240	ALTA NOROESTE	0,533	0,459	16,0	42,1	29,9	4,397	2,614	0,134	0,076
241	BAURU	0,541	0,467	15,7	42,7	30,2	5,537	3,267	0,099	0,053
242	ARARAQUARA	0,501	0,417	18,0	39,3	27,5	6,005	3,835	0,060	0,034
243	DEPRESSAO PER	0,498	0,411	18,1	39,0	27,1	5,609	3,619	0,068	0,038
244	ENCOSTA OCIDE	0,530	0,454	16,1	41,7	29,5	4,973	3,025	0,113	0,060
245	ALTA PAULISTA	0,558	0,495	14,8	44,8	32,1	4,949	2,784	0,133	0,072
246	JAU	0,495	0,410	18,4	38,8	27,2	5,398	3,537	0,076	0,040

Tabela 1.I. (Cont.)

No	MRH	Desigualdade					Renda		Pobreza	
		Gini	Theil	50-	10+	5+	Média	Mediana	H	P
247	RIO CLARO	0,517	0,439	17,1	40,9	28,8	5,817	3,597	0,070	0,038
248	CAMPINAS	0,515	0,436	17,1	40,4	28,5	7,153	4,342	0,047	0,029
249	ESTANCIAS HID	0,506	0,422	17,7	39,6	27,8	5,213	3,363	0,090	0,049
250	ALTO SOROCABA	0,556	0,491	14,8	44,5	31,8	4,741	2,643	0,136	0,075
251	ALTA SOROCABA	0,562	0,498	14,5	45,0	32,2	4,657	2,589	0,154	0,087
252	OURINHOS	0,549	0,480	15,1	43,7	31,2	4,451	2,531	0,154	0,080
253	SERRA DE BOTU	0,536	0,457	15,6	41,8	29,3	4,891	2,925	0,126	0,068
254	ACUCAREIRA DE	0,499	0,418	18,2	39,4	27,7	6,856	4,328	0,047	0,027
255	TATUI	0,513	0,430	17,1	39,9	28,0	5,086	3,236	0,100	0,055
256	SOROCABA	0,501	0,415	17,8	39,1	27,2	6,160	3,942	0,062	0,035
257	JUNDIAI	0,485	0,395	18,8	37,7	26,2	6,717	4,400	0,043	0,025
258	BRAGANCA PAUL	0,550	0,480	15,0	43,5	30,9	5,155	2,996	0,128	0,071
259	VALE DO PARAI	0,531	0,451	16,2	41,2	29,0	6,393	3,840	0,082	0,047
260	CAMPOS DE ITA	0,545	0,473	15,2	43,0	30,7	4,035	2,249	0,180	0,096
261	PARANAPIACABA	0,559	0,502	14,9	45,3	33,2	3,797	1,958	0,200	0,106
262	GRANDE SAO PA	0,525	0,447	16,5	41,1	29,1	8,362	4,950	0,039	0,026
263	ALTO PARAIBA	0,561	0,494	14,6	44,7	32,1	3,274	1,729	0,283	0,142
264	APIAI	0,581	0,525	13,7	46,8	34,3	2,978	1,546	0,347	0,186
265	BAIXADA DO RI	0,549	0,482	15,3	43,8	31,5	3,824	1,988	0,189	0,099
266	BAIXADA SANTI	0,509	0,424	17,3	39,3	27,6	7,296	4,545	0,048	0,031
267	COSTA NORTE P	0,513	0,436	17,4	40,8	28,8	5,226	3,274	0,078	0,043
268	CURITIBA	0,546	0,474	15,5	43,0	30,5	6,411	3,682	0,076	0,046
269	LITORAL PARAN	0,521	0,438	16,3	40,3	28,5	3,960	2,427	0,164	0,092
270	ALTO RIBEIRA	0,538	0,495	16,7	42,8	31,4	1,899	1,047	0,486	0,263
271	ALTO RIO NEGR	0,480	0,392	19,1	36,5	26,0	2,446	1,614	0,274	0,140
272	CAMPOS DE LAP	0,544	0,473	15,5	43,1	30,9	3,653	1,941	0,202	0,104
273	CAMPOS DE PON	0,552	0,488	15,1	44,1	31,9	4,454	2,519	0,148	0,084
274	CAMPOS DE JAG	0,531	0,464	16,5	42,2	30,6	2,989	1,725	0,255	0,135
275	SAO MATEUS DO	0,575	0,512	14,1	46,1	33,4	2,827	1,500	0,346	0,192
276	COLONIAL DO I	0,550	0,489	15,5	44,0	32,1	2,894	1,617	0,301	0,156
277	ALTO IVAI	0,476	0,395	19,6	36,9	26,3	2,162	1,452	0,326	0,161
278	NORTE VELHO D	0,536	0,461	16,0	42,2	30,3	2,833	1,634	0,300	0,153
279	NORTE VELHO D	0,552	0,493	15,3	44,7	32,6	3,766	1,970	0,195	0,099
280	ALGODOEIRA DE	0,590	0,544	13,4	48,4	35,8	3,940	1,883	0,234	0,123
281	NORTE NOVO DE	0,554	0,490	15,1	44,5	32,0	4,618	2,606	0,142	0,076
282	NORTE NOVO DE	0,550	0,482	15,1	43,8	31,1	4,843	2,778	0,129	0,072
283	NORTE NOVISSI	0,570	0,521	14,5	46,7	34,5	3,770	1,900	0,214	0,112
284	NORTE NOVO DE	0,550	0,483	15,2	43,6	31,5	3,175	1,761	0,268	0,145
285	NORTE NOVISSI	0,556	0,495	15,2	44,7	32,5	3,106	1,691	0,274	0,148
286	CAMPO MOURAO	0,571	0,518	14,4	46,4	34,1	3,409	1,772	0,266	0,139
287	PITANGA	0,533	0,475	16,6	42,5	31,5	2,340	1,384	0,369	0,188
288	EXTREMO OESTE	0,570	0,506	13,9	45,3	32,5	4,570	2,491	0,179	0,103
289	SULDOESTE PAR	0,566	0,504	14,3	44,9	32,7	3,527	1,866	0,251	0,143
290	CAMPOS DE GUA	0,542	0,483	16,1	44,1	32,2	3,614	1,917	0,178	0,094
291	MEDIO IGUACU	0,529	0,461	16,6	42,5	30,7	3,442	1,916	0,188	0,101

Tabela 1.I. (Cont.)

No	MRH	Desigualdade					Renda		Pobreza	
		Gini	Theil	50-	10+	5+	Média	Mediana	H	P
292	COLONIAL DE J	0,482	0,389	19,0	37,4	25,9	5,374	3,618	0,075	0,041
293	LITORAL DE IT	0,508	0,430	17,7	40,2	28,5	4,797	3,099	0,103	0,057
294	COLONIAL DE B	0,485	0,399	18,9	38,0	26,7	5,677	3,790	0,073	0,041
295	COLONIAL DO I	0,479	0,393	18,9	37,5	26,5	3,502	2,367	0,142	0,083
296	COLONIAL DO A	0,505	0,420	17,3	39,0	27,7	3,960	2,548	0,147	0,081
297	FLORIANOPOLIS	0,573	0,506	13,9	45,1	32,1	6,369	3,449	0,108	0,064
298	COLONIAL SERR	0,517	0,435	16,7	40,4	28,6	3,359	1,970	0,205	0,113
299	LITORAL DE LA	0,495	0,401	17,7	38,1	26,4	3,237	1,965	0,199	0,099
300	CARBONIFERA	0,496	0,414	18,3	38,9	27,7	4,603	3,085	0,110	0,063
301	LITORAL SUL C	0,501	0,422	17,7	39,2	28,2	3,859	2,537	0,153	0,079
302	LITORAL DO SU	0,513	0,412	16,4	38,7	26,5	3,643	2,244	0,188	0,109
303	CAMPOS DE LAG	0,542	0,473	15,6	43,3	31,0	4,142	2,318	0,151	0,083
304	CAMPOS DE CUR	0,561	0,509	15,0	45,2	33,4	3,282	1,747	0,257	0,137
305	COLONIAL DO R	0,540	0,469	15,7	42,7	30,5	4,530	2,700	0,138	0,083
306	COLONIAL DO O	0,533	0,460	15,9	41,8	30,1	3,736	2,188	0,187	0,111
307	PLANALTO DE C	0,528	0,448	16,0	41,1	29,3	3,845	2,296	0,185	0,098
308	PORTO ALEGRE	0,535	0,463	16,2	42,4	30,1	6,931	4,039	0,061	0,037
309	COLONIAL DA E	0,505	0,417	17,3	38,8	27,3	4,672	3,072	0,123	0,067
310	LITORAL SETEN	0,542	0,465	15,2	42,4	30,2	3,797	2,201	0,210	0,115
311	VINUCULTORA D	0,501	0,415	17,8	38,9	27,0	6,279	4,016	0,066	0,040
312	COLONIAL DO A	0,529	0,448	15,9	40,8	28,9	3,985	2,523	0,178	0,119
313	COLONIAL DO B	0,524	0,441	16,3	40,6	28,6	4,418	2,794	0,151	0,085
314	FUMICULTURA D	0,556	0,486	14,4	43,4	31,3	3,740	2,101	0,236	0,137
315	VALE DO JACUI	0,534	0,458	15,7	41,8	29,9	3,723	2,146	0,199	0,107
316	SANTA MARIA	0,572	0,501	13,5	44,6	31,5	5,015	2,754	0,175	0,098
317	LAGOA DOS PAT	0,554	0,493	15,0	44,4	32,4	4,211	2,402	0,179	0,099
318	LITORAL ORIEN	0,505	0,421	17,6	39,5	27,8	4,831	3,130	0,101	0,052
319	LAGOA MIRIM	0,561	0,496	14,4	44,8	32,1	4,040	2,121	0,200	0,105
320	ALTO CAMAQUA	0,585	0,525	13,3	46,9	33,9	3,390	1,715	0,301	0,166
321	CAMPANHA	0,574	0,516	13,9	46,2	33,4	4,509	2,383	0,181	0,098
322	TRITICULTORA	0,587	0,526	12,9	46,6	33,5	4,426	2,210	0,213	0,120
323	COLONIAL DAS	0,584	0,519	13,0	46,2	32,9	4,175	2,012	0,230	0,128
324	COLONIAL DE S	0,544	0,465	14,9	41,8	29,8	3,767	2,168	0,221	0,127
325	COLONIAL DO I	0,585	0,517	12,8	45,5	32,7	3,293	1,727	0,319	0,197
326	COLONIAL DE E	0,569	0,503	13,8	44,7	32,2	4,163	2,284	0,216	0,128
327	COLONIAL DE I	0,564	0,495	14,2	44,5	31,5	4,778	2,679	0,159	0,096
328	PASSO FUNDO	0,581	0,519	13,3	46,2	33,2	4,705	2,485	0,187	0,108
329	COLONIAL DO A	0,580	0,511	13,4	45,2	31,9	6,161	3,244	0,124	0,066
330	SOLEDADE	0,609	0,548	11,5	47,6	34,4	3,614	1,732	0,325	0,199
331	CAMPOS DE VAC	0,574	0,512	13,7	45,5	33,0	4,028	2,023	0,219	0,124
332	NORTE MATO-GR	0,582	0,537	13,8	47,3	35,2	3,698	1,861	0,235	0,145
333	ALTO GUAPORE-	0,534	0,468	16,5	42,5	30,6	3,063	1,750	0,226	0,138
334	ALTO PARAGUAI	0,530	0,454	16,3	41,1	29,4	2,733	1,637	0,289	0,172
335	BAIXADA CUIAB	0,588	0,531	13,1	47,2	34,0	5,087	2,649	0,170	0,100

Tabela 1.I. (Cont.)

No	MRH	Desigualdade					Renda		Pobreza	
		Gini	Theil	50-	10+	5+	Média	Mediana	H	P
336	RONDONOPOLIS	0,553	0,488	14,9	43,8	31,7	3,652	1,957	0,215	0,127
337	GARCAS	0,563	0,505	14,8	45,2	33,0	3,271	1,737	0,263	0,145
338	PANTANAIS	0,570	0,514	14,2	45,9	33,6	3,916	1,986	0,223	0,115
339	ALTO TAQUARI	0,567	0,521	14,9	46,4	34,6	3,580	1,823	0,217	0,116
340	PARANAIBA	0,571	0,520	14,3	46,5	34,2	4,108	2,084	0,180	0,107
341	BODOQUENA	0,575	0,515	13,9	45,9	33,3	3,796	1,914	0,231	0,134
342	PASTORIL DE C	0,577	0,514	13,9	46,1	32,9	6,069	3,241	0,113	0,061
343	TRES LAGOAS	0,554	0,500	15,2	45,0	33,1	3,884	2,061	0,185	0,102
344	CAMPOS DE VAC	0,568	0,517	14,6	46,4	34,1	3,863	1,938	0,198	0,108
345	EXTREMO NORTE	0,556	0,500	15,2	44,0	32,6	2,624	1,494	0,340	0,195
346	BAIXO ARAGUAI	0,552	0,506	15,6	44,3	33,3	2,751	1,550	0,322	0,169
347	TOCANTINA DE	0,506	0,400	17,2	38,3	25,0	1,325	0,861	0,599	0,376
348	MEDIO TOCANTI	0,557	0,491	14,7	43,7	31,6	3,058	1,706	0,295	0,172
349	SERRA GERAL D	0,571	0,507	13,8	43,9	31,7	1,925	1,006	0,498	0,319
350	ALTO TOCANTIS	0,564	0,506	14,5	44,9	32,9	3,258	1,764	0,283	0,156
351	CHAPADA DOS V	0,527	0,454	16,7	41,4	29,9	2,447	1,445	0,355	0,175
352	VAO DO PARANA	0,596	0,528	12,3	46,0	33,2	2,107	1,038	0,491	0,328
353	RIO VERMELHO	0,536	0,465	16,0	42,3	30,4	3,053	1,739	0,264	0,138
354	MATA GROSSO D	0,587	0,527	13,0	46,8	33,5	4,851	2,520	0,193	0,108
355	PLANALTO GOIA	0,559	0,492	14,7	44,1	31,7	3,092	1,675	0,298	0,160
356	ALTO ARAGUAIA	0,578	0,522	13,8	46,7	33,8	4,176	1,996	0,199	0,106
357	SERRA DO CAIA	0,582	0,531	13,7	47,4	34,7	4,066	1,965	0,213	0,115
358	MEIA-PONTE	0,545	0,473	15,3	42,8	30,6	3,385	1,861	0,241	0,131
359	SUDESTE GOIAN	0,561	0,502	14,7	44,9	32,9	3,356	1,802	0,264	0,140
360	VERTENTE GOIA	0,574	0,522	14,1	46,7	34,3	4,089	2,030	0,195	0,107
	DISTRITO FEDE	0,596	0,531	12,6	46,8	33,1	8,538	4,085	0,066	0,042

Fonte: Dados Básicos do Censo Demográfico do Brasil de 1980.

Tabela 2.I. Características da distribuição das pessoas com 5 anos ou mais conforme anos completos de escolaridade em 332 Microrregiões. Brasil, 1980.

Nº	Microrregião	Desigualdade		Ecolaridade		Prop.com escol.
		Gini	Theil	Média	Mediana	<1 ano
029	GURUPI	0,580	0,448	1,222	0,616	0,660
030	BAIXADA OCIDENTAL MAR	0,600	0,471	1,532	0,683	0,615
031	SAO LUIS	0,501	0,349	4,376	4,000	0,275
032	BAIXADA ORIENTAL MARA	0,594	0,465	1,419	0,663	0,627
033	BAIXO PARNAIBA MARANH	0,616	0,505	1,172	0,551	0,714
034	PINDARE	0,622	0,507	1,326	0,584	0,685
035	MEARIM	0,637	0,524	1,493	0,603	0,669
036	ITAPECURU	0,643	0,532	1,493	0,591	0,679
037	ALTO MUNIM	0,629	0,523	1,272	0,573	0,694
038	IMPERATRIZ	0,619	0,494	1,816	0,740	0,584
039	ALTO MEARIM E GRAJAU	0,620	0,504	1,294	0,575	0,693
040	MEDIO MEARIM	0,625	0,509	1,416	0,609	0,665
041	ALTO ITAPECURU	0,606	0,482	1,392	0,634	0,647
042	CHAPADAS DO SUL MARAN	0,604	0,479	1,614	0,734	0,588
043	BAIXO BALSAS	0,581	0,447	1,485	0,731	0,589
044	PASTOS BONS	0,611	0,485	1,623	0,698	0,607
045	BAIXO PARNAIBA PIAUIE	0,643	0,526	1,787	0,659	0,630
046	CAMPO MAIOR	0,634	0,525	1,339	0,572	0,695
047	TERESINA	0,594	0,456	3,053	1,000	0,449
048	MEDIO PARNAIBA PIAUIE	0,607	0,478	1,775	0,768	0,572
049	VALENCA DO PIAUI	0,632	0,518	1,431	0,599	0,673
050	FLORIANO	0,622	0,496	1,972	0,770	0,571
051	BAIXOES AGRICOLAS PIA	0,642	0,536	1,394	0,577	0,691
052	ALTO PARNAIBA PIAUIEN	0,608	0,486	1,461	0,669	0,623
053	MEDIO GURGUEIA	0,624	0,514	1,333	0,594	0,677
054	ALTOS PIAUI E CANINDE	0,630	0,529	1,184	0,536	0,730
055	CHAPADAS DO EXTREMO S	0,593	0,464	1,567	0,751	0,579
056	LITORAL DO CAMOCIM E	0,613	0,506	1,127	0,548	0,718
057	BAIXO-MEDIO ACARAU	0,604	0,486	1,231	0,597	0,675
058	URUBURETAMA	0,610	0,489	1,370	0,629	0,650
059	FORTALEZA	0,533	0,385	3,839	3,000	0,322
060	LITORAL DE PACAJUS	0,599	0,472	1,412	0,666	0,626
061	BAIXO JAGUARIBE	0,606	0,479	1,714	0,738	0,585
062	IBIAPABA	0,628	0,530	1,103	0,513	0,754
063	SOBRAL	0,647	0,541	1,488	0,591	0,679
064	SERTOES DE CANINDE	0,613	0,501	1,150	0,548	0,718
065	SERRA DE BATURITE	0,614	0,493	1,461	0,638	0,644
066	IBIAPABA MERIDIONAL	0,628	0,529	1,061	0,495	0,775
067	SERTOES DE CRATEUS	0,618	0,499	1,424	0,621	0,656
068	SERTOES DE QUIXERAMOB	0,612	0,491	1,432	0,641	0,642
069	SERTOES DE SENADOR PO	0,612	0,494	1,314	0,600	0,672

Tabela 2.I. (Cont.)

Nº	Microrregião	Desigualdade		Ecolaridade		Prop.com escol.
		Gini	Theil	Média	Mediana	<1 ano
070	MEDIO JAGUARIBE	0,614	0,491	1,596	0,685	0,614
071	SERRA DO PEREIRO	0,630	0,524	1,202	0,531	0,735
072	SERTAO DOS INHAMUNS	0,623	0,515	1,166	0,534	0,731
073	IGUATU	0,622	0,505	1,505	0,648	0,637
074	SERTAO DO SALGADO	0,636	0,523	1,516	0,610	0,664
075	SERRANA DE CARIRIACU	0,607	0,493	1,208	0,589	0,681
076	SERTAO DO CARIRI	0,633	0,524	1,360	0,583	0,686
077	CHAPADA DO ARARIPE	0,626	0,530	1,139	0,537	0,728
078	CARIRI	0,626	0,500	2,272	0,853	0,539
079	SALINEIRA NORTE-RIOGR	0,585	0,449	2,644	1,000	0,467
080	LITORAL DE SAO BENTO	0,606	0,485	1,224	0,559	0,707
081	ACU E APODI	0,606	0,478	1,802	0,752	0,579
082	SERTAO DE ANGICOS	0,632	0,514	1,529	0,609	0,665
083	SERRA VERDE	0,614	0,490	1,450	0,620	0,657
084	NATAL	0,560	0,417	3,432	2,000	0,383
085	SERRANA NORTE-RIOGRAN	0,611	0,485	1,776	0,728	0,591
086	SERIDO	0,576	0,438	2,268	1,000	0,472
087	BORBOREMA POTIGUAR	0,619	0,500	1,405	0,603	0,670
088	AGRESTE POTIGUAR	0,610	0,486	1,390	0,616	0,660
089	CATOLE DO ROCHA	0,636	0,518	1,672	0,641	0,642
090	SERIDO PARAIBANO	0,607	0,483	1,385	0,627	0,652
091	CURIMATAU	0,629	0,525	1,157	0,521	0,745
092	PIEMONTE DA BORBOREMA	0,633	0,520	1,489	0,608	0,666
093	LITORAL PARAIBANO	0,596	0,460	3,277	1,000	0,431
094	SERTAO DE CAJAZEIRAS	0,644	0,530	1,734	0,639	0,643
095	DEPRESSAO DO ALTO PIR	0,630	0,509	1,968	0,735	0,587
096	CARIRIS VELHOS	0,607	0,482	1,567	0,684	0,614
097	AGRESTE DA BARBOREMA	0,608	0,476	2,750	1,000	0,475
098	BREJO PARAIBANO	0,656	0,558	1,421	0,551	0,715
099	AGRO-PASTORIL DO BAIX	0,637	0,524	1,486	0,594	0,677
100	SERRA DO TEIXEIRA	0,624	0,513	1,272	0,570	0,697
101	ARARIPINA	0,646	0,549	1,251	0,528	0,738
102	SALGUEIRO	0,617	0,495	1,731	0,749	0,580
103	SERTAO PERNAMBUCANO D	0,620	0,494	2,108	0,835	0,545
104	ALTO PAJEU	0,627	0,508	1,698	0,675	0,620
105	SERTAO DO MOXOTO	0,648	0,542	1,442	0,558	0,708
106	ARCOVERDE	0,655	0,550	1,567	0,586	0,683
107	AGRESTE SETENTRIONAL	0,620	0,499	1,587	0,661	0,629
108	VALE DO IPOJUCA	0,627	0,505	1,983	0,755	0,577
109	AGRESTE MERIDIONAL PE	0,634	0,524	1,485	0,617	0,659
110	MATA SECA PERNAMBUCAN	0,615	0,489	1,912	0,758	0,576
111	RECIFE	0,514	0,363	4,172	3,000	0,286
112	MATA UMIDA PERNAMBUCA	0,632	0,513	1,758	0,676	0,619

Tabela 2.I. (Cont.)

Nº	Microrregião	Desigualdade		Ecolaridade		Prop.com escol.
		Gini	Theil	Média	Mediana	<1 ano
113	SERTAO ALAGOANO	0,631	0,526	1,224	0,541	0,724
114	BATALHA	0,641	0,539	1,292	0,547	0,718
115	PALMEIRA DOS INDIOS	0,640	0,528	1,525	0,600	0,672
116	MATA ALAGOANA	0,643	0,541	1,278	0,536	0,730
117	LITORAL NORTE ALAGOAN	0,630	0,521	1,263	0,549	0,717
118	ARAPIRACA	0,648	0,549	1,301	0,533	0,732
119	TABULEIROS DE SAO MIG	0,638	0,528	1,417	0,574	0,694
120	MACEIO	0,568	0,426	3,641	2,000	0,385
121	PENEDO	0,632	0,512	1,861	0,728	0,591
123	SERTAO SERGIPANO DO S	0,622	0,519	1,082	0,509	0,758
124	PROPRIA	0,622	0,496	1,804	0,718	0,596
125	NOSSA SENHORA DAS DOR	0,627	0,511	1,378	0,587	0,683
126	COTINGUIBA	0,611	0,483	1,736	0,712	0,599
127	AGRESTE DE ITABAIANA	0,620	0,499	1,609	0,683	0,615
128	AGRESTE DE LAGARTO	0,619	0,501	1,440	0,629	0,650
129	LITORAL SUL SERGIPANO	0,560	0,416	3,512	2,000	0,372
130	SERTAO DO RIO REAL	0,625	0,525	1,072	0,502	0,767
131	CHAPADOES DO ALTO RIO	0,635	0,528	1,344	0,573	0,694
132	CHAPADOES DO RIO CORR	0,623	0,516	1,229	0,564	0,703
133	BAIXO - MEDIO SAO FRA	0,617	0,504	1,284	0,585	0,684
134	MEDIO SAO FRANCISCO	0,638	0,538	1,230	0,536	0,730
135	CHAPADA DIAMANTINA SE	0,621	0,502	1,470	0,628	0,651
136	CHAPADA DIAMANTINA ME	0,606	0,490	1,295	0,624	0,654
137	SERRA GERAL DA BAHIA	0,631	0,522	1,368	0,590	0,680
138	SENHOR DO BONFIM	0,641	0,535	1,399	0,575	0,693
139	PIEMONTE DA DIAMANTIN	0,622	0,506	1,420	0,624	0,654
140	CORREDEIRAS DO SAO FR	0,627	0,502	2,038	0,754	0,578
141	SERTAO DE CANUDOS	0,627	0,546	0,931	0,455	0,828
142	SERRINHA	0,623	0,509	1,349	0,593	0,678
143	FEIRA DE SANTANA	0,625	0,500	2,110	0,808	0,555
144	JEQUIE	0,638	0,525	1,605	0,638	0,644
145	PLANALTO DE CONQUISTA	0,647	0,536	1,654	0,633	0,647
146	PASTORIL DE ITAPETING	0,646	0,538	1,566	0,621	0,656
147	SERTAO DE PAULO AFONS	0,649	0,536	1,713	0,623	0,655
148	AGRESTE DE ALAGOINHAS	0,642	0,529	1,602	0,620	0,656
149	LITORAL NORTE BAIANO	0,633	0,520	1,378	0,571	0,697
150	SALVADOR	0,505	0,353	4,365	4,000	0,274
151	RECONCAVO BAIANO	0,606	0,475	2,113	0,850	0,540
152	TABULEIROS DE VALENCA	0,622	0,503	1,467	0,620	0,657
153	ENCOSTA DO PLANALTO D	0,631	0,525	1,241	0,543	0,723
154	CACAUEIRA	0,636	0,516	1,991	0,725	0,592
155	INTERIORANA DO EXTREM	0,639	0,533	1,290	0,543	0,723
156	LITORANEA DO EXTREMO	0,636	0,523	1,516	0,608	0,666
157	SANFRANCISCANA DE JAN	0,592	0,462	1,685	0,778	0,567

Tabela 2.I. (Cont.)

Nº	Microrregião	Desigualdade		Ecolaridade		Prop.com escol.
		Gini	Theil	Média	Mediana	<1 ano
158	SERRA GERAL DE MINAS	0,593	0,465	1,518	0,716	0,596
159	ALTO RIO PARDO	0,612	0,496	1,284	0,594	0,677
160	CHAPADOES DO PARACATU	0,525	0,382	2,339	2,000	0,405
161	ALTO - MEDIO SAO FRAN	0,539	0,397	2,493	2,000	0,420
162	MONTES CLAROS	0,576	0,439	2,501	1,000	0,448
163	MINERADORA DO ALTO JE	0,584	0,454	1,386	0,680	0,617
164	PASTORIL DE PEDRA AZU	0,588	0,456	1,706	0,785	0,564
165	PASTORIL DE ALMENARA	0,620	0,499	1,592	0,656	0,632
166	MEDIO RIO DAS VELHAS	0,512	0,366	2,886	2,000	0,350
167	MINERADORA DE DIAMANT	0,596	0,467	1,815	0,791	0,562
168	TEOFILO OTONI	0,608	0,479	2,119	0,853	0,539
169	PASTORIL DE NANUQUE	0,608	0,480	1,894	0,796	0,560
170	UBERLANDIA	0,476	0,322	3,855	3,000	0,239
171	ALTO PARNAIBA	0,472	0,322	3,286	3,000	0,267
172	MATA DA CORDA	0,470	0,321	3,250	3,000	0,269
173	TRES MARIAS	0,480	0,335	2,909	3,000	0,318
174	BACIA DO SUACUI	0,568	0,432	1,915	0,926	0,517
175	GOVERNADOR VALADARES	0,537	0,392	3,075	2,000	0,363
176	MANTENA	0,573	0,438	2,132	1,000	0,495
177	PONTAL DO TRIANGULO M	0,490	0,342	2,961	2,000	0,299
178	UBERABA	0,468	0,313	4,263	4,000	0,217
179	PLANALTO DE ARAXA	0,468	0,317	3,513	3,000	0,255
180	ALTO SAO FRANCISCO	0,465	0,316	3,306	3,000	0,261
181	CALCARIOS DE SETE LAG	0,464	0,316	3,433	3,000	0,260
182	BELO HORIZONTE	0,453	0,297	4,638	4,000	0,196
183	SIDERURGICA	0,486	0,335	3,520	3,000	0,282
184	MATA DE CARATINGA	0,540	0,400	2,385	2,000	0,423
185	BACIA DO MANHUACU	0,563	0,425	2,279	1,000	0,467
186	DIVINOPOLIS	0,452	0,302	3,768	4,000	0,230
187	ESPINHACO MERIDIONAL	0,463	0,314	3,479	3,000	0,250
188	MATA DE PONTE NOVA	0,512	0,369	2,714	2,000	0,360
189	VERTENTE OCIDENTAL DO	0,533	0,392	2,521	2,000	0,405
190	FURNAS	0,493	0,345	3,386	3,000	0,284
191	FORMIGA	0,481	0,334	3,114	3,000	0,294
192	MATA DE VICOSA	0,527	0,388	2,733	2,000	0,364
193	MATA DO MURIAE	0,515	0,372	3,024	2,000	0,340
194	MOGIANA MINEIRA	0,499	0,354	3,082	3,000	0,309
195	CAMPOS DA MANTIQUEIRA	0,459	0,312	3,458	3,000	0,254
196	MATA DE UBA	0,490	0,345	3,175	3,000	0,306
197	PLANALTO DE POCOS DE	0,478	0,330	3,533	3,000	0,262
198	PLANALTO MINEIRO	0,496	0,349	3,338	3,000	0,293
199	ALTO RIO GRANDE	0,497	0,352	3,164	3,000	0,309
200	JUIZ DE FORA	0,459	0,306	4,257	4,000	0,221
201	MATA DE CATAGUASES	0,475	0,327	3,535	3,000	0,272
202	ALTA MANTIQUEIRA	0,507	0,360	3,214	3,000	0,310
203	ALTO SAO MATEUS	0,602	0,470	2,042	0,832	0,546

Tabela 2.I. (Cont.)

Nº	Microrregião	Desigualdade		Ecolaridade		Prop.com escol.
		Gini	Theil	Média	Mediana	<1 ano
204	COLATINA	0,531	0,388	2,818	2,000	0,380
205	BAIXADA ESTIRITO-SANT	0,541	0,397	2,610	2,000	0,404
206	COLONIAL SERRANA ESPI	0,505	0,361	2,850	2,000	0,346
207	VITORIA	0,462	0,305	4,665	4,000	0,210
208	VERTENTE ORIENTAL DO	0,525	0,385	2,648	2,000	0,403
209	CACHOEIRO DE ITAPEMIR	0,509	0,361	3,482	3,000	0,315
210	LITORAL SUL ESPIRITO-	0,513	0,368	2,960	2,000	0,344
211	ITAPERUNA	0,534	0,387	3,278	2,000	0,341
212	MIRACEMA	0,533	0,387	3,182	2,000	0,345
213	ACUCAREIRA DE CAMPOS	0,512	0,362	3,396	3,000	0,309
214	CANTAGALO	0,535	0,391	2,944	2,000	0,354
215	TRES RIOS	0,481	0,330	3,678	3,000	0,271
216	CORDEIRO	0,545	0,403	2,709	2,000	0,390
217	VALE DO PARAIBA FLUMI	0,456	0,300	4,309	4,000	0,210
218	SERRANA FLUMINENSE	0,478	0,327	3,976	4,000	0,246
219	VASSOURAS E BARRA DO	0,503	0,355	3,318	3,000	0,308
220	BACIAS DO SAO JOAO E	0,541	0,398	2,734	2,000	0,386
221	FLUMINENSE DO GRANDE	0,462	0,308	4,054	4,000	0,230
222	CABO FRIO	0,513	0,364	3,085	2,000	0,326
223	BAIA DA ILHA GRANDE	0,519	0,372	3,460	3,000	0,320
224	RIO DE JANEIRO	0,421	0,261	5,799	4,000	0,146
225	ALTA ARARAQUARENSE DE	0,509	0,361	3,294	3,000	0,311
226	ALTA ARARAQUARENSE DE	0,493	0,345	3,573	3,000	0,283
227	DIVISOR TURVO-GRANDE	0,490	0,341	3,501	3,000	0,277
228	BARRETOS	0,470	0,317	3,919	3,000	0,229
229	ALTA MOGIANA	0,481	0,330	3,648	3,000	0,250
230	PLANALTO DE FRANCA	0,462	0,309	4,055	4,000	0,218
231	ALTO NOROESTE DE ARAC	0,494	0,342	3,940	3,000	0,266
232	MEDIO SAO JOSE DOS DO	0,516	0,370	3,068	2,000	0,333
233	DIVISOR SAO JOSE DOS	0,503	0,356	3,411	3,000	0,303
234	SAO JOSE DO RIO PRETO	0,478	0,325	4,214	4,000	0,235
235	MEDIA ARARAQUARENSE	0,497	0,350	3,436	3,000	0,283
236	SERRA DE JABOTICABAL	0,485	0,337	3,657	3,000	0,267
237	RIBEIRAO PRETO	0,466	0,310	4,474	4,000	0,205
238	SERRA DE BATATAIS	0,468	0,318	3,646	3,000	0,233
239	NOVA ALTA PAULISTA	0,510	0,361	3,441	3,000	0,306
240	ALTA NOROESTE DE PENA	0,492	0,341	3,632	3,000	0,271
241	BAURU	0,486	0,333	4,079	4,000	0,248
242	ARARAQUARA	0,474	0,323	4,049	4,000	0,236
243	DEPRESSAO PERIFERICA	0,464	0,313	3,827	3,000	0,232
244	ENCOSTA OCIDENTAL DA	0,482	0,333	3,706	3,000	0,253
245	ALTA PAULISTA	0,509	0,359	3,739	3,000	0,288
246	JAU	0,488	0,340	3,670	3,000	0,270
247	RIO CLARO	0,462	0,308	4,208	4,000	0,209
248	CAMPINAS	0,462	0,309	4,261	4,000	0,212

Tabela 2.I. (Cont.)

Nº	Microrregião	Desigualdade		Ecolaridade		Prop.com escol.
		Gini	Theil	Média	Mediana	<1 ano
249	ESTANCIAS HIDROMINERA	0,474	0,327	3,567	3,000	0,261
250	ALTA SOROCABANA DE PR	0,507	0,357	3,682	3,000	0,290
251	ALTA SOROCABANA DE AS	0,499	0,348	3,624	3,000	0,274
252	OURINHOS	0,493	0,344	3,488	3,000	0,278
253	SERRA DE BOTUCATU	0,503	0,354	3,611	3,000	0,284
254	ACUCAREIRA DE PIRACIC	0,453	0,302	4,122	4,000	0,206
255	TATUI	0,462	0,311	3,825	3,000	0,225
256	SOROCABA	0,460	0,308	4,031	4,000	0,222
257	JUNDIAI	0,454	0,303	3,932	4,000	0,222
258	BRAGANCA PAULISTA	0,510	0,364	3,410	3,000	0,304
259	VALE DO PARAIBA PAULI	0,463	0,308	4,317	4,000	0,211
260	CAMPOS DE ITAPETINGA	0,507	0,360	3,204	3,000	0,299
261	PARANAPIACABA	0,515	0,373	2,542	2,000	0,366
262	GRANDE SAO PAULO	0,454	0,298	4,687	4,000	0,196
263	ALTO PARAIBA	0,528	0,387	2,527	2,000	0,380
264	APIAI	0,554	0,415	2,306	1,000	0,434
265	BAIXADA DO RIBEIRA	0,515	0,369	2,940	2,000	0,342
266	BAIXADA SANTISTA	0,453	0,297	4,625	4,000	0,205
267	COSTA NORTE PAULISTA	0,494	0,344	3,448	3,000	0,286
268	CURITIBA	0,463	0,305	4,685	4,000	0,197
269	LITORAL PARANAENSE	0,494	0,342	3,551	3,000	0,286
270	ALTO RIBEIRA	0,574	0,437	1,629	0,787	0,563
271	ALTO RIO NEGRO PARANA	0,444	0,298	2,362	2,000	0,312
272	CAMPOS DE LAPA	0,452	0,305	3,329	3,000	0,246
273	CAMPOS DE PONTA GROSS	0,488	0,337	3,651	3,000	0,264
274	CAMPOS DE JAGUARIAIVA	0,518	0,376	2,424	2,000	0,388
275	SAO MATEUS DO SUL	0,432	0,292	2,818	3,000	0,257
276	COLONIAL DO IRATI	0,430	0,286	3,031	3,000	0,245
277	ALTO IVAI	0,531	0,390	1,807	0,988	0,503
278	NORTE VELHO DE VENCES	0,537	0,396	2,357	2,000	0,412
279	NORTE VELHO DE JACARE	0,544	0,400	3,038	2,000	0,363
280	ALGODOEIRA DE ASSAI	0,562	0,420	2,685	2,000	0,422
281	NORTE NOVO DE LONDRIN	0,516	0,366	3,657	3,000	0,296
282	NORTE NOVO DE MARINGA	0,499	0,347	3,815	3,000	0,270
283	NORTE NOVISSIMO DE PA	0,529	0,382	3,037	2,000	0,350
284	NORTE NOVO DE APUCARA	0,542	0,398	2,634	2,000	0,389
285	NORTE NOVISSIMO DE UM	0,526	0,380	2,691	2,000	0,368
286	CAMPO MOURAO	0,539	0,397	2,448	2,000	0,403
287	PITANGA	0,518	0,374	1,911	1,000	0,440
288	EXTREMO OESTE PARANAE	0,479	0,331	3,049	3,000	0,292
289	SUDOESTE PARANAENSE	0,453	0,307	2,897	3,000	0,281
290	CAMPOS DE GUARAPUAVA	0,484	0,338	2,828	2,000	0,310
291	MEDIO IGUACU	0,473	0,327	3,144	3,000	0,284
292	COLONIAL DE JOINVILE	0,402	0,249	4,260	4,000	0,164
293	LITORAL DE ITAJAI	0,433	0,279	4,056	4,000	0,198

Tabela 2.I. (Cont.)

Nº	Microrregião	Desigualdade		Ecolaridade		Prop.com escol.
		Gini	Theil	Média	Mediana	<1 ano
294	COLONIAL DE BLUMENAU	0,378	0,228	4,320	4,000	0,136
295	COLONIAL DO ITAJAI NO	0,376	0,235	3,361	3,000	0,191
296	COLONIAL DO ALTO ITAJ	0,397	0,252	3,604	4,000	0,192
297	FLORIANOPOLIS	0,446	0,289	5,079	4,000	0,184
298	COLONIAL SERRANA CATA	0,421	0,277	3,177	3,000	0,241
299	LITORAL DE LAGUNA	0,463	0,313	3,445	3,000	0,266
300	CARBONIFERA	0,419	0,262	4,173	4,000	0,174
301	LITORAL SUL CATARINEN	0,433	0,283	3,359	3,000	0,233
302	COLONIAL DO SUL CATAR	0,434	0,286	3,111	3,000	0,234
303	CAMPOS DE LAJES	0,461	0,308	3,758	3,000	0,238
304	CAMPOS DE CURITIBANOS	0,473	0,327	3,004	3,000	0,301
305	COLONIAL DO RIO DO PE	0,419	0,273	3,643	4,000	0,215
306	COLONIAL DO OESTE CAT	0,414	0,272	3,333	4,000	0,234
307	PLANALTO DE CANOINHAS	0,410	0,265	3,565	4,000	0,209
308	PORTO ALEGRE	0,423	0,265	5,103	4,000	0,158
309	COLONIAL DA ENCOSTA D	0,372	0,229	3,983	4,000	0,158
310	LITORAL SETENTRIONAL	0,455	0,306	3,310	3,000	0,266
311	VINICULTURA DE CAXIAS	0,395	0,241	4,686	4,000	0,138
312	COLONIAL DO ALTO TAQU	0,403	0,260	3,718	4,000	0,206
313	COLONIAL DO BAIXO TAQ	0,363	0,221	4,152	4,000	0,143
314	FUMICULTORA DE SANTA	0,403	0,260	3,732	4,000	0,193
315	VALE DO JACUI	0,454	0,306	3,537	3,000	0,250
316	SANTA MARIA	0,436	0,281	4,548	4,000	0,183
317	LAGOA DOS PATOS	0,459	0,311	3,746	3,000	0,238
318	LITORAL ORIENTAL DA L	0,463	0,313	3,812	4,000	0,247
319	LAGOA MIRIM	0,469	0,321	3,483	3,000	0,271
320	ALTO CAMAQUE	0,492	0,348	3,099	3,000	0,319
321	CAMPANHA	0,457	0,304	4,044	4,000	0,232
322	TRITICULTORA DE CRUZ	0,424	0,275	3,967	4,000	0,197
323	COLONIAL DAS MISSOES	0,435	0,288	3,647	4,000	0,224
324	COLONIAL DE SANTA ROS	0,381	0,239	3,758	4,000	0,175
325	COLONIAL DO IRAI	0,435	0,291	3,150	3,000	0,263
326	COLONIAL DE ERECHIM	0,407	0,263	3,649	4,000	0,205
327	COLONIAL DE IJUI	0,387	0,241	4,071	4,000	0,160
328	PASSO FUNDO	0,448	0,296	4,050	4,000	0,215
329	COLONIAL DO ALTO JACU	0,359	0,214	4,255	4,000	0,132
330	SOLEDADE	0,458	0,313	3,177	3,000	0,274
331	CAMPOS DE VACARIA	0,447	0,298	3,658	4,000	0,227
332	NORTE MATO-GROSSENSE	0,546	0,404	2,329	1,000	0,437
333	ALTO GUAPORE-JAURU	0,579	0,444	1,963	0,907	0,522
334	ALTO PARAGUAI	0,549	0,407	2,148	1,000	0,454
335	BAIXADA CUIABANA	0,542	0,394	3,540	2,000	0,340
336	RONDONOPOLIS	0,546	0,402	2,683	2,000	0,397
337	GARCAS	0,554	0,412	2,479	1,000	0,427

Tabela 2.I. (Cont.)

Nº	Microrregião	Desigualdade		Ecolaridade		Prop.com escol.
		Gini	Theil	Média	Mediana	<1 ano
338	PANTANAIS	0,531	0,384	3,004	2,000	0,354
339	ALTO TAQUARI	0,555	0,413	2,305	1,000	0,434
340	PARANAIBA	0,553	0,412	2,593	2,000	0,414
341	BODOQUENA	0,529	0,382	2,608	2,000	0,380
342	PASTORIL DE CAMPO GRA	0,499	0,346	4,020	3,000	0,263
343	TRES LAGOAS	0,550	0,406	3,000	2,000	0,381
344	CAMPOS DE VACARIA E M	0,539	0,397	2,574	2,000	0,400
345	EXTREMO NORTE GOIANO	0,602	0,473	1,754	0,759	0,575
346	BAIXO ARAGUAIA GOIANO	0,590	0,456	1,676	0,742	0,584
347	TOCANTINA DE PEDRO AF	0,591	0,463	1,472	0,719	0,595
348	MEDIO TOCANTINS-ARAGU	0,586	0,450	2,090	0,974	0,506
349	SERRA GERAL DE GOIAS	0,601	0,474	1,560	0,704	0,603
350	ALTO TOCANTINS	0,562	0,422	2,129	1,000	0,466
351	CHAPADA DOS VEADEIROS	0,573	0,437	1,860	0,908	0,522
352	VAO DO PARANA	0,610	0,485	1,543	0,672	0,622
353	RIO VERMELHO	0,568	0,428	2,322	1,000	0,464
354	MATO GROSSO DE GOIAS	0,515	0,364	3,824	3,000	0,293
355	PLANALTO GOIANO	0,568	0,428	2,424	1,000	0,452
356	ALTO ARAGUAIA GOIANO	0,563	0,422	2,338	1,000	0,448
357	SERRA DO CAIAPO	0,537	0,391	2,803	2,000	0,372
358	MEIA-PONTE	0,529	0,382	2,742	2,000	0,368
359	SUDESTE GOIANO	0,506	0,358	3,007	2,000	0,332
360	VERTENTE GOIANA DO PA	0,531	0,385	2,754	2,000	0,373
	DISTRITO FEDERAL	0,462	0,305	5,211	4,000	0,194

Fonte: Dados Básicos do Censo Demográfico do Brasil de 1980.

Tabela 3.I. Características da distribuição da posse da terra em 332 Microrregiões. Brasil, 1980.

Nº	Microrregião	Desigualdade			Area	
		Gini	Theil	5+	Média	Mediana
029	GURUPI	0.857	0,913	65,5	22,805	2,420
030	BAIXADA OCIDENTAL	0,908	0,968	87,1	9,426	0,941
031	SAO LUIS	0,908	0,981	86,9	7,552	0,869
032	BAIXADA ORIENTAL M	0,833	0,972	75,0	5,860	1,124
033	BAIXO PARNAIBA MAR	0,919	0,962	86,9	15,820	1,173
034	PINDARE	0,898	0,952	74,6	33,998	2,047
035	MEARIM	0,898	0,925	75,9	20,313	1,430
036	ITAPECURU	0,937	0,970	92,2	20,378	1,177
037	ALTO MONIM	0,932	0,971	91,2	21,048	1,365
038	IMPERATRIZ	0,851	0,857	61,4	81,170	4,486
039	ALTO MEARIM E GRAJ	0,864	0,898	68,9	73,673	5,191
040	MEDIO MEARIM	0,891	0,967	74,2	24,399	1,849
041	ALTO ITAPECURU	0,926	0,953	86,1	32,244	1,721
042	CHAPADAS DO SUL MA	0,841	0,829	57,3	211,007	10,613
043	BAIXO BALSAS	0,914	0,912	73,0	108,868	1,686
044	PASTOS BONS	0,910	0,914	74,8	50,492	1,600
045	BAIXO PARNAIBA PIA	0,928	0,960	85,2	20,633	1,108
046	CAMPO MAIOR	0,916	0,931	80,1	33,085	1,423
047	TERESINA	0,920	0,932	80,9	23,584	1,114
048	MEDIO PARNAIBA PIA	0,884	0,906	73,7	20,342	1,686
049	VALENCA DO PIAUI	0,919	0,954	80,5	33,742	1,571
050	FLORIANO	0,913	0,936	77,6	100,695	3,347
051	BAIXOES AGRICOLAS	0,777	0,800	53,3	29,089	6,022
052	ALTO PARNAIBA PIAU	0,891	0,904	72,3	299,357	20,732
053	MEDIO GURGUEIA	0,939	0,978	85,7	192,252	5,874
054	ALTOS PIAUI E CANI	0,815	0,866	60,3	65,225	10,850
055	CHAPADAS DO EXTREM	0,768	0,758	51,2	115,658	27,390
056	LITORAL DO CAMOCIM	0,833	0,859	65,2	22,170	2,933
057	BAIXO MEDIO ACARAU	0,780	0,817	55,5	41,575	8,262
058	URUBURETAMA	0,828	0,878	64,9	40,355	6,174
059	FORTALEZA	0,883	0,914	75,5	19,153	2,120
060	LITORAL DOS PACAJU	0,817	0,887	63,7	29,969	5,471
061	BAIXO JAGUARIBE	0,806	0,851	62,2	47,063	9,096
062	IPIAPABA	0,755	0,789	55,1	29,342	7,707
063	SOBRAL	0,729	0,716	49,1	39,955	11,645
064	SERTOES DO CANINDE	0,792	0,804	58,0	91,318	17,255
065	SERRA DE BATURITE	0,802	0,800	56,7	21,775	3,448
066	IPIAPABA MERIDIONA	0,757	0,745	53,0	74,218	18,191
067	SERTOES DE CRATEUS	0,768	0,751	52,3	77,263	15,482
068	SERTOES DE QUIXERA	0,776	0,774	54,3	79,043	15,887
069	SERTOES DO SENADOR	0,634	0,568	37,2	58,338	25,652
070	MEDIO JAGUARIBE	0,750	0,736	50,5	107,136	27,792
071	SERRA DO PEREIRO	0,760	0,749	50,1	80,873	19,408

Tabela 3.I. (Cont.)

Nº	Microrregião	Desigualdade			Area	
		Gini	Theil	5+	Média	Mediana
072	SERTAO DOS INHAMUN	0,626	0,541	33,9	96,676	41,645
073	IGUATU	0,654	0,582	37,3	44,275	17,953
074	SERTAO DO SALGADO	0,683	0,651	43,1	42,058	15,256
075	SERRANA DE QUIRIRI	0,686	0,651	41,4	37,377	13,566
076	SERTAO DO CARIRI	0,727	0,729	46,5	41,511	12,276
077	CHAPADA DO ARARIPE	0,715	0,692	44,8	44,832	14,195
078	CARIRI	0,784	0,774	55,4	25,256	4,973
079	SALINEIRA NORTE-RI	0,809	0,845	61,3	85,046	18,199
080	LITORAL DE SAO BEN	0,901	0,959	78,8	57,004	5,132
081	ACU E APODI	0,825	0,831	61,3	59,086	10,204
082	SERTAO DOS ANGICOS	0,849	0,867	65,7	102,871	13,527
083	SERRA VERDE	0,881	0,897	72,9	53,966	4,507
084	NATAL	0,914	0,929	80,5	24,381	1,292
085	SERRANA NORTE-RIOG	0,755	0,753	51,5	29,907	7,567
086	SERIDO	0,806	0,796	56,9	62,984	11,127
087	BORBOREMA POTIGUAR	0,823	0,866	65,7	30,290	5,558
088	AGRESTE POTIGUAR	0,851	0,908	71,3	17,199	2,495
089	CATOLE DO ROCHA	0,770	0,763	55,5	60,657	14,196
090	SERIDO PARAIBANO	0,770	0,767	54,6	35,216	7,584
091	CURIMATAU	0,824	0,869	69,1	20,284	3,300
092	PIEMONTE DA BORBOR	0,837	0,882	71,6	11,004	2,109
093	LITORAL PARAIBANO	0,905	0,960	82,4	21,448	2,218
094	SERTAO DE CAJAZEIR	0,658	0,606	39,3	38,552	14,919
095	DEPRESSAO DO ALTO	0,761	0,754	53,0	67,916	15,334
096	CARIRIS VELHOS	0,819	0,839	62,2	42,773	6,781
097	AGRESTE DA BORBORE	0,825	0,895	72,0	14,704	2,751
098	BREJO PARAIBANO	0,809	0,870	70,2	10,508	2,424
099	AGRO-PASTORIL DO B	0,893	0,941	82,1	14,482	1,282
100	SERRA DO TEIXEIRA	0,676	0,676	44,1	20,494	7,210
101	ARARIPINA	0,730	0,706	46,8	29,181	8,058
102	SALGUEIRO	0,782	0,755	51,8	43,630	7,495
103	SERTAO PERNAMBUCAN	0,825	0,831	60,3	47,061	6,741
104	ALTO PAJEU	0,739	0,768	52,0	20,049	5,739
105	SERTAO DO MOXOTO	0,810	0,862	62,9	44,620	8,363
106	ARCO VERDE	0,789	0,817	60,1	22,871	4,506
107	AGRESTE SETENTRION	0,756	0,820	60,5	5,748	1,421
108	VALE DO IPOJUCA	0,802	0,828	62,5	12,442	2,599
109	AGRESTE MERIDIONAL	0,770	0,802	58,0	10,150	2,596
110	MATA SECA PERNAMBU	0,892	0,903	80,3	20,223	2,187
111	RECIFE	0,888	0,913	81,3	21,344	2,415
112	MATA UMIDA PERNAMB	0,874	0,865	73,0	41,654	3,602
113	SERTAO ALAGOANO	0,815	0,865	64,1	14,648	2,722
114	BATALHA	0,779	0,787	55,9	17,255	3,704
115	PALMEIRA DOS INDIO	0,823	0,849	64,4	13,006	2,028

Tabela 3.I. (Cont.)

Nº	Microrregião	Desigualdade			Area	
		Gini	Theil	5+	Média	Mediana
116	MATA ALAGOANA	0,849	0,836	63,9	46,902	5,253
117	LITORAL NORTE ALAG	0,887	0,858	65,6	62,696	2,289
118	ARAPIRACA	0,796	0,846	60,7	11,066	2,187
119	TABULEIROS DE SAO	0,882	0,882	70,7	68,326	4,795
120	MACEIO	0,874	0,867	64,0	78,543	4,329
121	PENEDO	0,828	0,886	65,2	12,089	1,785
123	SERTAO SERGIPANO D	0,779	0,794	54,6	42,038	9,564
124	PROPRIA	0,888	0,928	75,7	16,125	1,412
125	NOSSA SENHORA DAS	0,839	0,831	61,0	20,466	2,205
126	COTINGUIBA	0,897	0,894	74,1	30,384	1,559
127	AGRESTE DE ITABAIA	0,788	0,865	62,2	5,898	1,353
128	AGRESTE DE LAGARTO	0,842	0,873	68,4	13,989	2,099
129	LITORAL SUL SERGIP	0,884	0,912	73,9	21,215	1,780
130	SERTAO DO RIO REAL	0,678	0,649	42,3	25,157	9,614
131	CHAPADOES ALTO RIO	0,913	0,955	80,6	183,902	12,569
132	CHAPADOES DO RIO C	0,819	0,896	65,5	93,276	20,353
133	BAIXO MEDIO SAO FR	0,899	0,960	80,2	52,615	5,014
134	MEDIO SAO FRANCISC	0,820	0,893	66,8	73,089	20,875
135	CHAPADA DIAMANTINA	0,789	0,862	58,0	46,464	9,603
136	CHAPADA DIAMANTINA	0,793	0,837	61,2	29,957	6,200
137	SERRA GERAL DA BAH	0,679	0,690	43,5	46,866	20,251
138	SENHOR DO BONFIM	0,806	0,832	59,0	26,921	4,606
139	PIEMONTE DA DIAMAN	0,794	0,801	57,7	68,330	14,889
140	CORREDEIRAS DE SAO	0,788	0,852	63,0	19,505	4,125
141	SERTAO DE CANUDOS	0,804	0,845	62,2	29,983	5,986
142	SERRINHA	0,758	0,773	52,7	26,979	7,128
143	FEIRA DE SANTANA	0,818	0,863	63,2	24,478	4,140
144	JEQUIE	0,791	0,795	56,9	62,523	12,646
145	PLANALTO DA CONQUI	0,690	0,680	44,9	70,519	26,423
146	PASTORIL DE ITAPET	0,706	0,648	40,0	245,006	73,140
147	SERTAO DE PAULO AF	0,813	0,848	62,5	37,128	6,902
148	AGRESTE DE ALAGOIN	0,789	0,837	58,2	18,606	3,932
149	LITORAL NORTE BAIA	0,875	0,902	67,8	61,485	4,115
150	SALVADOR	0,891	0,923	75,5	17,102	1,292
151	RECONCAVO BAIANO	0,829	0,870	66,2	15,131	2,511
152	TABULEIROS DE VALE	0,703	0,730	48,8	28,231	10,498
153	ENCOSTA DO PLANALT	0,821	0,792	56,3	101,819	13,996
154	CACAUEIRA	0,701	0,677	44,8	49,473	17,656
155	INTERIORANA DO EXT	0,728	0,719	47,4	124,476	39,348
156	LITORANEA DO EXTRE	0,764	0,766	53,1	120,237	31,028
157	SANFRANCISCANA DE	0,848	0,924	71,1	181,718	29,553
158	SERRA GERAL DE MIN	0,803	0,866	63,8	84,845	18,862
159	ALTO RIO PARDO	0,784	0,870	60,4	89,315	21,660
160	CHAPADOES DO PARAC	0,755	0,736	50,7	389,391	102,689
161	ALTO-MEDIO SAO FAN	0,843	0,836	65,1	725,445	95,996

Tabela 3.I. (Cont.)

Nº	Microrregião	Desigualdade			Area	
		Gini	Theil	5+	Média	Mediana
162	MONTES CLAROS	0,802	0,836	57,4	160,293	29,725
163	MINERADORA DO ALTO	0,769	0,830	57,3	139,799	35,946
164	PASTORIL DE PEDRA	0,715	0,660	43,3	98,255	29,084
165	PASTORIL DE ALMENA	0,684	0,624	39,8	230,230	81,210
166	MEDIO RIO DAS VELH	0,800	0,804	56,9	264,423	45,663
167	MINERADORA DE DIAM	0,808	0,924	68,7	48,234	9,735
168	TEOFILO OTONIO	0,742	0,717	48,9	80,786	20,972
169	PASTORIL DE NANUQU	0,736	0,696	45,9	206,597	58,147
170	UBERLANDIA	0,709	0,670	42,8	188,079	65,062
171	ALTO PARANAIBA	0,668	0,614	38,3	156,229	61,283
172	MATA DA CORDA	0,659	0,618	39,1	105,825	42,129
173	TRES MARIAS	0,692	0,659	42,2	295,339	109,020
174	BACIA DO SUACUI	0,714	0,671	41,2	81,705	25,076
175	GOVERNADOR VALADAR	0,756	0,725	48,1	118,638	29,366
176	MANTENA	0,617	0,529	33,4	38,708	18,372
177	PONTAL DO TRIANGUL	0,660	0,578	36,8	208,174	85,470
178	UBERABA	0,690	0,656	41,2	220,296	81,158
179	PLANALTO DE ARAXA	0,648	0,585	35,9	212,770	91,305
180	ALTO SAO FRANCISCO	0,637	0,563	34,6	116,033	51,855
181	CALCARIOS DE SETE	0,766	0,746	48,8	107,472	23,409
182	BELO HORIZONTE	0,795	0,805	53,7	75,410	14,788
183	SIDERURGICA	0,714	0,779	48,2	78,895	27,137
184	MATA DE CARATINGA	0,662	0,675	41,3	42,418	17,529
185	BACIA DO MANHUACU	0,684	0,699	43,2	86,540	32,748
186	DIVINOPOLIS	0,626	0,531	32,9	56,103	26,246
187	ESPINHACO MERIDION	0,725	0,767	48,1	36,840	11,948
188	MATA DE PONTE NOVA	0,669	0,631	39,9	43,253	16,260
189	VERTENTE OCIDENTAL	0,614	0,529	33,6	37,666	17,954
190	FURNAS	0,680	0,617	38,5	61,508	23,002
191	FORMIGA	0,651	0,582	37,9	56,109	23,696
192	MATA DE VICOSA	0,649	0,570	35,3	24,320	10,527
193	MATA DO MURIAE	0,634	0,556	35,7	47,088	20,968
194	MOGIANA MINEIRA	0,673	0,624	40,6	43,506	16,837
195	CAMPOS DA MANTIQUE	0,658	0,565	34,7	39,364	15,532
196	MATA DE UBA	0,645	0,574	36,1	35,221	14,741
197	PLANALTO DE POCOS	0,670	0,619	39,2	38,020	14,590
198	PLANALTO MINEIRO	0,681	0,615	39,3	40,547	15,450
199	ALTO RIO GRANDE	0,650	0,568	35,0	86,845	36,313
200	JUIZ DE FORA	0,617	0,523	30,8	81,612	40,000
201	MATA DE CATAGUASES	0,646	0,568	36,4	59,158	26,213
202	ALTA MANTIQUEIRA	0,700	0,693	42,6	30,814	10,636
203	ALTO SAO MATEUS	0,731	0,683	45,9	152,901	43,380
204	COLATINA	0,602	0,538	35,9	57,573	29,244
205	BAIXADA ESPIRITO-S	0,744	0,815	54,9	113,801	33,716
206	COLONIAL SERRANA E	0,501	0,380	25,6	40,675	27,133
207	VITORIA	0,770	0,756	54,0	67,628	16,582
208	VERTENTE ORIENTAL	0,562	0,464	30,4	42,130	23,918

Tabela 3.I. (Cont.)

Nº	Microrregião	Desigualdade			Area	
		Gini	Theil	5+	Média	Mediana
209	CACHOEIRO DO ITAPE	0,628	0,557	36,7	60,345	27,818
210	LITORAL SUL ESPIRI	0,687	0,669	43,8	48,044	18,316
211	ITAPERUNA	0,677	0,615	39,1	56,836	21,193
212	MIRACEMA	0,730	0,672	43,8	34,777	9,705
213	ACUCAREIRA DE CAMP	0,825	0,829	61,2	41,490	6,877
214	CANTAGALO	0,703	0,656	42,2	40,855	13,678
215	TRES RIOS	0,703	0,632	39,4	87,437	29,473
216	CORDEIRO	0,715	0,662	43,1	52,128	15,939
217	VALE DO PARAIBA FL	0,647	0,558	33,5	127,306	61,247
218	SERRANA FLUMINENSE	0,785	0,795	55,9	21,456	4,754
219	VASSOURAS E BARRA	0,783	0,746	49,7	76,622	13,968
220	BACIAS DO SAO JOAO	0,819	0,827	62,8	51,453	9,641
221	FLUMINENSE DO GRAN	0,835	0,906	68,7	16,790	3,413
222	CABO FRIO	0,853	0,922	72,0	22,957	3,894
223	BAIA DA ILHA GRAND	0,800	0,909	66,5	35,852	9,215
224	RIO DE JANEIRO	0,727	0,733	50,0	6,055	2,284
225	ALTA ARARAQUARENSE	0,730	0,751	53,5	39,557	11,724
226	ALTA ARARAQUARENSE	0,692	0,742	47,1	48,964	16,416
227	DIVIDOR TURVO GRAN	0,722	0,711	47,7	156,661	46,655
228	BARRETOS	0,722	0,677	44,8	165,347	49,920
229	ALTO MOGIANA	0,684	0,631	41,3	153,177	55,420
230	PLANALTO DE FRANCA	0,629	0,536	33,3	96,254	41,668
231	ALTA NOROESTE DE A	0,833	0,827	62,0	140,859	19,242
232	MEDIO SAO JOSE DOS	0,742	0,771	51,3	66,633	18,130
233	DIVISOR SAO JOSE D	0,670	0,642	43,1	76,896	30,197
234	SAO JOSE DO RIO PR	0,680	0,640	41,7	59,149	21,735
235	MEDIA ARARAQUARENS	0,658	0,619	40,0	70,994	28,158
236	SERRA DE JABOTICAB	0,684	0,665	45,6	65,614	25,052
237	RIBEIRAO PRETO	0,779	0,781	54,4	148,548	33,015
238	SERRA DE BATATAIS	0,682	0,629	40,2	113,085	41,397
239	NOVA ALTA PAULISTA	0,752	0,811	61,0	35,295	9,721
240	ALTA NOROESTE DE P	0,719	0,695	47,1	57,664	17,272
241	BAURU	0,777	0,759	51,9	123,863	25,871
242	ARARAQUARA	0,743	0,747	51,8	125,849	35,243
243	DEPRESSAO PERIFERI	0,730	0,714	48,5	78,967	23,774
244	ENCOSTA OCIDENTAL	0,729	0,704	48,0	57,639	17,230
245	ALTA PAULISTA	0,751	0,724	50,3	80,641	19,681
246	JAU	0,727	0,718	48,2	91,773	27,005
247	RIO CLARO	0,692	0,658	44,3	123,547	44,730
248	CAMPINAS	0,753	0,762	55,0	39,206	11,568
249	ESTANCIAS HIDROMIN	0,738	0,705	49,4	35,349	9,638
250	ALTO SOROCABANA DE	0,827	0,842	65,2	118,713	19,249
251	ALTO SOROCABANA DE	0,706	0,684	46,1	87,554	29,007
252	OURINHOS	0,705	0,687	47,1	79,129	26,723
253	SERRA DE BOTUCATU	0,763	0,762	52,1	122,304	30,031

Tabela 3.I. (Cont.)

Nº	Microrregião	Desigualdade			Area	
		Gini	Theil	5+	Média	Mediana
254	ACUCAREIRA DE PIRA	0,756	0,759	53,6	97,378	26,606
255	TATUI	0,662	0,623	41,2	40,021	16,864
256	SOROCABA	0,767	0,789	53,9	47,481	11,850
257	JUNDIAI	0,797	0,797	60,7	28,242	5,536
258	BRAGANCA PAULISTA	0,703	0,649	42,9	34,181	11,350
259	VALE DO PARAIBA PA	0,694	0,629	38,8	100,171	36,297
260	CAMPOS DE ITAPETIN	0,806	0,844	62,8	55,266	10,818
261	PARANAPIACABA	0,841	0,903	68,4	35,046	5,100
262	GRANDE SAO PAULO	0,798	0,852	61,2	27,140	5,785
263	ALTO PARAIBA	0,656	0,628	40,7	87,529	38,193
264	APIAI	0,828	0,876	65,6	46,823	7,339
265	BAIXADA DO RIBEIRA	0,796	0,851	61,5	94,899	22,850
266	BAIXADA SANTISTA	0,760	0,811	60,1	60,143	20,811
267	COSTA NORTE PAULIS	0,910	0,937	82,7	125,742	8,801
268	CURITIBA	0,754	0,831	55,7	27,405	8,286
269	LITORAL PARANAENSE	0,900	0,951	82,5	79,685	9,166
270	ALTO RIBEIRA	0,811	0,866	63,2	50,941	8,918
271	ALTO RIO NEGRO PAR	0,672	0,727	44,4	21,477	8,696
272	CAMPOS DE LAPA	0,763	0,789	56,3	56,562	15,140
273	CAMPOS DE PONTA GR	0,849	0,913	67,0	105,151	14,343
274	CAMPOS DE JAGUARIA	0,873	0,913	75,2	86,862	9,800
275	SAO MATEUS DO SUL	0,691	0,696	47,1	28,842	9,941
276	COLONIAL DO IRATI	0,667	0,779	45,9	33,427	14,313
277	ALTO IVAI	0,744	0,775	53,1	35,781	9,917
278	NORTE VELHO DE VEN	0,731	0,787	55,7	28,983	8,582
279	NORTE VELHO DE JAC	0,772	0,777	57,7	48,361	11,618
280	ALGODOEIRA DE ASSA	0,682	0,717	46,8	31,033	11,663
281	NORTE NOVO DE LOND	0,715	0,707	49,1	52,844	17,094
282	NORTE NOVO DE MARI	0,615	0,561	37,6	32,074	14,669
283	NORTE NOVISSIMO DE	0,784	0,773	55,7	68,913	13,977
284	NORTE NOVO DE APUC	0,693	0,755	52,9	22,932	8,372
285	NORTE NOVISSIMO DE	0,735	0,801	58,7	30,976	9,702
286	CAMPO MOURAO	0,734	0,770	54,2	32,651	9,689
287	PITANGA	0,738	0,761	54,0	32,515	9,192
288	EXTREMO OESTE PARA	0,651	0,698	45,2	24,470	10,671
289	SUDOESTE PARANAENS	0,561	0,528	33,4	18,839	10,651
290	CAMPOS DE GUARAPUA	0,785	0,843	60,0	63,835	14,843
291	MEDIO IGUACU	0,777	0,824	62,1	84,711	23,240
292	COLONIAL DE JOINVI	0,655	0,751	47,8	25,926	2,847
293	LITORAL DE ITAJAI	0,662	0,695	46,2	36,169	15,647
294	COLONIAL DE BLUMEN	0,629	0,703	42,3	23,269	12,241
295	COLONIAL DO ITAJAI	0,471	0,408	27,5	27,192	19,500
296	COLONIAL DO ALTO I	0,555	0,649	35,2	24,361	14,484
297	FLORIANOPOLIS	0,747	0,761	52,5	21,903	6,537
298	COLONIAL SERRANA C	0,600	0,567	35,4	36,572	21,293
299	LITORAL DE LAGUNA	0,714	0,772	52,7	13,727	4,344

Tabela 3.I. (Cont.)

Nº	Microrregião	Desigualdade			Area	
		Gini	Theil	5+	Média	Mediana
300	CARBONIFERA	0,518	0,417	25,1	24,106	15,698
301	LITORAL SUL CATARI	0,581	0,570	35,3	18,653	10,224
302	COLONIAL DO SUL CA	0,521	0,422	25,5	21,922	13,280
303	CAMPOS DE LAJES	0,710	0,656	41,8	150,236	48,746
304	CAMPOS DE CURITIBA	0,742	0,731	50,4	80,907	22,174
305	COLONIAL DO RIO DO	0,609	0,686	44,3	37,122	19,196
306	COLONIAL DO OESTE	0,565	0,702	37,6	20,183	11,691
307	PLANALTO DE CANOIN	0,705	0,729	50,0	54,186	20,632
308	PORTO ALEGRE	0,756	0,790	56,3	48,807	14,162
309	COL SERRA GERAL	0,495	0,422	26,4	15,568	11,264
310	LITORAL SETENTRION	0,712	0,750	52,2	26,831	9,548
311	VINICULTURA DE CAX	0,467	0,368	25,1	22,720	16,058
312	COLONIAL DO ALTO T	0,471	0,378	24,3	23,699	17,020
313	COLONIAL DO BAIXO	0,431	0,283	18,5	13,115	10,688
314	FUMICULTURA DE SAN	0,507	0,430	27,9	18,893	12,344
315	VALE DO JACUI	0,768	0,766	57,0	60,624	14,807
316	SANTA MARIA	0,716	0,721	50,7	52,833	17,787
317	LAGOA DOS PATOS	0,689	0,752	54,0	43,488	17,076
318	LITORAL ORIENTAL D	0,840	0,854	65,7	72,362	11,111
319	LAGOA MIRIM	0,766	0,735	50,0	219,606	51,164
320	ALTO CAMAQUA	0,721	0,676	45,2	102,537	29,952
321	CAMPANHA	0,764	0,710	45,5	286,237	60,639
322	TRITICULTURA DE CR	0,783	0,794	55,6	120,832	26,596
323	COLONIAL DAS MISSO	0,749	0,749	54,4	45,740	12,664
324	COLONIAL DE SANTA	0,437	0,315	20,8	14,452	11,364
325	COLONIAL DO IRAI	0,544	0,568	33,1	16,307	10,527
326	COLONIAL DE ERECHI	0,530	0,486	31,5	25,902	15,860
327	COLONIAL DE IJUI	0,643	0,655	43,9	34,587	15,974
328	PASSO FUNDO	0,753	0,763	56,8	42,579	12,044
329	COLONIAL DO ALTO J	0,516	0,432	28,6	36,003	23,790
330	SOLEDADE	0,681	0,651	44,4	35,057	12,845
331	CAMPOS DE VACARIA	0,723	0,675	44,0	120,267	33,845
332	NORTE MATO GROSSEN	0,919	0,932	81,4	949,499	55,138
333	ALTO GUAPORE-JAURU	0,935	0,956	87,1	300,289	14,293
334	ALTO PARAGUAI	0,924	0,940	82,8	307,332	12,363
335	BAIXADA CUIABANA	0,925	0,926	79,6	454,566	11,003
336	RONDONOPOLIS	0,888	0,880	69,6	286,969	13,902
337	GARCAS	0,790	0,747	49,3	577,643	109,008
338	PANTANAIS	0,860	0,822	56,4	2111,154	52,389
339	ALTO TAQUARI	0,775	0,731	48,9	938,920	217,070
340	PARANAIBA	0,760	0,722	47,7	466,798	121,608
341	BODOQUENA	0,747	0,682	42,6	804,109	210,667
342	PASTORIL DE CAMPO	0,755	0,714	47,0	898,001	237,879
343	TRES LAGOAS	0,810	0,790	53,7	1428,434	240,891
344	CAMPOS DE VACARIA	0,887	0,897	72,4	218,510	16,890

Tabela 3.I. (Cont.)

Nº	Microrregião	Desigualdade			Area	
		Gini	Theil	5+	Média	Mediana
345	EXTREMO NORTE GOIA	0,793	0,800	58,0	254,716	58,633
346	BAIXO ARAGUAIA GOI	0,688	0,683	46,3	389,530	135,142
347	TOCANTINA DE PEDRO	0,606	0,550	35,8	297,307	134,667
348	MEDIO TOCANTINS-AR	0,738	0,990	56,0	662,883	211,753
349	SERRA GERAL DE GOI	0,730	0,683	44,7	440,186	123,623
350	ALTO TOCANTINS	0,751	0,759	51,2	387,604	111,258
351	CHAPADA DOS VEADEI	0,800	0,834	60,1	293,174	51,281
352	VAO DO PARANA	0,812	0,806	59,5	298,280	47,042
353	RIO VERMELHO	0,750	0,741	50,5	454,167	124,301
354	MATO GROSSO DE GO	0,701	0,660	43,2	108,073	36,779
355	PLANALTO GOIANO	0,763	0,743	51,6	266,825	65,241
356	ALTO ARAGUAIA GOIA	0,752	0,701	45,7	570,435	139,832
357	SERRA DO CAIAPO	0,706	0,655	42,4	538,539	176,932
358	MEIA-PONTE	0,658	0,587	37,0	170,383	70,666
359	SUDESTE GOIANO	0,665	0,620	39,8	229,774	92,459
360	VERTENTE GOIANA DO	0,696	0,659	43,3	275,489	96,285
	DISTRITO FEDERAL	0,754	0,733	49,8	107,601	27,557

Fonte: Dados Básicos do Censo Agropecuário do Brasil de 1980.

Tabela 4.I: Porcentagem da mão de obra alocada na agricultura, no comércio e na prestação de serviços, e porcentagem de mulheres na PEA em 332 Microrregiões. Brasil, 1980.

Nº	Microrregião	% da mão de obra			% de
		Agricultura	Comércio	Serviços	Mulheres
029	GURUPI	86,15	3,33	2,55	16,51
030	BAIXADA	82,59	3,25	2,97	24,70
031	SAO LUIS	9,83	14,53	23,67	33,77
032	BAIXADA	76,54	3,01	3,68	26,33
033	BAIXO PA	79,15	2,53	3,01	23,73
034	PINDARE	78,38	5,21	4,46	16,60
035	MEARIM	77,38	5,19	5,63	23,35
036	ITAPECUR	73,91	5,38	6,27	30,23
037	ALTO MON	86,33	3,43	2,95	35,02
038	IMPERATR	53,63	9,45	10,71	14,63
039	ALTO MEA	82,49	3,59	3,99	13,44
040	MEDIO ME	84,72	2,67	3,92	26,58
041	ALTO ITA	87,10	2,47	3,51	32,52
042	CHAPADAS	71,17	4,59	8,15	12,64
043	BAIXO BA	80,97	2,36	3,82	14,92
044	PASTOS B	77,37	3,45	5,75	22,02
045	BAIXO PA	56,92	7,48	12,17	22,93
046	CAMPO MA	69,55	4,36	7,29	18,50
047	TERESINA	31,18	10,42	17,06	31,97
048	MEDIO PA	78,22	2,63	4,58	18,49
049	VALENCA	76,07	3,23	5,77	14,46
050	FLORIANO	57,14	6,64	10,86	22,20
051	BAIXOES	75,82	3,58	5,23	19,62
052	ALTO PAR	75,95	2,40	5,36	14,67
053	MEDIO GU	71,98	2,54	5,81	16,98
054	ALTOS PI	83,08	2,21	3,82	17,85
055	CHAPADAS	77,25	2,57	4,74	12,24
056	LITORAL	65,27	5,21	8,56	19,29
057	BAIXO ME	55,43	4,32	6,18	34,32
058	URUBURET	64,07	5,06	9,74	17,76
059	FORTALEZ	6,06	15,27	25,99	37,24
060	LITORAL	45,58	5,82	9,65	30,48
061	BAIXO JA	51,55	5,71	8,50	26,25
062	IPIAPABA	74,15	5,26	6,06	13,43
063	SOBRAL	43,47	7,35	10,10	32,49
064	SERTOES	71,80	5,18	8,69	14,04
065	SERRA DE	66,99	5,21	8,65	18,32
066	IPIAPABA	75,58	4,33	6,57	14,87
067	SERTOES	70,19	5,63	7,25	14,02
068	SERTOES	72,62	4,93	7,59	16,90

Tabela 4.I: (Cont.)

Nº	Microrregião	% da mão de obra			% de Mulheres
		Agricultura	Comércio	Serviços	
069	SERTOES	79,85	3,35	5,22	11,93
070	MEDIO JA	61,15	4,18	8,43	26,56
071	SERRA DO	83,14	3,20	4,85	12,61
072	SERTAO D	80,84	3,97	4,60	10,32
073	IGUATU	67,04	3,00	8,34	18,30
074	SERTAO D	71,95	4,71	6,05	13,72
075	SERRANA	80,35	2,58	5,03	17,88
076	SERTAO D	76,33	4,00	5,51	16,65
077	CHAPADA	80,60	3,20	4,66	17,94
078	CARIRI	31,99	13,97	16,66	29,47
079	SALINEIR	23,01	12,61	15,43	26,36
080	LITORAL	73,39	4,22	4,00	20,28
081	ACU E AP	60,53	5,27	7,88	17,14
082	SERTAO D	68,12	4,68	5,20	15,84
083	SERRA VE	68,14	5,02	5,26	17,51
084	NATAL	15,79	12,88	18,89	32,87
085	SERRANA	71,00	4,55	5,35	15,85
086	SERIDO	45,99	6,31	11,73	22,24
087	BORBOREM	72,35	3,47	5,21	18,98
088	AGRESTE	71,03	4,87	5,73	19,88
089	CATOLE D	56,57	5,13	5,74	24,39
090	SERIDO P	63,75	3,80	4,32	13,88
091	CURIMATA	78,02	3,36	4,05	18,34
092	PIEMONTE	65,38	6,16	7,31	23,75
093	LITORAL	19,76	11,74	18,16	32,01
094	SERTAO D	69,19	4,88	6,92	14,45
095	DEPRESSA	56,73	7,83	9,60	17,85
096	CARIRIS	72,82	3,48	5,20	20,06
097	AGRESTE	35,05	12,42	15,48	28,53
098	BREJO PA	69,29	3,59	5,56	17,73
099	AGROPAST	65,54	7,14	6,95	21,95
100	SERRA DO	84,00	2,32	3,69	13,65
101	ARARIPIN	78,97	3,47	4,57	21,68
102	SALGUEIR	68,35	5,05	6,66	18,65
103	SERTAO P	55,25	7,42	10,52	26,70
104	ALTO PAJ	73,20	4,86	6,54	24,19
105	SERTAO D	73,36	3,80	4,75	22,06
106	ARCO VER	71,23	5,91	6,91	26,24
107	AGRESTE	63,47	6,76	7,19	25,21
108	VALE DO	45,48	10,57	12,65	29,83
109	AGRESTE	72,93	5,71	5,99	28,67
110	MATA SEC	48,39	8,11	10,22	18,68
111	RECIFE	3,44	15,48	25,11	34,17
112	MATA UMI	56,56	7,60	8,06	23,67

Tabela 4.I: (Cont.)

Nº	Microrregião	% da mão de obra			% de Mulheres
		Agricultura	Comércio	Serviços	
113	SERTAO A	72,89	3,31	3,89	22,02
114	BATALHA	78,54	3,15	4,87	22,27
115	PALMEIRA	65,81	7,07	7,11	19,47
116	MATA ALA	70,04	3,92	5,42	22,26
117	LITORAL	66,99	4,84	5,00	16,60
118	ARAPIRAC	71,82	5,83	5,57	24,00
119	TABOLEIR	59,47	3,90	5,99	19,08
120	MACEIO	10,76	13,35	23,09	34,91
121	PENEDO	60,61	5,35	9,58	27,05
123	SERTAO S	81,31	2,57	4,67	19,71
124	PROPRIA	56,18	5,33	9,10	29,48
125	NOSSA SE	70,51	4,56	5,87	22,38
126	COTINGUI	45,71	4,49	8,78	18,97
127	AGRESTE	63,83	8,39	6,31	28,53
128	AGRESTE	61,00	6,89	9,25	22,69
129	LITORAL	11,54	12,73	20,07	34,47
130	SERTAO D	58,97	6,29	17,90	25,68
131	CHAPADOE	73,02	3,92	6,87	14,27
132	CHAPADOE	76,88	3,16	5,83	14,51
133	BAIXO-ME	79,51	3,44	4,64	15,03
134	MEDIO SA	78,61	3,25	5,24	17,89
135	CHAPADA	77,79	4,77	5,29	13,26
136	CHAPADA	82,12	2,25	3,94	22,55
137	SERRA GE	76,78	3,04	5,24	19,56
138	SENHOR D	60,37	6,54	7,45	19,25
139	PIEMONTE	66,63	5,84	8,52	20,25
140	CORREDEI	42,56	8,39	11,58	18,91
141	SERTAO D	75,46	3,00	5,43	18,59
142	SERRINHA	66,40	4,57	7,70	23,88
143	FEIRA DE	49,31	9,94	12,71	30,00
144	JEQUIE	61,23	7,16	10,85	25,18
145	PLANALTO	57,56	9,22	11,46	24,03
146	PASTORIL	52,35	7,23	15,03	20,17
147	SERTAO D	55,29	5,71	8,61	21,20
148	AGRESTE	63,82	5,29	8,46	22,79
149	LITORAL	64,41	4,57	8,82	19,12
150	SALVADOR	2,54	13,34	25,22	34,39
151	RECONCAV	42,52	8,17	10,88	26,82
152	TABULEIR	71,79	4,91	6,61	20,95
153	ENCOSTA	71,82	5,19	6,85	15,88
154	CACAUEIR	53,07	9,68	13,07	22,23
155	INTERIOR	64,09	7,81	9,85	15,79
156	LITORANE	49,39	8,96	12,50	16,41
157	SANFRANC	71,82	3,75	8,10	16,75

Tabela 4.I: (Cont.)

Nº	Microrregião	% da mão de obra			% de
		Agricultura	Comércio	Serviços	Mulheres
158	SERRA GE	78,92	3,38	5,93	27,00
159	ALTO RIO	78,52	2,54	5,94	19,52
160	CHAPADOE	61,60	5,23	12,41	15,56
161	ALTO MED	45,42	6,71	12,36	20,58
162	MONTES C	47,35	7,43	14,71	21,92
163	MINERADO	82,48	1,72	4,50	21,56
164	PASTORIL	63,47	4,30	10,64	19,96
165	PASTORIL	63,13	5,07	14,17	17,93
166	MEDIO RI	42,15	7,47	15,96	22,15
167	MINERADO	64,56	3,16	9,02	19,49
168	TEOFILO	48,75	8,52	16,63	23,23
169	PASTORIL	50,76	7,57	15,90	21,96
170	UBERLAND	20,76	13,70	23,38	27,77
171	ALTO PAR	42,72	7,29	15,00	22,43
172	MATA DA	43,77	8,30	19,58	23,75
173	TRES MAR	50,55	6,41	13,90	20,43
174	BACIA DO	65,08	3,71	10,99	18,45
175	GOVERNAD	26,06	12,12	21,71	26,28
176	MANTENA	64,41	6,21	10,73	14,85
177	PONTAL D	52,28	6,55	15,77	17,62
178	UBERABA	19,29	11,27	23,27	26,52
179	PLANALTO	36,73	6,73	17,63	22,77
180	ALTO SAO	40,71	6,64	15,43	23,88
181	CALCARIO	26,89	8,10	18,42	25,24
182	BELO HOR	1,88	12,04	25,52	34,14
183	SIDERURG	16,49	8,26	16,80	23,50
184	MATA DE	53,97	7,04	12,57	15,78
185	BACIA DO	60,18	5,16	10,14	14,49
186	DIVINOPO	15,24	10,20	17,08	26,74
187	ESPINHAC	23,21	6,22	13,88	21,32
188	MATA DE	55,42	6,37	12,97	22,65
189	VERTENTE	62,38	5,60	10,05	16,10
190	FURNAS	43,85	7,61	15,07	23,53
191	FORMIGA	45,05	6,25	15,09	22,14
192	MATA DE	58,53	3,93	11,38	19,15
193	MATA DO	39,66	8,37	19,64	24,56
194	MOGIANA	56,25	7,30	11,98	21,52
195	CAMPOS D	28,22	6,68	16,64	22,57
196	MATA DE	37,85	8,25	15,47	23,63
197	PLANALTO	31,98	8,38	16,46	22,81
198	PLANALTO	39,84	7,52	16,27	24,18
199	ALTO DO	36,96	6,12	14,79	19,41
200	JUIZ DE	15,53	9,53	20,84	30,22
201	MATA DE	28,62	8,41	19,62	27,00
202	ALTA MAN	43,82	6,25	14,25	22,25
203	ALTO SAO	65,57	5,22	8,64	15,48

Tabela 4.I: (Cont.)

Nº	Microrregião	% da mão de obra			% de
		Agricultura	Comércio	Serviços	Mulheres
204	COLATINA	55,50	6,53	10,48	18,54
205	BAIXADA	49,39	7,68	12,69	18,80
206	COLONIAL	68,94	3,79	7,12	20,65
207	VITORIA	2,84	12,91	24,10	31,38
208	VERTENTE	69,24	4,68	7,91	14,46
209	CACHOEIR	36,37	8,36	16,68	24,04
210	LITORAL	42,69	7,90	15,42	20,80
211	ITAPERUN	35,53	7,85	19,38	26,18
212	MIRACEMA	40,44	7,18	17,15	25,03
213	ACUCAREI	27,30	10,30	18,17	24,93
214	CANTAGAL	47,27	5,30	12,40	22,07
215	TRES RIO	13,16	9,81	19,98	26,91
216	CORDEIRO	51,13	5,19	11,42	18,81
217	VALE DO	5,42	9,70	19,38	26,74
218	SERRANA	7,47	10,19	27,16	32,36
219	VASSOURA	18,49	6,72	2,46	24,52
220	BACIAS D	35,47	7,54	16,71	21,00
221	FLUMINEN	2,01	12,78	2,68	29,41
222	CABO FRI	14,57	9,90	25,07	24,12
223	BAIA DA	17,07	6,89	19,71	18,94
224	RIO DE J	0,44	12,04	26,72	35,31
225	ALTO ARA	46,98	9,89	13,88	21,00
226	ALTO ARA	38,68	9,43	15,22	23,59
227	DIVISOR	41,12	8,18	17,27	24,42
228	BARRETOS	29,31	11,49	22,23	28,56
229	ALTO MOG	36,41	8,61	17,69	26,19
230	PLANALTO	18,40	8,68	11,93	31,24
231	ALTA NOR	26,75	10,43	19,59	27,21
232	MEDIO SA	61,28	6,03	9,84	16,90
233	DIVISOR	51,35	6,39	11,61	20,24
234	SAO JOSE	21,40	13,41	19,83	28,56
235	MEDIA AR	48,47	8,65	12,91	26,22
236	SERRA DE	38,91	9,27	13,66	26,32
237	RIBEIRAO	17,00	13,27	19,65	30,33
238	SERRA DE	43,56	6,53	14,85	24,27
239	NOVA ALT	52,27	8,48	12,15	23,85
240	ALTA NOR	35,40	7,50	12,88	25,41
241	BAURU	27,54	10,73	17,18	29,66
242	ARARAQUA	24,09	8,67	14,68	29,80
243	DEPRESSA	26,91	8,78	12,36	27,76
244	ENCOSTA	36,26	8,86	14,03	25,35
245	ALTA PAU	35,35	10,56	16,03	30,31
246	JAU	31,07	7,33	14,29	29,05
247	RIO CLAR	18,14	10,82	18,34	29,04
248	CAMPINAS	8,69	10,75	16,98	30,43

Tabela 4.I: (Cont.)

Nº	Microrregião	% da mão de obra			% de Mulheres
		Agricultura	Comércio	Serviços	
249	ESTANCIA	23,86	8,30	14,30	28,17
250	ALTO SOR	31,47	10,59	17,36	25,68
251	ALTA SOR	37,69	9,76	16,89	23,95
252	OURINHOS	38,47	9,72	15,73	25,28
253	SERRA DE	35,92	8,11	15,66	27,34
254	ACUCAREI	12,43	9,48	15,90	29,43
255	TATUI	24,68	8,16	15,63	27,94
256	SOROCABA	9,10	9,46	14,94	29,65
257	JUNDIAI	8,14	8,73	13,70	28,89
258	BRAGANCA	24,99	8,59	17,05	27,32
259	VALE DO	6,71	10,43	18,13	28,19
260	CAMPOS D	43,26	8,61	14,28	21,62
261	PARANAPI	60,91	5,23	9,36	20,20
262	GRANDE S	0,78	11,61	20,82	32,74
263	ALTO PAR	55,60	3,74	12,31	15,97
264	APIAI	58,22	4,73	7,65	15,87
265	BAIXADA	40,15	7,66	13,31	17,65
266	BAIXADA	2,22	12,20	30,32	28,59
267	COSTA NO	8,84	8,88	29,82	25,27
268	CURITIBA	6,05	12,57	21,66	31,90
269	LITORAL	16,41	9,44	25,55	24,75
270	ALTO REB	78,19	2,19	2,85	16,18
271	ALTO RIO	77,80	2,88	2,53	18,40
272	CAMPOS D	44,03	7,24	10,78	23,32
273	CAMPOS D	19,93	11,78	17,49	24,43
274	CAMPOS D	59,29	4,75	8,91	18,18
275	SAO MATE	61,65	4,78	7,42	16,23
276	COLONIAL	59,02	5,96	8,21	19,86
277	ALTO IVA	86,34	2,04	3,53	16,95
278	NORTE VE	70,66	5,50	7,13	18,24
279	NORTE VE	52,86	7,79	13,02	25,38
280	ALGODOEI	65,59	5,84	9,22	24,53
281	NORTE NO	32,24	11,61	18,24	27,92
282	NORTE NO	27,06	15,73	19,15	26,65
283	NORTE NO	52,91	8,14	13,50	22,37
284	NORTE NO	61,91	7,89	10,43	22,78
285	NORTE NO	63,72	7,58	9,84	19,77
286	CAMPO MO	64,61	7,91	10,03	20,48
287	PITANGA	82,60	3,49	4,13	19,64
288	EXTREMO	46,96	10,66	13,93	21,45
289	SULDOEST	65,30	6,25	8,62	22,52
290	CAMPOS D	44,98	8,06	12,34	20,25
291	MEDIO IG	36,49	6,56	11,63	21,00
292	COLONIAL	9,03	9,13	12,31	31,24
293	LITORAL	12,15	13,67	21,10	26,32

Tabela 4.I: (Cont.)

Nº	Microrregião	% da mão de obra			% de Mulheres
		Agricultura	Comércio	Serviços	
294	COLONIAL	13,28	8,54	11,85	35,07
295	COLONIAL	52,00	4,78	6,48	26,01
296	COLONIAL	52,09	6,78	9,04	25,74
297	FLORIANO	8,90	11,51	19,55	32,12
298	COLONIAL	57,09	3,17	7,59	22,64
299	LITORAL	25,03	9,39	18,33	24,60
300	CARBONIF	22,23	9,23	12,86	28,28
301	LITORAL	35,10	9,04	12,70	21,83
302	LITORAL	64,44	4,61	6,18	22,99
303	CAMPOS D	22,75	10,81	15,25	22,10
304	CAMPOS D	49,49	6,15	8,98	15,51
305	COLONIAL	43,06	6,60	9,98	22,08
306	COLONIAL	62,19	6,14	8,55	21,89
307	PLANALTO	31,69	6,92	9,88	24,34
308	PORTO AL	1,91	13,06	20,80	36,60
309	COLONIAL	28,65	6,99	10,90	32,23
310	LITORAL	35,45	8,70	15,69	22,24
311	VINUCULT	17,05	8,33	13,45	33,61
312	COLONIAL	64,26	3,76	6,44	32,91
313	COLONIAL	49,55	7,03	9,57	36,13
314	FUMICULT	57,28	5,19	7,78	37,38
315	VALE DO	33,72	8,31	15,68	25,66
316	SANTA MA	25,94	11,27	19,14	28,68
317	LAGOA DO	35,06	9,54	15,13	31,18
318	LITORAL	25,74	9,48	19,03	28,95
319	LAGOA MI	38,80	10,56	18,68	23,02
320	ALTO CAM	50,27	6,66	13,12	19,06
321	CAMPANHA	24,31	14,19	20,75	26,99
322	TRITICUL	36,82	11,00	17,96	23,41
323	COLONIAL	44,74	10,18	15,72	24,24
324	COLONIAL	61,11	7,03	10,14	26,60
325	COLONIAL	72,05	4,77	7,29	26,20
326	COLONIAL	58,97	6,46	9,97	24,73
327	COLONIAL	34,84	11,72	16,47	24,67
328	PASSO FU	31,00	12,50	19,49	29,22
329	COLONIAL	45,22	10,52	15,86	24,00
330	SOLEDADE	61,97	5,85	9,99	22,39
331	CAMPOS D	38,50	7,58	14,96	23,59
332	NORTE MA	58,58	6,88	10,22	12,30
333	ALTO GUA	63,97	6,74	9,04	10,03
334	ALTO PAR	55,64	5,27	8,92	10,87
335	BAIXADA	19,42	11,63	18,87	25,69
336	RONDONOP	40,11	10,78	14,67	17,66
337	GARCAS	49,07	5,32	9,90	14,76

Tabela 4.I: (Cont.)

Nº	Microrregião	% da mão de obra			% de Mulheres
		Agricultura	Comércio	Serviços	
338	PANTANAI	33,41	8,95	18,79	22,07
339	ALTO TAQ	55,45	7,36	14,28	13,89
340	PARANAIB	46,17	7,51	18,27	18,62
341	BODOQUEN	44,51	6,94	17,30	18,66
342	PASTORIL	18,29	13,16	23,39	27,70
343	TRES LAG	35,23	8,41	19,80	22,15
344	CAMPOS D	44,45	8,80	14,99	17,64
345	EXTREMO	64,39	5,70	10,37	17,28
346	BAIXO AR	73,21	4,76	7,45	9,51
347	TOCANTIN	80,69	1,61	5,43	10,36
348	MEDIO TO	56,27	6,40	13,22	15,78
349	SERRA GE	72,15	3,38	7,81	11,71
350	ALTO TOC	54,05	6,83	13,75	15,38
351	CHAPADA	68,25	3,19	5,73	8,55
352	VAO DO P	70,24	4,83	8,52	11,72
353	RIO VERM	56,69	5,99	14,48	14,88
354	MATA GRO	21,00	13,10	23,91	28,08
355	PLANALTO	42,14	6,80	17,73	18,03
356	ALTO ARA	53,37	6,82	15,22	15,93
357	SERRA DO	44,34	9,27	19,60	21,48
358	MEIA-PON	43,41	7,19	17,15	18,49
359	SUDESTE	43,51	6,12	16,43	20,49
360	VERTENTE	41,64	10,06	19,19	19,58
	DISTRITO	2,36	11,41	27,66	35,62

Fonte: Dados Básicos do Censo Demográfico do Brasil(1980).

Tabela 5.I: Número de famílias, superfície e densidade demográfica de famílias em 332 Microrregiões. Brasil, 1980.

Nº	Microrregião	Nº Famílias	Superf. km^2	Dens.Demográfica famílias/km^2
029	GURUPI	22885	27403	0,835
030	BAIXADA OCIDENT	109782	24470	4,486
031	SAO LUIS	104038	1637	63,554
032	BAIXADA ORIENTA	22046	10758	2,049
033	BAIXO PARNAIBA	44036	14251	3,090
034	PINDARE	79925	33362	2,396
035	MEARIM	79285	10323	7,680
036	ITAPECURU	123968	30374	4,081
037	ALTO MONIM	30528	9593	3,182
038	IMPERATRIZ	63230	30395	2,080
039	ALTO MEARIM E G	28062	33428	0,839
040	MEDIO MEARIM	37569	9688	3,878
041	ALTO ITAPECURU	17454	7821	2,232
042	CHAPADAS DO SUL	20088	47017	0,427
043	BAIXO BALSAS	7565	24762	0,306
044	PASTOS BONS	22105	19334	1,143
045	BAIXO PARNAIBA	50109	8922	5,616
046	CAMPO MAIOR	68630	35359	1,941
047	TERESINA	104215	10779	9,668
048	MEDIO PARNAIBA	21921	7716	2,841
049	VALENCA DO PIAI	18098	13718	1,319
050	FLORIANO	25461	29370	0,867
051	BAIXOES AGRICOL	54529	22207	2,455
052	ALTO PARNAIBA P	5576	26534	0,210
053	MEDIO GURGUEIA	6971	16388	0,425
054	ALTOS PIAUI E C	38998	51838	0,752
055	CHAPADAS DO EXT	14428	27743	0,520
056	LITORAL DO CAMO	39783	8620	4,615
057	BAIXO MEDIO ACA	9616	2440	3,941
058	URUBURETAMA	61738	10717	5,761
059	FORTALEZA	329917	3483	94,722
060	LITORAL DOS PAC	26155	3172	8,246
061	BAIXO JAGUARIBE	58975	11943	4,938
062	IPIAPABA	38593	4786	8,064
063	SOBRAL	59788	7177	8,331
064	SERTOES DO CANI	27972	9666	2,894
065	SERRA DE BATURI	34488	3822	9,024
066	IPIAPABA MERIDI	16848	3418	4,929
067	SERTOES DE CRAT	32607	11066	2,947
068	SERTOES DE QUIX	44140	13050	3,382
069	SERTOES DE SENA	31897	7768	4,106

Tabela 5.I: (Cont.)

Nº	Microrregião	Nº Famílias	Superf. km^2	Dens.Demográfica famílias/km^2
070	MEDIO JAGUARIBE	10643	4535	2,347
071	SERRA DO PEREIR	7869	2060	3,820
072	SERTAO DOS INHA	23105	11742	1,968
073	IGUATU	39757	6021	6,603
074	SERTAO DO SALGA	25938	4429	5,856
075	SERRANA DE QUIR	23007	3822	6,020
076	SERTAO DO CARIR	30737	5026	6,116
077	CHAPADA DO ARAR	15782	5153	3,063
078	CARIRI	62272	2901	21,466
079	SALINEIRA NORTE	47993	6334	7,577
080	LITORAL DE SAO	6922	2113	3,276
081	ACU E APODI	30689	9829	3,122
082	SERTAO DE ANGIC	9460	4256	2,223
083	SERRA VERDE	15184	4382	3,465
084	NATAL	143031	3996	35,794
085	SERRANA NORTE-R	39518	5120	7,718
086	SERIDO	43432	9372	4,634
087	BORBOREMA POTIG	22994	4104	5,603
088	AGRESTE POTIGUA	34449	3509	9,817
089	CATOLE DO ROCHA	18093	2959	6,115
090	SERIDO PARAIBAN	11950	2669	4,477
091	CURIMATAU	20822	2755	7,558
092	PIEMONTE DA BOR	46960	2345	20,026
093	LITORAL PARAIBA	137493	4316	31,857
094	SERTAO DE CAJAZ	40089	5567	7,201
095	DEPRESSAO DO AL	76099	12409	6,133
096	CARIRIS VELHOS	49059	13845	3,543
097	AGRESTE DA BORB	89661	3661	24,491
098	BREJO PARAIBANO	24510	1105	22,181
099	AGROPASTORIL DO	32936	1698	19,397
100	SERRA DO TEIXEI	20080	3043	6,599
101	ARARIPINA	41182	11792	3,492
102	SALGUEIRO	25572	9100	2,810
103	SERTAO PERNAMBU	49488	23274	2,126
104	ALTO PAJEU	57689	8633	6,682
105	SERTAO DO MOXOT	25021	9804	2,552
106	ARCO VERDE	40817	5582	7,312
107	AGRESTE SETENTR	87151	3441	25,327
108	VALE DO IPOJUCA	134520	8117	16,573
109	AGRESTE MERIDIO	123755	7574	16,339
110	MATA SECA PERNA	105795	3706	28,547
111	RECIFE	495888	1649	300,720
112	MATA UMIDA PERN	123110	5609	21,949

Tabela 5.I: (Cont.)

Nº	Microrregião	Nº Famílias	Superf. km^2	Dens.Demográfica famílias/km^2
113	SERTAO ALAGOANO	23789	4024	5,912
114	BATALHA	40395	4836	8,353
115	PALMEIRA DOS IN	33149	2561	12,944
116	MATA ALAGOANA	68912	5138	13,412
117	LITORAL NORTE A	24139	1823	13,241
118	ARAPIRACA	67795	3722	18,215
119	TABOLEIROS DE S	25455	2241	11,359
120	MACEIO	108529	1366	79,450
121	PENEDO	18413	1941	9,486
123	SERTAO SERGIPAN	16533	4715	3,506
124	PROPRIA	16627	1451	11,459
125	NOSSA SENHOPRA	26733	4261	6,274
126	COTINGUIBA	20552	2072	9,919
127	AGRESTE DE ITAB	20939	1175	17,820
128	AGRESTE DE LAGA	36500	3358	10,870
129	LITORAL SUL SER	90690	2984	30,392
130	SERTAO DO RIO R	13247	1978	6,697
131	CHAPADOES DO AL	36390	72676	0,501
132	CHAPADOES DO RI	29672	40307	0,736
133	BAIXO-MEDIO SAO	50555	74873	0,675
134	MEDIO SAO FRANC	24696	18232	1,355
135	CHAPADA DIAMANT	54106	21963	2,464
136	CHAPADA DIAMANT	86047	45891	1,875
137	SERRA GERAL DA	90428	35091	2,577
138	SENHOR DO BONFI	44537	18306	2,433
139	PIEMONTE DA DIA	77383	22837	3,388
140	CORREDEIRAS DO	33443	22631	1,478
141	SERTAO DE CANUD	49441	21823	2,266
142	SERRINHA	57992	10872	5,334
143	FEIRA DE SANTAN	131659	14809	8,890
144	JEQUIE	81642	15557	5,248
145	PLANALTO DA CON	77160	17045	4,527
146	PASTORIL DE ITA	26562	10251	2,591
147	SERTAO DE PAULO	29820	10954	2,722
148	AGRESTE DE ALAG	90637	12755	7,106
149	LITORAL NORTE B	15547	5013	3,101
150	SALVADOR	389788	3377	115,424
151	RECONCAVO BAIAN	113384	6497	17,452
152	TABULEIROS DE V	40524	6245	6,489
153	ENCOSTA DO PLAN	33360	7964	4,189
154	CACAUEIRA	174167	17091	10,191
155	INTERIORANA DO	33696	9440	3,569
156	LITORANEA DO EX	46944	17421	2,695
157	SANFRANCISCANA	37464	33829	1,107

Tabela 5.I: (Cont.)

Nº	Microrregião	Nº Famílias	Superf. km^2	Dens.Demográfica famílias/km^2
158	SERRA GERAL DE	28173	11134	2,530
159	ALTO RIO PARDO	30973	18155	1,706
160	CHAPADOES DO PA	53634	59933	0,895
161	ALTO MEDIO SAO	13392	14277	0,938
162	MONTES CLAROS	94946	34678	2,738
163	MINERADORA DO A	7803	9338	0,836
164	PASTORIL DE PED	43201	14786	2,922
165	PASTORIL DE ALM	31719	15330	2,069
166	MEDIO RIO DAS V	29323	17879	1,640
167	MINERADORA DE D	46966	20842	2,253
168	TEOFILO OTONI	46184	9800	4,713
169	PASTORIL DE NAN	31733	10331	3,072
170	UBERLANDIA	117639	21804	5,395
171	ALTO PARNAIBA	28625	12890	2,221
172	MATA DA CORDA	41854	14049	2,979
173	TRES MARIAS	20393	12423	1,642
174	BACIA DO SUACUI	60083	14426	4,165
175	GOVERNADOR VALA	63244	8482	7,456
176	MANTENA	15227	2338	6,513
177	PONTAL DO TRIAN	36634	21559	1,699
178	UBERABA	53679	9397	5,712
179	PLANALTO DE ARA	30211	14542	2,077
180	ALTO SAO FRANCI	59791	17607	3,396
181	CALCARIOS DE SE	40417	8240	4,905
182	BELO HORIZONTE	574118	5599	102,539
183	SIDERURGICA	122254	12304	9,936
184	MATA DE CARATIN	49738	5935	8,380
185	BACIA DO MUNHUA	44062	10764	4,093
186	DIVINOPOLIS	61659	3953	15,598
187	ESPINHACO MERID	69195	8407	8,231
188	MATA DE PONTE N	43075	5466	7,881
189	VERTENTE OCIDEN	44969	5208	8,635
190	FURNAS	112481	13738	8,188
191	FORMIGA	68927	10897	6,325
192	MATA DE VICOSA	40088	5331	7,520
193	MATA DO MURIAE	39373	3833	10,272
194	MOGIANA MINEIRA	50287	6721	7,482
195	CAMPOS DA MANTI	67937	8999	7,549
196	MATA DE UBA	41345	3466	11,929
197	PLANALTO DE POC	42261	3563	11,861
198	PLANALTO MINEIR	98286	10980	8,951
199	ALTO DO RIO GRA	40741	9986	4,080
200	JUIZ DE FORA	113578	8806	12,898
201	MATA DE CATAGUA	40185	3948	10,179
202	ALTA MANTIQUEIR	56029	6613	8,473
203	ALTO SAO MATEUS	12056	3670	3,285

Tabela 5.I: (Cont.)

Nº	Microrregião	Nº Famílias	Superf. km^2	Dens.Demográfica famílias/km^2
204	COLATINA	69057	9575	7,212
205	BAIXADA ESPIRIT	55295	12161	4,547
206	COLONIAL SERRAN	38225	7657	4,992
207	VITORIA	160103	1461	109,585
208	VERTENTE ORIENT	20513	2893	7,091
209	CACHOEIRA DE IT	57513	5451	10,551
210	LITORAL SUL ESP	25348	2729	9,288
211	ITAPERUNA	29566	2900	10,195
212	MIRACEMA	18018	1865	9,661
213	ACUCAREIRA DE C	118580	9446	12,553
214	CANTAGALO	16555	2268	7,299
215	TRES RIOS	26857	1619	16,589
216	CORDEIRO	14464	2551	5,670
217	VALE DO PARAIBA	129381	4829	26,793
218	SERRANA FLUMINE	117204	2938	39,892
219	VASSOURAS E BAR	29748	2719	10,941
220	BACIAS DO SAO J	26086	3166	8,239
221	FLUMINENSE DO G	900553	4213	213,756
222	CABO FRIO	42994	1812	23,727
223	BAIA DA ILHA GR	17535	1736	10,101
224	RIO DE JANEIRO	1383695	1171	1181,635
225	ALTO ARARAQUARE	52646	6616	7,957
226	ALTO ARARAQUARE	23100	2655	8,701
227	DIVISOR TURVO-G	15459	3804	4,064
228	BARRETOS	28868	4102	7,038
229	ALTO MOGIANA	39338	5321	7,393
230	PLANALTO DE FRA	47043	3411	13,792
231	ALTA NOROESTE D	75915	12019	6,316
232	MEDIO SAO JOSE	9344	2375	3,934
233	DIVISOR SAO JO	21553	3935	5,477
234	SAO JOSE DO RIO	80644	5253	15,352
235	MEDIA ARARAQUAR	50827	4709	10,794
236	SERRA DE JABOTI	63147	4766	13,249
237	RIBEIRAO PRETO	126877	6123	20,721
238	SERRA DE BATATA	21624	3711	5,827
239	NOVA ALTA PAULI	60782	6671	9,111
240	ALTA NOROESTE D	38534	4576	8,421
241	BAURU	107921	12007	8,988
242	ARARAQUARA	110731	9191	12,048
243	DEPRESSAO PERIF	75518	5151	14,661
244	ENCOSTA OCIDENT	61419	3922	15,660
245	ALTA PAULISTA	74402	6817	10,914
246	JAU	50205	3963	12,668
247	RIO CLARO	40473	4116	9,833
248	CAMPINAS	334323	4681	71,421

Tabela 5.I: (Cont.)

Nº	Microrregião	Nº Famílias	Superf. km^2	Dens.Demográfica famílias/km^2
249	ESTANCIAS HIDRO	41995	1975	21,263
250	ALTO SOROCABANA	95532	18030	5,299
251	ALTA SOROCABANA	42345	6983	6,064
252	OURINHOS	48144	5548	8,678
253	SERRA DE BOTUCA	58826	10846	5,424
254	ACUCAREIRA DE P	86231	2891	29,827
255	TATUI	33420	2725	12,264
256	SOROCABA	144190	4235	34,047
257	JUNDIAI	94704	1397	67,791
258	BRAGANCA PAULIS	46037	2734	16,839
259	VALE DO PARAIBA	239882	7742	30,985
260	CAMPOS DE ITAPE	63165	10609	5,954
261	PARANAPIACABA	39528	7233	5,465
262	GRANDE SAO PAUL	3120670	7951	392,488
263	ALTO PARAIBA	19017	6447	2,950
264	APIAI	9316	4596	2,027
265	BAIXADA DO RIBE	36188	10197	3,549
266	BAIXADA SANTIST	246368	3294	74,793
267	COSTA NORTE PAU	20575	1992	10,329
268	CURITIBA	344425	8763	39,304
269	LITORAL PARANAE	31636	5851	5,407
270	ALTO REBEIRA	6692	3485	1,920
271	ALTO RIO NEGRO	6843	1595	4,290
272	CAMPOS DE LAPA	19577	4752	4,120
273	CAMPOS DE PONTA	77670	11592	6,700
274	CAMPOS DE JAGUA	10377	4354	2,383
275	SAO MATEUS DO S	9862	2458	4,012
276	COLONIAL DO IRA	32796	7655	4,284
277	ALTO IVAI	22987	7384	3,113
278	NORTE VELHO DE	40955	6210	6,595
279	NORTE VELHO DE	67307	7406	9,088
280	ALGODOEIRA DE A	18286	2174	8,411
281	NORTE NOVO DE L	159874	10175	15,712
282	NORTE NOVO DE M	72071	3722	19,364
283	NORTE NOVISSIMO	61677	9930	6,211
284	NORTE NOVO DE A	79647	7286	10,932
285	NORTE NOVISSIMO	102227	13692	7,466
286	CAMPO MOURAO	83573	12218	6,840
287	PITANGA	26449	6771	3,906
288	EXTREMO OESTE P	198046	23128	8,563
289	SULDOESTE PARAN	104480	11622	8,990
290	CAMPOS DE GUARA	61485	16231	3,788
291	MEDIO IGUACU	33709	10606	3,178
292	COLONIAL DE JOI	82737	4595	18,006
293	LITORAL DE ITAJ	38901	1144	34,004

Tabela 5.I: (Cont.)

Nº	Microrregião	Nº Famílias	Superf. km^2	Dens.Demográfica famílias/km^2
294	COLONIAL DE BLU	85098	5728	14,856
295	COLONIAL DO ITA	8843	1670	5,295
296	COLONIAL DO ALT	32481	4466	7,273
297	FLORIANOPOLIS	90125	2775	32,477
298	COLONIAL SERRAN	15024	4461	3,368
299	LITORAL DE LAGU	19480	957	20,355
300	CARBONIFERA	70410	4353	16,175
301	LITORAL SUL CAT	22675	1895	11,966
302	LITORAL DO SUL	11760	2204	5,336
303	CAMPOS DE LAGES	44458	12603	3,528
304	CAMPOS DE CURIT	31379	11238	2,792
305	COLONIAL DO RIO	70823	11217	6,314
306	COLONIAL DO OES	118479	14121	8,390
307	PLANALTO DE CAN	55208	12056	4,579
308	PORTO ALEGRE	602627	6777	88,922
309	COLONIAL DA ENC	63507	4762	13,336
310	LITORAL SETENTR	39333	5176	7,599
311	VINUCULTORA DE	99309	5077	19,561
312	COLONIAL DO ALT	29088	4963	5,861
313	COLONIAL DO BAI	44307	3422	12,948
314	FUMICULTURA DE	66000	6705	9,843
315	VALE DO JACUI	70158	13272	5,286
316	SANTA MARIA	62257	8219	7,575
317	LAGOA DOS PATOS	118775	15024	7,906
318	LITORAL ORIENTA	49163	6664	7,377
319	LAGOA MIRIM	20696	12288	1,684
320	ALTO CAMAQUA	34120	19690	1,733
321	CAMPANHA	147284	61998	2,376
322	TRITICULTORA DE	53272	20330	2,620
323	COLONIAL DAS MI	49647	10481	4,737
324	COLONIAL DE SAN	85788	8318	10,314
325	COLONIAL DO IRA	60898	7352	8,283
326	COLONIAL DE ERE	72654	11905	6,103
327	COLONIAL DE IJU	31483	3713	8,479
328	PASSO FUNDO	65466	7642	8,567
329	COLONIAL DO ALT	8799	1356	6,489
330	SOLEDADE	20464	4628	4,422
331	CAMPOS DE VACAR	34328	17766	1,932
332	NORTE MATO-GROS	57914	625001	0,093
333	ALTO GUAPORE-JA	36389	101009	0,360
334	ALTO PARAGUAI	17984	22428	0,802
335	BAIXADA CUIABAN	76284	69196	1,102
336	RONDONOPOLIS	29172	23665	1,233
337	GARCAS	17154	39702	0,432

Tabela 5.I: (Cont.)

Nº	Microrregião	Nº Famílias	Superf. km^2	Dens.Demográfica famílias/km^2
338	PANTANAIS	40753	110261	0,370
339	ALTO TAQUARI	16484	44470	0,371
340	PARANAIBA	17033	23113	0,737
341	BODOQUENA	14541	22851	0,636
342	PASTORIL DE CAM	86757	58118	1,493
343	TRES LAGOAS	17638	34986	0,504
344	CAMPOS DE VACAR	108453	56749	1,911
345	EXTREMO NORTE G	45377	38311	1,184
346	BAIXO ARAGUAIA	16264	26482	0,614
347	TOCANTINA DE PE	13140	64081	0,205
348	MEDIO TOCANTIS-	46481	98193	0,473
349	SERRA GERAL DE	22431	54412	0,412
350	ALTO TOCANTIS	47469	60694	0,782
351	CHAPADA DOS VEA	10875	31593	0,344
352	VAO DO PARANA	13030	20707	0,629
353	RIO VERMELHO	20087	22874	0,878
354	MATA GROSSO DE	328552	38301	8,578
355	PLANALTO GOIANO	53646	37073	1,447
356	ALTO ARAGUAIA G	22352	35122	0,636
357	SERRA DO CAIAPO	40095	39117	1,025
358	MEIA-PONTE	42277	18953	2,231
359	SUDESTE GOIANO	36589	24763	1,478
360	VERTENTE GOIANA	66163	31360	2,110
	DISTRITO FEDERA	266622	5771	46,200

Fonte: Dados Básicos do Censo Demográfico do Brasil de 1980

ANEXO II

Tabela 1.II. Valores máximos (MAX), mínimos (MIN) e variação porcentual (VAR) dos indicadores de renda, por Unidade da Federação. Brasil,1980.

U.F.		Desigualdade					Renda		Pobreza	
		Gini	Theil	50-	10+	5+	Média	Mediana	H	SEN
MA	MAX	0.605	0.553	21.3	48.7	35.5	3.690	1.758	0.692	0.451
	MIN	0.436	0.294	12.4	33.7	21.4	1.086	0.748	0.292	0.173
	VAR	32.47	61.16	52.82	36.41	49.56	109.05	80.61	81.30	89.10
PI	MAX	0.677	0.637	17.6	53.0	39.7	2.969	1.280	0.753	0.627
	MIN	0.521	0.467	7.6	42.7	29.9	1.017	0.461	0.430	0.274
	VAR	26.04	30.80	79.37	21.53	28.16	97.94	94.08	54.61	78.36
CE	MAX	0.655	0.605	22.5	50.4	36.6	4.535	2.134	0.737	0.551
	MIN	0.418	0.275	8.5	32.8	20.5	1.078	0.603	0.225	0.121
	VAR	44.18	75.00	90.32	42.31	56.39	123.18	11.87	106.44	127.98
RN	MAX	0.607	0.552	19.4	48.7	35.1	3.939	1.821	0.654	0.446
	MIN	0.468	0.334	12.0	35.4	22.6	1.221	0.760	0.286	0.159
	VAR	25.86	49.21	47.13	31.63	43.33	105.35	82.22	78.30	94.88
PB	MAX	0.621	0.578	18.0	50.4	37.5	3.625	1.661	0.725	0.511
	MIN	0.493	0.384	11.6	37.5	24.7	1.054	0.631	0.315	0.172
	VAR	22.98	40.33	43.24	29.35	41.16	109.90	89.88	78.85	99.27
PE	MAX	0.605	0.553	17.9	49.0	35.5	4.838	2.333	0.662	0.454
	MIN	0.499	0.409	12.2	38.2	26.9	1.397	0.734	0.205	0.118
	VAR	19.20	29.94	37.87	24.77	27.56	110.38	04.27	105.42	117.48
AL	MAX	0.603	0.554	19.2	49.0	35.8	4.024	1.864	0.679	0.426
	MIN	0.474	0.374	12.5	36.2	24.2	1.309	0.740	0.258	0.141
	VAR	23.96	38.79	42.27	30.05	38.67	101.82	86.33	89.86	100.53
SE	MAX	0.603	0.545	18.3	48.2	34.6	4.412	2.013	0.586	0.328
	MIN	0.504	0.400	12.1	38.7	26.7	1.467	0.903	0.244	0.132
	VAR	17.89	30.69	40.79	21.86	25.77	100.19	76.13	82.41	85.22
BA	MAX	0.601	0.557	18.2	49.0	36.8	6.289	3.181	0.532	0.305
	MIN	0.497	0.400	12.2	38.5	26.3	1.587	0.955	0.151	0.094
	VAR	18.94	32.81	39.47	24.00	33.28	119.40	07.64	111.57	105.76
MG	MAX	0.627	0.600	18.6	52.3	39.7	7.097	3.798	0.513	0.292
	MIN	0.477	0.347	11.7	35.0	23.1	1.869	0.982	0.084	0.050
	VAR	27.17	53.43	45.54	39.63	52.87	116.62	17.82	143.72	141.52
ES	MAX	0.594	0.555	15.2	49.0	36.8	5.771	3.254	0.479	0.265
	MIN	0.547	0.473	13.6	43.2	30.8	2.282	1.077	0.107	0.065
	VAR	8.24	15.95	11.11	12.58	17.75	86.65	00.53	126.96	121.21

Tabela 1.II. (Cont.)

U.F.		Desigualdade					Renda		Pobreza	
		Gini	Theil	50-	10+	5+	Média	Mediana	H	SEN
RJ	MAX	0.587	0.527	18.0	46.9	33.8	8.850	4.685	0.334	0.167
	MIN	0.500	0.419	13.2	39.2	27.9	3.136	1.592	0.055	0.037
	VAR	16.01	22.83	30.77	17.89	19.12	95.34	98.55	143.44	127.45
SP	MAX	0.581	0.525	18.8	46.8	34.3	8.362	4.950	0.347	0.186
	MIN	0.485	0.395	13.7	37.7	26.2	2.978	1.546	0.039	0.025
	VAR	18.01	28.26	31.38	21.54	26.78	94.96	04.80	159.59	152.61
PR	MAX	0.590	0.544	19.6	48.4	35.8	6.411	3.682	0.486	0.263
	MIN	0.476	0.392	13.4	36.5	26.0	1.899	1.047	0.076	0.046
	VAR	21.39	32.48	37.58	28.03	31.72	108.59	11.44	145.91	140.45
SC	MAX	0.573	0.509	19.0	45.2	33.4	6.369	3.790	0.257	0.137
	MIN	0.479	0.389	13.9	37.4	25.9	3.237	1.747	0.073	0.041
	VAR	17.87	26.73	31.00	18.89	25.30	65.21	73.79	111.52	107.87
RS	MAX	0.609	0.548	17.8	47.6	34.4	6.931	4.039	0.325	0.199
	MIN	0.501	0.415	11.5	38.8	27.0	3.293	1.715	0.061	0.037
	VAR	19.46	27.62	43.00	20.37	24.10	71.17	80.78	136.79	137.29
MT	MAX	0.588	0.537	16.5	47.3	35.2	5.087	2.649	0.289	0.172
	MIN	0.530	0.454	13.1	41.1	29.4	2.733	1.637	0.170	0.100
	VAR	10.38	16.75	22.97	14.03	17.96	60.20	47.22	51.85	52.94
MS	MAX	0.577	0.521	15.2	46.5	34.6	6.069	3.241	0.231	0.134
	MIN	0.554	0.500	13.9	45.0	32.9	3.580	1.823	0.113	0.061
	VAR	4.07	4.11	8.93	3.28	5.04	51.59	56.00	68.60	74.87
GO	MAX	0.596	0.531	17.2	47.4	34.7	4.851	2.520	0.599	0.376
	MIN	0.506	0.400	12.3	38.3	25.0	1.325	0.861	0.193	0.106
	VAR	16.33	28.14	33.22	21.24	32.50	114.18	98.14	102.53	112.30

Fonte: Dados básicos do Censo Demográfico do Brasil de 1980

Tabela 2.II. Valores máximos (MAX), mínimos (MIN) e variação porcentual (VAR) dos indicadores de escolaridade por Unidade da Federação. Brasil, 1980.

U.F.		Desigualdade		Escolaridade		Proporção com esc. > 1 ano
		Gini	Theil	Média	Mediana	
MA	MAX	0.643	0.532	4.376	4.000	0.714
	MIN	0.501	0.349	1.172	0.551	0.275
	VAR	24.83	41.54	115.50	151.57	88.78
PI	MAX	0.643	0.536	3.053	1.000	0.730
	MIN	0.593	0.456	1.184	0.536	0.449
	VAR	8.09	16.13	88.22	60.42	47.67
CE	MAX	0.647	0.541	3.839	3.000	0.775
	MIN	0.533	0.385	1.061	0.495	0.322
	VAR	19.32	33.69	113.39	143.35	82.59
RN	MAX	0.632	0.514	3.432	2.000	0.707
	MIN	0.560	0.417	1.224	0.559	0.383
	VAR	12.08	20.84	94.85	112.62	59.45
PB	MAX	0.656	0.558	3.277	1.000	0.745
	MIN	0.596	0.460	1.157	0.521	0.431
	VAR	9.58	19.25	95.62	62.98	53.40
PE	MAX	0.655	0.550	4.172	3.000	0.738
	MIN	0.514	0.363	1.251	0.528	0.286
	VAR	24.12	40.96	107.73	140.14	88.28
AL	MAX	0.648	0.549	3.641	2.000	0.732
	MIN	0.568	0.426	1.224	0.533	0.385
	VAR	13.16	25.23	99.36	115.83	62.13
SE	MAX	0.627	0.525	3.512	2.000	0.767
	MIN	0.560	0.416	1.072	0.502	0.372
	VAR	11.29	23.17	106.46	119.74	69.36
BA	MAX	0.649	0.546	4.365	4.000	0.828
	MIN	0.505	0.353	0.931	0.455	0.274
	VAR	24.96	42.94	129.68	159.15	100.54
MG	MAX	0.620	0.499	4.638	4.000	0.677
	MIN	0.452	0.297	1.284	0.594	0.196
	VAR	31.34	50.75	113.27	148.28	110.19
ES	MAX	0.602	0.470	4.665	4.000	0.546
	MIN	0.462	0.305	2.042	0.832	0.210
	VAR	26.32	42.58	78.22	131.13	88.89

Tabela 2.II. (Cont.)

U.F.		Desigualdade		Escolaridade		Proporção com esc. > 1 ano
		Gini	Theil	Média	Mediana	
RJ	MAX	0.545	0.403	5.799	4.000	0.390
	MIN	0.421	0.261	2.709	2.000	0.146
	VAR	25.67	42.77	72.64	66.67	91.04
SP	MAX	0.554	0.415	4.687	4.000	0.434
	MIN	0.453	0.297	2.306	1.000	0.196
	VAR	20.06	33.15	68.10	120.00	75.56
PR	MAX	0.574	0.437	4.685	4.000	0.563
	MIN	0.430	0.286	1.629	0.787	0.197
	VAR	28.69	41.77	96.80	134.24	96.32
SC	MAX	0.473	0.327	5.079	4.000	0.301
	MIN	0.376	0.228	3.004	3.000	0.136
	VAR	22.85	35.68	51.34	28.57	75.51
RS	MAX	0.492	0.348	5.103	4.000	0.319
	MIN	0.359	0.214	3.099	3.000	0.132
	VAR	31.26	47.69	48.87	28.57	82.93
MT	MAX	0.579	0.444	3.540	2.000	0.522
	MIN	0.542	0.394	1.963	0.907	0.340
	VAR	6.60	11.93	57.31	75.20	42.23
MS	MAX	0.555	0.413	4.020	3.000	0.434
	MIN	0.499	0.346	2.305	1.000	0.263
	VAR	10.63	17.65	54.23	100.00	49.07
GO	MAX	0.610	0.485	3.824	3.000	0.622
	MIN	0.506	0.358	1.472	0.672	0.293
	VAR	18.64	30.13	88.82	126.80	71.91

Fonte: Dados Básicos do Censo Demográfico do Brasil de 1980.

Tabela 3.II. Valores máximos (MAX), mínimos (MIN) e variação porcentual (VAR) das características da distribuição da posse da terra, por Unidade da Federação. Brasil, 1980.

U.F.		Desigualdade			Area	
		Gini	Theil	5+	Média	Mediana
MA	MAX	0.937	0.981	92.200	211.007	10.613
	MIN	0.833	0.829	57.300	5.860	0.869
	VAR	11.10	15.49	37.85	97.22	91.81
PI	MAX	0.939	0.978	85.700	299.357	27.390
	MIN	0.768	0.758	51.200	20.342	1.108
	VAR	18.21	22.49	40.26	93.20	95.95
CE	MAX	0.883	0.914	75.500	107.136	41.645
	MIN	0.626	0.541	33.900	19.153	2.120
	VAR	29.11	40.81	55.10	82.12	94.91
RN	MAX	0.914	0.959	80.500	102.871	18.199
	MIN	0.755	0.753	51.500	17.199	1.292
	VAR	17.40	21.48	36.02	83.28	92.90
PB	MAX	0.905	0.960	82.400	67.916	15.334
	MIN	0.658	0.606	39.300	10.508	1.282
	VAR	27.29	36.88	52.31	84.53	91.64
PE	MAX	0.892	0.913	81.300	47.061	8.363
	MIN	0.730	0.706	46.800	5.748	1.421
	VAR	18.16	22.67	42.44	87.79	83.01
AL	MAX	0.887	0.886	70.700	78.543	5.253
	MIN	0.779	0.787	55.900	11.066	1.785
	VAR	12.18	11.17	20.93	85.91	66.02
SE	MAX	0.897	0.928	75.700	42.038	9.614
	MIN	0.678	0.649	42.300	5.898	1.353
	VAR	24.41	30.06	44.12	85.97	85.93
BA	MAX	0.913	0.960	80.600	245.006	73.140
	MIN	0.679	0.648	40.000	15.131	1.292
	VAR	25.63	32.50	50.37	93.82	98.23
MG	MAX	0.848	0.924	71.100	725.445	109.020
	MIN	0.614	0.523	30.800	24.320	9.735
	VAR	27.59	43.40	56.68	96.65	91.07
ES	MAX	0.770	0.815	54.900	152.901	43.380
	MIN	0.501	0.380	25.600	40.675	16.582
	VAR	34.94	53.37	53.37	73.40	61.78

Tabela 3.II. (Cont.)

U.F.		Desigualdade			Area	
		Gini	Theil	5+	Média	Mediana
RJ	MAX	0.853	0.922	72.000	127.306	61.247
	MIN	0.647	0.558	33.500	6.055	2.284
	VAR	24.15	39.48	53.47	95.24	96.27
SP	MAX	0.910	0.937	82.700	165.347	55.420
	MIN	0.629	0.536	33.300	27.140	5.100
	VAR	30.88	42.80	59.73	83.59	90.80
PR	MAX	0.900	0.951	82.500	105.151	23.240
	MIN	0.561	0.528	33.400	18.839	8.286
	VAR	37.67	44.48	59.52	82.08	64.35
SC	MAX	0.747	0.772	52.700	150.236	48.746
	MIN	0.471	0.408	25.100	13.727	2.847
	VAR	36.95	47.15	52.37	90.86	94.16
RS	MAX	0.840	0.854	65.700	286.237	60.639
	MIN	0.431	0.283	18.500	13.115	9.548
	VAR	48.69	66.86	71.84	95.42	84.25
MT	MAX	0.935	0.956	87.100	949.499	109.008
	MIN	0.790	0.747	49.300	286.969	11.003
	VAR	15.51	21.86	43.40	69.78	89.91
MS	MAX	0.887	0.897	72.400	2111.154	240.891
	MIN	0.747	0.682	42.600	218.510	16.890
	VAR	15.78	23.97	41.16	89.65	92.99
GO	MAX	0.812	0.990	60.100	662.883	211.753
	MIN	0.606	0.550	35.800	108.073	36.779
	VAR	25.37	44.44	40.43	83.70	82.63

Fonte: Dados Básicos do Censo Agropecuário do Brasil de 1980.

Tabela 4.II. Valores máximos (MAX) e mínimos (MIN) e variação (VAR) da porcentagem da mão de obra da PEA alocada na agricultura, no comércio e na prestação de serviços, e da porcentagem de mulheres na PEA, por Unidade da Federação. Brasil, 1980.

U.F.		Agricultura	Comércio	Serviços	Mulheres
MA	MAX	87.100	14.530	23.670	35.020
	MIN	9.830	2.360	2.550	12.640
	VAR	159.43	144.11	161.10	93.92
PI	MAX	83.080	10.420	17.060	31.970
	MIN	31.180	2.210	3.820	12.240
	VAR	90.85	130.01	126.82	89.26
CE	MAX	83.140	15.270	25.990	37.240
	MIN	6.060	2.580	4.600	10.320
	VAR	172.83	142.18	139.85	113.20
RN	MAX	73.390	12.880	18.890	32.870
	MIN	15.790	3.470	4.000	15.840
	VAR	129.18	115.11	130.10	69.92
PB	MAX	84.000	12.420	18.160	32.010
	MIN	19.760	2.320	3.690	13.650
	VAR	123.82	137.04	132.45	80.42
PE	MAX	78.970	15.480	25.110	34.170
	MIN	3.440	3.470	4.570	18.650
	VAR	183.30	126.75	138.41	58.77
AL	MAX	78.540	13.350	23.090	34.910
	MIN	10.760	3.150	3.890	16.600
	VAR	151.80	123.64	142.33	71.09
SE	MAX	81.310	12.730	20.070	34.470
	MIN	11.540	2.570	4.670	18.970
	VAR	150.29	132.81	124.49	58.01
BA	MAX	82.120	13.340	25.220	34.390
	MIN	2.540	2.250	3.940	13.260
	VAR	188.00	142.27	145.95	88.69
MG	MAX	82.480	13.700	25.520	34.140
	MIN	1.880	1.720	4.500	14.490
	VAR	191.09	155.38	140.04	80.81
ES	MAX	69.240	12.910	24.100	31.380
	MIN	2.840	3.790	7.120	14.460
	VAR	184.24	109.22	108.78	73.82

Tabela 4.II. (Cont.)

U.F.		Agricultura	Comércio	Serviços	Mulheres
RJ	MAX	51.130	12.780	27.160	35.310
	MIN	0.440	5.190	2.460	18.810
	VAR	196.59	84.47	166.78	60.98
SP	MAX	61.280	13.410	30.320	32.740
	MIN	0.780	3.740	7.650	15.870
	VAR	194.97	112.77	119.41	69.41
PR	MAX	86.340	15.730	25.550	31.900
	MIN	6.050	2.040	2.530	16.180
	VAR	173.81	154.08	163.96	65.39
SC	MAX	64.440	13.670	21.100	35.070
	MIN	8.900	3.170	6.180	15.510
	VAR	151.46	124.70	109.38	77.34
RS	MAX	72.050	14.190	20.800	37.380
	MIN	1.910	3.760	6.440	19.060
	VAR	189.67	116.21	105.43	64.92
MT	MAX	63.970	11.630	18.870	25.690
	MIN	19.420	5.270	8.920	10.030
	VAR	106.85	75.27	71.61	87.68
MS	MAX	55.450	13.160	23.390	27.700
	MIN	18.290	6.940	14.280	13.890
	VAR	100.79	61.89	48.37	66.41
GO	MAX	80.690	13.100	23.910	28.080
	MIN	21.000	1.610	5.430	8.550
	VAR	117.40	156.22	125.97	106.63

Fonte: Dados Básicos do Censo Demográfico do Brasil para 1980.

Tabela 5.II. Valores máximos (MAX) e mínimos (MIN) e variação porcentual (VAR) da densidade demográfica de famílias, por Unidade da Federação. Brasil, 1980.

U.F.		Famílias	Dens.Demográfica
MA	MAX	123968	63.554
	MIN	7565	0.306
	VAR	176.99	198.08
PI	MAX	104215	9.668
	MIN	5576	0.210
	VAR	179.69	191.50
CE	MAX	329917	94.722
	MIN	7869	1.968
	VAR	190.68	191.86
RN	MAX	143031	35.794
	MIN	6922	2.223
	VAR	181.54	176.61
PB	MAX	137493	31.857
	MIN	11950	3.543
	VAR	168.01	159.97
PE	MAX	495888	300.720
	MIN	25021	2.126
	VAR	180.79	197.19
AL	MAX	108529	79.450
	MIN	18413	5.912
	VAR	141.98	172.30
SE	MAX	90690	30.392
	MIN	13247	0.501
	VAR	149.02	193.51
BA	MAX	389788	115.424
	MIN	15547	0.675
	VAR	184.66	197.67
MG	MAX	574118	102.539
	MIN	7803	0.836
	VAR	194.64	196.77
ES	MAX	160103	109.585
	MIN	20513	4.547
	VAR	154.57	184.06
RJ	MAX	1383695	11181.635
	MIN	14464	5.670
	VAR	195.86	198.09

Tabela 5.II. (Cont.)

U.F.		Famílias	Dens.Demográfica
SP	MAX	3120670	392.488
	MIN	9316	2.027
	VAR	198.81	197.94
PR	MAX	198046	19.364
	MIN	6692	1.920
	VAR	186.93	163.92
SC	MAX	602627	88.922
	MIN	8843	2.792
	VAR	194.22	187.82
RS	MAX	147284	19.561
	MIN	8799	0.093
	VAR	177.45	198.11
MT	MAX	76284	1.233
	MIN	17154	0.360
	VAR	126.57	109.60
MS	MAX	108453	1.911
	MIN	14541	0.371
	VAR	152.71	134.97
GO	MAX	328552	8.578
	MIN	10875	0.205
	VAR	187.18	190.66

Fonte: Dados Básicos do Censo Demográfico do Brasil para 1980.

ANEXO III

Tabela 1.III: Correlação simples entre as variáveis utilizadas em 332 Microrregiões Homogêneas. Brasil, 1980.

	REGINI	RETHEIL	RE50M	RE10M	RE5M	REMEDIA	REMDNA	REH	RESEN
REGINI	1.00000	0.98661	-0.98946	0.97818	0.94894	-0.09531	-0.25152	0.16423	0.18335
	0.0	0.0001	0.0001	0.0001	0.0001	0.0829	0.0001	0.0027	0.0008
RETHEIL	0.98661	1.00000	-0.95708	0.99230	0.98298	-0.13989	-0.28911	0.18905	0.19956
	0.0001	0.0	0.0001	0.0001	0.0001	0.0107	0.0001	0.0005	0.0003
RE50M	-0.98946	-0.95708	1.00000	-0.94230	-0.90245	0.04531	0.20195	-0.11318	-0.14013
	0.0001	0.0001	0.0	0.0001	0.0001	0.4105	0.0002	0.0393	0.0106
RE10M	0.97818	0.99230	-0.94230	1.00000	0.98648	-0.15566	-0.30517	0.19653	0.20111
	0.0001	0.0001	0.0001	0.0	0.0001	0.0045	0.0001	0.0003	0.0002
RE5M	0.94894	0.98298	-0.90245	0.98648	1.00000	-0.18207	-0.32177	0.18918	0.18427
	0.0001	0.0001	0.0001	0.0001	0.0	0.0009	0.0001	0.0005	0.0007
REMEDIA	-0.09531	-0.13989	0.04531	-0.15566	-0.18207	1.00000	0.98330	-0.88647	-0.84558
	0.0829	0.0107	0.4105	0.0045	0.0009	0.0	0.0001	0.0001	0.0001
REMDNA	-0.25152	-0.28911	0.20195	-0.30517	-0.32177	0.98330	1.00000	-0.89224	-0.84965
	0.0001	0.0001	0.0002	0.0001	0.0001	0.0001	0.0	0.0001	0.0001
REH	0.16423	0.18905	-0.11318	0.19653	0.18918	-0.88647	-0.89224	1.00000	0.98778
	0.0027	0.0005	0.0393	0.0003	0.0005	0.0001	0.0001	0.0	0.0001
RESEN	0.18335	0.19956	-0.14013	0.20111	0.18427	-0.84558	-0.84965	0.98778	1.00000
	0.0008	0.0003	0.0106	0.0002	0.0007	0.0001	0.0001	0.0001	0.0
TEGINI	0.05545	0.04779	-0.03348	0.06501	0.03843	-0.06554	-0.08394	0.18265	0.19650
	0.3138	0.3854	0.5432	0.2375	0.4853	0.2336	0.1269	0.0008	0.0003
TETHEIL	-0.05438	-0.06169	0.07152	-0.04791	-0.06631	-0.00098	-0.00030	0.11886	0.13678
	0.3233	0.2623	0.1936	0.3842	0.2282	0.9857	0.9956	0.0304	0.0126
TE5M	-0.00031	-0.01090	0.01639	0.00899	-0.01554	-0.08962	-0.09610	0.19076	0.20662
	0.9955	0.8432	0.7660	0.8704	0.7779	0.1031	0.0804	0.0005	0.0001
TEMEDIA	0.12953	0.15548	-0.11078	0.15853	0.18020	-0.09300	-0.11249	-0.00077	-0.00937
	0.0182	0.0045	0.0437	0.0038	0.0010	0.0907	0.0405	0.9889	0.8650
TEMDIANA	0.11406	0.13899	-0.09833	0.14159	0.16329	-0.08538	-0.09820	-0.04030	-0.05418
	0.0378	0.0112	0.0736	0.0098	0.0028	0.1205	0.0740	0.4643	0.3250
ESGINI	0.16746	0.20928	-0.10043	0.21971	0.23192	-0.79701	-0.80670	0.88145	0.84764
	0.0022	0.0001	0.0676	0.0001	0.0001	0.0001	0.0001	0.0001	0.0001
ESTHEIL	0.13837	0.18086	-0.07212	0.18989	0.20259	-0.81413	-0.81888	0.90138	0.86782
	0.0116	0.0009	0.1899	0.0005	0.0002	0.0001	0.0001	0.0001	0.0001
ESMEDIA	0.00851	-0.04385	-0.06569	-0.05244	-0.08576	0.93350	0.90447	-0.90387	-0.86342
	0.8772	0.4259	0.2326	0.3409	0.1188	0.0001	0.0001	0.0001	0.0001

Tabela 1.III. (Cont.)

	REGINI	RETHEIL	RE50M	RE10M	RE5M	REMEDIA	REMDNA	REH	RESEN
EGH	0.04365	0.08455	0.01740	0.08871	0.10107	-0.84336	-0.83507	0.93491	0.90394
	0.4280	0.1242	0.7521	0.1067	0.0659	0.0001	0.0001	0.0001	0.0001
REDD	0.01825	-0.02837	-0.05903	-0.05566	-0.08699	0.66122	0.61200	-0.41907	-0.38352
	0.7405	0.6065	0.2835	0.3120	0.1136	0.0001	0.0001	0.0001	0.0001
MOMUL	0.02164	-0.03573	-0.05933	-0.02501	-0.07552	0.73976	0.70952	-0.63299	-0.60478
	0.6945	0.5165	0.2810	0.6498	0.1698	0.0001	0.0001	0.0001	0.0001
MOAGRI	0.00973	0.05009	0.03169	0.05305	0.07819	-0.87420	-0.85827	0.84771	0.81373
	0.8599	0.3629	0.5650	0.3353	0.1552	0.0001	0.0001	0.0001	0.0001
MOCOM	0.20950	0.18429	-0.23115	0.19376	0.17211	0.68817	0.64218	-0.70798	-0.68757
	0.0001	0.0007	0.0001	0.0004	0.0016	0.0001	0.0001	0.0001	0.0001
MOSERV	0.35769	0.30689	-0.39420	0.30561	0.25426	0.75482	0.66387	-0.65514	-0.63538
	0.0001	0.0001	0.0001	0.0001	0.0001	0.0001	0.0001	0.0001	0.0001
FATOR1	0.05995	0.01724	-0.10005	-0.00238	-0.03508	0.40395	0.35295	-0.32345	-0.31027
	0.2761	0.7543	0.0686	0.9656	0.5242	0.0001	0.0001	0.0001	0.0001
FATOR2	0.09350	0.10333	-0.09337	0.11347	0.12182	0.08088	0.06451	-0.25335	-0.26940
	0.0890	0.0600	0.0894	0.0388	0.0265	0.1414	0.2411	0.0001	0.0001
NUMFAM	-0.23641	-0.25343	0.20931	-0.26765	-0.26634	0.71610	0.73842	-0.49659	-0.45821
	0.0001	0.0001	0.0001	0.0001	0.0001	0.0001	0.0001	0.0001	0.0001
NUMFAMP	-0.23641	-0.25343	0.20931	-0.26765	-0.26634	0.71610	0.73842	-0.49659	-0.45821
	0.0001	0.0001	0.0001	0.0001	0.0001	0.0001	0.0001	0.0001	0.0001

Tabela 1.III. (Cont.)

	TEGINI	TETHEIL	TE5M	TEMEDIA	TEMDIANA	ESGINI	ESTHEIL	ESMEDIA	ESH
REGINI	0.05545	-0.05438	-0.00031	0.12953	0.11406	0.16746	0.13837	0.00851	0.04365
	0.3138	0.3233	0.9955	0.0182	0.0378	0.0022	0.0116	0.8772	0.4280
RETHEIL	0.04779	-0.06169	-0.01090	0.15548	0.13899	0.20928	0.18086	-0.04385	0.08455
	0.3854	0.2623	0.8432	0.0045	0.0112	0.0001	0.0009	0.4259	0.1242
RE50M	-0.03348	0.07152	0.01639	-0.11078	-0.09833	-0.10043	-0.07212	-0.06569	0.01740
	0.5432	0.1936	0.7660	0.0437	0.0736	0.0676	0.1899	0.2326	0.7521
RE10M	0.06501	-0.04791	0.00899	0.15853	0.14159	0.21971	0.18989	-0.05244	0.08871
	0.2375	0.3842	0.8704	0.0038	0.0098	0.0001	0.0005	0.3409	0.1067
RE5M	0.03843	-0.06631	-0.01554	0.18020	0.16329	0.23192	0.20259	-0.08576	0.10107
	0.4853	0.2282	0.7779	0.0010	0.0028	0.0001	0.0002	0.1188	0.0659
REMEDIA	-0.06554	-0.00098	-0.08962	-0.09300	-0.08538	-0.79701	-0.81413	0.93350	-0.84336
	0.2336	0.9857	0.1031	0.0907	0.1205	0.0001	0.0001	0.0001	0.0001
REMDNA	-0.08394	-0.00030	-0.09610	-0.11249	-0.09820	-0.80670	-0.81888	0.90447	-0.83507
	0.1269	0.9956	0.0804	0.0405	0.0740	0.0001	0.0001	0.0001	0.0001
REH	0.18265	0.11886	0.19076	-0.00077	-0.04030	0.88145	0.90138	-0.90387	0.93491
	0.0008	0.0304	0.0005	0.9889	0.4643	0.0001	0.0001	0.0001	0.0001
RESEN	0.19650	0.13678	0.20662	-0.00937	-0.05418	0.84764	0.86782	-0.86342	0.90394
	0.0003	0.0126	0.0001	0.8650	0.3250	0.0001	0.0001	0.0001	0.0001
TEGINI	1.00000	0.94244	0.94718	0.03315	-0.24992	0.39789	0.36335	-0.13568	0.28605
	0.0	0.0001	0.0001	0.5472	0.0001	0.0001	0.0001	0.0133	0.0001
TETHEIL	0.94244	1.00000	0.94656	-0.05150	-0.31161	0.30875	0.28103	-0.08569	0.22380
	0.0001	0.0	0.0001	0.3495	0.0001	0.0001	0.0001	0.1192	0.0001
TE5M	0.94718	0.94656	1.00000	-0.07838	-0.35413	0.35289	0.32631	-0.13295	0.26549
	0.0001	0.0001	0.0	0.1542	0.0001	0.0001	0.0001	0.0154	0.0001
TEMEDIA	0.03315	-0.05150	-0.07838	1.00000	0.72047	0.08121	0.06657	-0.11611	0.05365
	0.5472	0.3495	0.1542	0.0	0.0001	0.1398	0.2264	0.0345	0.3298
TEMDIANA	-0.24992	-0.31161	-0.35413	0.72047	1.00000	0.01006	-0.00070	-0.09041	-0.00415
	0.0001	0.0001	0.0001	0.0001	0.0	0.8551	0.9898	0.1001	0.9399
ESGINI	0.39789	0.30875	0.35289	0.08121	0.01006	1.00000	0.99676	-0.89030	0.96429
	0.0001	0.0001	0.0001	0.1398	0.8551	0.0	0.0	0.0001	0.0001
ESTHEIL	0.36335	0.28103	0.32631	0.06657	-0.00070	0.99676	1.00000	-0.90889	0.97990
	0.0001	0.0001	0.0001	0.2264	0.9898	0.0	0.0	0.0001	0.0001
ESMEDIA	-0.13568	-0.08569	-0.13295	-0.11611	-0.09041	-0.89030	-0.90889	1.00000	-0.94263
	0.0133	0.1192	0.0154	0.0345	0.1001	0.0001	0.0001	0.0	0.0001

Tabela 1.III. (Cont.)

	TEGINI	TETHEIL	TE5M	TEMEDIA	TEMDIANA	ESGINI	ESTHEIL	ESMEDIA	ESH
ESH	0.28605	0.22380	0.26549	0.05365	-0.00415	0.96429	0.97990	-0.94263	1.00000
	0.0001	0.0001	0.0001	0.3298	0.9399	0.0001	0.0001	0.0001	0.0
REDD	0.03126	0.08181	0.03560	-0.19011	-0.23744	-0.42801	-0.43245	0.61414	-0.42372
	0.5703	0.1369	0.5180	0.0005	0.0001	0.0001	0.0001	0.0001	0.0001
MOMUL	0.10870	0.14215	0.14366	-0.27649	-0.29745	-0.58733	-0.60295	0.79711	-0.66343
	0.0478	0.0095	0.0088	0.0001	0.0001	0.0001	0.0001	0.0001	0.0001
MOAGRI	-0.10799	-0.13522	-0.07800	0.10538	0.11739	0.73067	0.76132	-0.91450	0.83246
	0.0493	0.0137	0.1562	0.0551	0.0325	0.0001	0.0001	0.0001	0.0001
MOCOM	0.19400	0.19728	0.18104	-0.06825	-0.09260	-0.54827	-0.58836	0.77988	-0.69458
	0.0004	0.0003	0.0009	0.2149	0.0921	0.0001	0.0001	0.0001	0.0001
MOSERV	0.03116	-0.00568	-0.03393	0.02763	0.04926	-0.54064	-0.57574	0.76958	-0.65939
	0.5716	0.9179	0.5378	0.6160	0.3710	0.0001	0.0001	0.0001	0.0001
FATOR1	-0.26260	-0.23757	-0.23411	-0.17102	-0.16166	-0.41487	-0.40600	0.46918	-0.37672
	0.0001	0.0001	0.0001	0.0018	0.0031	0.0001	0.0001	0.0001	0.0001
FATOR2	-0.20556	-0.28903	-0.26758	0.32810	0.31129	-0.18682	-0.20155	0.12496	-0.22849
	0.0002	0.0001	0.0001	0.0001	0.0001	0.0006	0.0002	0.0228	0.0001
NUMFAM	0.15494	0.25343	0.15700	-0.17613	-0.22808	-0.40902	-0.41804	0.53303	-0.43023
	0.0047	0.0001	0.0041	0.0013	0.0001	0.0001	0.0001	0.0001	0.0001
NUMFAMP	0.15494	0.25343	0.15700	-0.17613	-0.22808	-0.40902	-0.41804	0.53303	-0.43023
	0.0047	0.0001	0.0041	0.0013	0.0001	0.0001	0.0001	0.0001	0.0001

Tabela 1.III. (Cont.)

	REDD	MOMUL	MOAGRI	MOCOM	MOSERV	FATOR1	FATOR2	NUMFAM	NUMFAMP
REGINI	0.01825	0.02164	0.00973	0.20950	0.35769	0.05995	0.09350	-0.23641	-0.23641
	0.7405	0.6945	0.8599	0.0001	0.0001	0.2761	0.0890	0.0001	0.0001
RETHEIL	-0.02837	-0.03573	0.05009	0.18429	0.30689	0.01724	0.10333	-0.25343	-0.25343
	0.6065	0.5165	0.3629	0.0007	0.0001	0.7543	0.0600	0.0001	0.0001
RE50M	-0.05903	-0.05933	0.03169	-0.23115	-0.39420	-0.10005	-0.09337	0.20931	0.20931
	0.2835	0.2810	0.5650	0.0001	0.0001	0.0686	0.0894	0.0001	0.0001
RE10M	-0.05566	-0.02501	0.05305	0.19376	0.30561	-0.00238	0.11347	-0.26765	-0.26765
	0.3120	0.6498	0.3353	0.0004	0.0001	0.9656	0.0388	0.0001	0.0001
RE5M	-0.08699	-0.07552	0.07819	0.17211	0.25426	-0.03508	0.12182	-0.26634	-0.26634
	0.1136	0.1698	0.1552	0.0016	0.0001	0.5242	0.0265	0.0001	0.0001
REMEDIA	0.66122	0.73976	-0.87420	0.68817	0.75482	0.40395	0.08088	0.71610	0.71610
	0.0001	0.0001	0.0001	0.0001	0.0001	0.0001	0.1414	0.0001	0.0001
REMDNA	0.61200	0.70952	-0.85827	0.64218	0.66387	0.35295	0.06451	0.73842	0.73842
	0.0001	0.0001	0.0001	0.0001	0.0001	0.0001	0.2411	0.0001	0.0001
REH	-0.41907	-0.63299	0.84771	-0.70798	-0.65514	-0.32345	-0.25335	-0.49659	-0.49659
	0.0001	0.0001	0.0001	0.0001	0.0001	0.0001	0.0001	0.0001	0.0001
RESEN	-0.38352	-0.60478	0.81373	-0.68757	-0.63538	-0.31027	-0.26940	-0.45821	-0.45821
	0.0001	0.0001	0.0001	0.0001	0.0001	0.0001	0.0001	0.0001	0.0001
TEGINI	0.03126	0.10870	-0.10799	0.19400	0.03116	-0.26260	-0.20556	0.15494	0.15494
	0.5703	0.0478	0.0493	0.0004	0.5716	0.0001	0.0002	0.0047	0.0047
TETHEIL	0.08181	0.14215	-0.13522	0.19728	-0.00568	-0.23757	-0.28903	0.25343	0.25343
	0.1369	0.0095	0.0137	0.0003	0.9179	0.0001	0.0001	0.0001	0.0001
TE5M	0.03560	0.14366	-0.07800	0.18104	-0.03393	-0.23411	-0.26758	0.15700	0.15700
	0.5180	0.0088	0.1562	0.0009	0.5378	0.0001	0.0001	0.0041	0.0041
TEMEDIA	-0.19011	-0.27649	0.10538	-0.06825	0.02763	-0.17102	0.32810	-0.17613	-0.17613
	0.0005	0.0001	0.0551	0.2149	0.6160	0.0018	0.0001	0.0013	0.0013
TEMDIANA	-0.23744	-0.29745	0.11739	-0.09260	0.04926	-0.16166	0.31129	-0.22808	-0.22808
	0.0001	0.0001	0.0325	0.0921	0.3710	0.0031	0.0001	0.0001	0.0001
ESGINI	-0.42801	-0.58733	0.73067	-0.54827	-0.54064	-0.41487	-0.18682	-0.40902	-0.40902
	0.0001	0.0001	0.0001	0.0001	0.0001	0.0001	0.0006	0.0001	0.0001
ESTHEIL	-0.43245	-0.60295	0.76132	-0.58836	-0.57574	-0.40600	-0.20155	-0.41804	-0.41804
	0.0001	0.0001	0.0001	0.0001	0.0001	0.0001	0.0002	0.0001	0.0001
ESMEDIA	0.61414	0.79711	-0.91450	0.77988	0.76958	0.46918	0.12496	0.53303	0.53303
	0.0001	0.0001	0.0001	0.0001	0.0001	0.0001	0.0228	0.0001	0.0001

Tabela 1.III. (Cont.)

	REDD	MOMUL	MOAGRI	MOCOM	MOSERV	FATOR1	FATOR2	NUMFAM	NUMFAMP
ESH	-0.42372	-0.66343	0.83246	-0.69458	-0.65939	-0.37672	-0.22849	-0.43023	-0.43023
	0.0001	0.0001	0.0001	0.0001	0.0001	0.0001	0.0001	0.0001	0.0001
REDD	1.00000	0.50474	-0.51083	0.38430	0.47173	0.70119	-0.19201	0.59731	0.59731
	0.0	0.0001	0.0001	0.0001	0.0001	0.0001	0.0004	0.0001	0.0001
MOMUL	0.50474	1.00000	-0.81429	0.75713	0.66325	0.31508	-0.09449	0.48431	0.48431
	0.0001	0.0	0.0001	0.0001	0.0001	0.0001	0.0856	0.0001	0.0001
MOAGRI	-0.51083	-0.81429	1.00000	-0.87656	-0.76020	-0.24144	-0.04223	-0.56372	-0.56372
	0.0001	0.0001	0.0	0.0001	0.0001	0.0001	0.4432	0.0001	0.0001
MOCOM	0.38430	0.75713	-0.87656	1.00000	0.74303	0.21223	0.05424	0.39088	0.39088
	0.0001	0.0001	0.0001	0.0	0.0001	0.0001	0.3245	0.0001	0.0001
MOSERV	0.47173	0.66325	-0.76020	0.74303	1.00000	0.32783	0.17840	0.36619	0.36619
	0.0001	0.0001	0.0001	0.0001	0.0	0.0001	0.0011	0.0001	0.0001
FATOR1	0.70119	0.31508	-0.24144	0.21223	0.32783	1.00000	0.14623	0.04433	0.04433
	0.0001	0.0001	0.0001	0.0001	0.0001	0.0	0.0076	0.4207	0.4207
FATOR2	-0.19201	-0.09449	-0.04223	0.05424	0.17840	0.14623	1.00000	-0.32754	-0.32754
	0.0004	0.0856	0.4432	0.3245	0.0011	0.0076	0.0	0.0001	0.0001
NUMFAM	0.59731	0.48431	-0.56372	0.39088	0.36619	0.04433	-0.32754	1.00000	1.00000
	0.0001	0.0001	0.0001	0.0001	0.0001	0.4207	0.0001	0.0	0.0
NUMFAMP	0.59731	0.48431	-0.56372	0.39088	0.36619	0.04433	-0.32754	1.00000	1.00000
	0.0001	0.0001	0.0001	0.0001	0.0001	0.4207	0.0001	0.0	0.0